

**CENTRO UNIVERSITÁRIO ACADEMIA
OLÍVIA DE CASTRO OLIVEIRA BENTO**

**NOS LIMITES DA ESCRITA E DA REPRESENTAÇÃO
EM *O FILHO ETERNO*, DE CRISTOVÃO TEZZA:
AUTORIA, SÍNDROME DE DOWN, TERAPIAS E ESCOLARIZAÇÃO**

Juiz de Fora
2021

OLÍVIA DE CASTRO OLIVEIRA BENTO

**NOS LIMITES DA ESCRITA E DA REPRESENTAÇÃO
EM *O FILHO ETERNO*, DE CRISTOVÃO TEZZA:
AUTORIA, SÍNDROME DE DOWN, TERAPIAS E ESCOLARIZAÇÃO**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Letras, pelo Centro Universitário Academia - UniAcademia, área de concentração: Literatura Brasileira. Linha de pesquisa: enfoques transdisciplinares e transmidiáticos.

Orientador: Prof. Dr. Altamir Celio de Andrade

Juiz de Fora
2021

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca UniAcademia

B478

Bento, Olívia de Castro Oliveira,

Nos limites da escrita e da representação em *O filho eterno*, de Cristovão Tezza: autoria, síndrome de Down, terapias e escolarização. / Olívia de Castro Oliveira Bento, orientador, Prof. Dr. Altamir Celio de Andrade.– Juiz de Fora : 2021.

100 p., il. color.

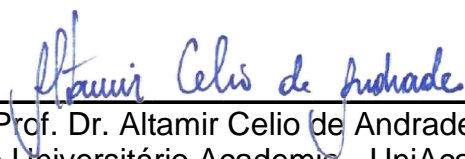
Dissertação (Mestrado – Mestrado em Letras: Literatura brasileira) – Centro Universitário UniAcademia, 2021.

1. Cristovão Tezza. 2. O filho eterno. 3. Autoficção. 4. Síndrome de Down. 5. Escolarização. I. Andrade, Altamir Celio de, orient. II. Título.

CDD: B869.3

BENTO, Olívia de Castro Oliveira.
Nos limites da escrita e da representação em *O filho eterno*, de Cristovão Tezza: autoria, síndrome de Down, terapias e escolarização. Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras, Centro Universitário Academia - UniAcademia, área de concentração: Literatura Brasileira. Linha de pesquisa: enfoques transdisciplinares e transmidiáticos realizada no 2º semestre de 2021.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Altamir Celio de Andrade
Centro Universitário Academia - UniAcademia



Juliana Gervason Defilippo
Centro Universitário Academia - UniAcademia



Prof. Dr. Edmon Neto de Oliveira
Universidade Federal do Pará - UFPA

Aprovada em: 06 / 12 / 2021.

Aos meus tios Dimas e Oswaldo, onde tudo começou. Aos meus pais, Raimundo e Irene, com seus imensos esforços para comigo. Ao meu marido, Denílson, com quem tudo divido. Aos meus filhos, Pierre e Luccas, que enchem de luz este caminhar. Em memória à minha filha de quatro patas, Chulinha, com quem dividia as noites de estudos.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por me abençoar, guiar-me, dar força em todos os momentos deste intenso trabalho e por me oferecer a oportunidade de pesquisar um tema tão relevante.

Agradeço à Prof.^a Dr.^a Maria Andréia de Paula Silva, pela orientação frutífera nos primeiros momentos desta travessia acadêmica: na delimitação do tema da dissertação, na indicação de referências teóricas sempre pertinentes, no acompanhamento minucioso e nas valiosas contribuições.

Devo um enorme agradecimento à voz serena do Prof. Dr. Altamir Celio de Andrade pela orientação e disponibilidade em acolher as minhas dúvidas na segunda etapa da dissertação. Agradeço, sobretudo, pelo aprendizado: graças à nossa interlocução, pude concluir o desafio.

Agradeço muito ao Prof. Dr. Edmon Neto de Oliveira pelos ensinamentos valiosos, pelos incentivos e pela apresentação da obra **O filho eterno** (2007), de Cristovão Tezza, *corpus* desta pesquisa. Também, por ter aceitado meu convite com muita dedicação para participar da minha defesa.

Ao Prof. Dr. Alex Sandro Martoni, um modelo de profissional com suas longas e generosas aulas entusiásticas.

À Prof.^a Dr.^a Moema Rodrigues Brandão Mendes, que me apresentou de forma consistente a temática 'Memória de Ivan Izquierdo' e pelo estímulo a sempre pesquisar mais e mais.

Aos professores que me proporcionaram momentos de muita aprendizagem: Prof.^a Dr.^a Valéria Cristina Ribeiro Pereira, Prof. Dr. William Valentine Redmond, Prof. Dr. Édimo de Almeida Pereira e Prof.^a Dr.^a Juliana Gervason.

Às amigas inesquecíveis que fiz durante o Mestrado: Luciane Barros Barbuto Lopes, Carla Andréa Guimarães Pinto, Elza de Paula Assis, Luciana Dias Procópio Silva e Cleidinéia Aparecida Lúcio da Silva. Mesmo de longe, sempre juntas! Obrigada.

“As memórias podem ser também modificadas (os registros podem ser ampliados) posteriormente, às vezes anos depois, uma nova experiência, ou evento, ou detalhe, acrescenta ou tira informação de uma memória velha” (IZQUIERDO, 1989, p. 102, grifo do autor).

RESUMO

BENTO, Olívia de Castro Oliveira. **Nos limites da escrita e da representação em *O filho eterno*, de Cristovão Tezza**: autoria, síndrome de Down, terapias e escolarização. 98 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Mestrado em Letras) - Centro Universitário Academia - UniAcademia, Juiz de Fora, 2021.

A presente dissertação, inserida na linha de pesquisa Literatura Brasileira: enfoques transdisciplinares e transmidiáticos, do Programa de Mestrado em Letras do Centro Universitário Academia, busca analisar as representações de si e a trajetória do processo de inclusão social, educacional e terapêutico no cenário da década de 1980, no romance **O filho eterno** (2007), de Cristovão Tezza. O escritor, nessa obra, narra a relação de um pai com seu filho com síndrome de Down. **O filho eterno** (2007) marcou a produção literária de Cristovão Tezza, pois foi traduzida em cinco línguas, publicada em oito países, recebeu vários prêmios e, ainda, foi adaptado para o teatro e o cinema em 2016, tornando-se um raro sucesso de crítica e público. Para compor as dificuldades e aprendizagens da relação paterna, o narrador utilizou-se da representação de aspectos educacionais que compõem o cotidiano das crianças com esta síndrome. Em nossa hipótese, o grau de detalhamento desses procedimentos e a representação emocional mobilizada na composição da narrativa levaram a recepção da obra ligada ao campo das escritas do ego, em especial, da autoficção. Consideramos, para fundamentar nosso trabalho, os pressupostos teóricos delineados nas abordagens de Karl Erik Schøllhammer e de Paula Sibilia sobre a representação do ego nas narrativas contemporâneas brasileiras, bem como as teorias sobre a escrita de si. Para compreender a constituição dos sujeitos e do processo de estimulação terapêutica e educacional na síndrome de Down no decorrer dos anos de 1980, detalharemos as citações sobre as terapias que emergiram nas páginas da obra **O filho eterno** (2007), especialmente com a análise dos pensamentos de autores como Burrhus Frederic Skinner, cientista da área da Psicologia; Jean William Fritz Piaget, psicólogo; e Sigmund Freud, médico neurologista.

Palavras-chave: Cristovão Tezza. **O filho eterno**. Autoficção. síndrome de Down. Escolarização.

ABSTRACT

This dissertation, inserted in the research line of Brazilian Literature: transdisciplinary and trans media approaches, from the Master's Program in Literature at the Academia University Center, seeks to analyze the representations of the self and the trajectory of the social, educational and therapeutic inclusion process in the scenario of the decade of 1980, in the novel **The eternal son** (2007), by Cristovão Tezza. In this work, the writer narrates the relationship between a father and his son with Down syndrome. **The eternal son** (2007) marked Cristovão Tezza's literary production, as it was translated into five languages, published in eight countries, received several awards, and was adapted for theater and cinema in 2016, becoming a rare success of critics and audiences. To compose the difficulties and learning of the paternal relationship, the narrator used the representation of educational aspects that make up the daily lives of children with this syndrome. In our hypothesis, the degree of detailing of these procedures and the emotional representation mobilized in the composition of the narrative led to the reception of the work linked to the field of writings of the self, in particular, of self-fiction. To support our work, we consider the theoretical assumptions outlined in the approaches of Karl Erik Schøllhammer and Paula Sibilia on the representation of the self in contemporary Brazilian narratives, as well as theories on self-writing. In order to understand the constitution of the subjects and the process of therapeutic and educational stimulation in Down syndrome during the 1980s, we will detail the quotes about the therapies that emerged in the pages of **The eternal son** (2007), especially with the analysis of thoughts authors such as Burrhus Frederic Skinner, a scientist in the field of Psychology; Jean William Fritz Piaget, psychologist; and Sigmund Freud, a medical neurologist.

Keywords: Cristovão Tezza. **The eternal son**. Self-fiction. Down's syndrome. Schooling.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Denominações da condição genética do Felipe	56
--	----

LISTA DE SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CECAP	Centro Capela de Artes Populares
CES/JF	Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora
CID	Classificação Internacional de Doenças
CIDID	Classificação Internacional de Deficiências, Incapacidades e Desvantagens
INPS	Instituto Nacional de Previdência Social
QI	Quoeficiente de Inteligência
SD	síndrome de Down
DM	Deficiência Mental
SUS	Sistema Único de Saúde
UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora
UFJ	Universidade Federal de Jataí
UFPR	Universidade Federal do Paraná
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	O FILHO ETERNO: RECEPÇÃO E ANÁLISE	14
2.1	CRISTOVÃO TEZZA: UM ESCRITOR CONTEMPORÂNEO.....	15
2.2	DA AUTORIA LITERÁRIA AOS ELEMENTOS DE UM ROTEIRO: UM INTERCÂMBIO ENTRE LITERATURA, CINEMA E TEATRO	26
2.2.1	A interpretação da deficiência: modelo social e modelo biológico	33
2.2.2	Múltiplos significados do corpo	37
3	O CONCEITO DE AUTOFIÇÃO: A REPRESENTAÇÃO EMOCIONAL MOBILIZADA NA COMPOSIÇÃO DA NARRATIVA	41
3.1	AUTOFIÇÃO: UM TEXTO HÍBRIDO	42
4	AS CONSTRUÇÕES SOCIAIS, EDUCACIONAIS E TERAPÊUTICAS DA SOCIEDADE BRASILEIRA NA DÉCADA DE 1980	54
4.1	O MANIFESTO DA SÍNDROME DE DOWN POR MEIO DAS ARTES ...	58
4.2	O ABANDONO E A ESTRUTURA DA EXCLUSÃO SOCIAL	61
4.3	OS ESTÍMULOS ATRAVÉS DAS TERAPIAS NO BRASIL	64
4.4	BEHAVIORISMO E ANÁLISE DO COMPORTAMENTO	67
4.5	AS TERAPIAS COGNITIVAS	72
4.5.1	A Gestalt-Terapia	73
4.5.2	A teoria de Piaget	75
4.6	SENTIMENTOS COM OS RESULTADOS DAS TERAPIAS	78
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	87
	REFERÊNCIAS	90
	ANEXOS	95

1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação, desenvolvida no âmbito do Programa de Mestrado em Letras do Centro Universitário Academia, linha de pesquisa Literatura Brasileira: enfoques transdisciplinares e transmidiáticos, tem por objetivo analisar, no romance **O filho eterno** (2007), de Cristovão Tezza, as representações do narrador e o processo de inclusão social, educacional e terapêutico de crianças com síndrome de Down (SD)¹ no cenário da década de 1980.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, a obra literária que nos norteará será o romance **O filho eterno**, de Cristovão Tezza, obra de cunho íntimo que traz o enfoque na situação de vida familiar, educacional, social e terapêutica que envolve um filho nascido com SD.

A escolha por pesquisar esse gênero de abordagem contemporânea, que se equilibra sobre a mistura das fronteiras entre real e não real, nasce do interesse em esmiuçar os modos como Cristovão Tezza adentra por essa forma narrativa de escrita. Um campo de discussões intrinsecamente relacionadas à experiência pessoal do autor, com formas estilísticas entre ficção e não ficção, além de temáticas que me interessam por atuar como pesquisadora acadêmica e professora da educação especial. As escritas do romance permitem estabelecer aproximações envolvendo processos de afetividade, conflitos nas relações familiares com filhos deficientes, ciências sociais, psicanálise, estudos literários e outras áreas do saber.

A abertura do romance dá voz à esposa anunciando ao pai a chegada do filho, ao mesmo tempo em que vai construindo a figura desse pai-personagem por meio de um discurso amparado em termos que expressam dúvidas, incompletudes e indefinições.

As três primeiras seções constituem a personalidade do pai, personagem introvertido, ansioso, que tem dificuldades para demonstrar seus sentimentos. Um homem de vinte e oito anos, que bebe e fuma compulsivamente, um militante sem causa, um escritor sem projetos realizados e que não consegue viver de seu próprio trabalho. Pelo perfil que é traçado, ao modo de um narrador em terceira pessoa que imprime a todo o momento reflexões do personagem à narrativa, o leitor percebe se tratar de um homem que ainda não se adaptou à ideia de ter um filho e que se sente

¹ Agora por diante iremos nos referir à Síndrome de Down por meio da abreviatura SD.

frustrado por não ter nada, “nem casa, nem emprego, nem paz” (TEZZA, 2007, p. 10). O filho Felipe, único personagem com nome declarado, é apresentado pelo narrador – “Felipe. Um belo nome. Nítido como um cavaleiro recortado contra o horizonte. Um nome com contornos definidos” (TEZZA, 2016, p. 24) – antes mesmo da revelação de que possui SD.

Na quarta seção é apresentado o nascimento do filho e esse dia é relatado como “a manhã mais brutal da vida dele” (TEZZA, 2011, p. 27). O pai fica perplexo e atordoado com a revelação de que seu filho tem SD e, por vezes, ao longo da narrativa, chega a desejar a morte da criança, já que o filho não se encaixou na ideia que o pai tinha do que seja um bebê. O narrador invade os pensamentos do pai testemunhando todos os acontecimentos de sua vida. Está presente em todos os cenários da narrativa de forma invisível, expondo ao leitor os sentimentos, as emoções e as aflições de criar um filho com necessidades especiais em uma época que pouco se sabia sobre a SD.

O tom narrativo adotado resvala na tendência de revelar o funcionamento da consciência do mundo interno do personagem: “Compreende-se que, ao instaurar a terceira pessoa, o enunciador cria o distanciamento, o olhar do outro sobre o fato – nesse caso, o pai está escondido pelo véu da narração em terceira pessoa” (CORTEZ; FELLINI; BOGONI, 2018, p. 16).

A presença da SD em um filho funciona como um dos recursos utilizados pelo narrador ao apresentar duas páginas explicativas sobre a síndrome para falar dele e para aproximar-se do leitor – “dois meses antes fez a revisão do texto, ainda estava nítida na memória as características da trissomia do cromossomo 21” (TEZZA, 2007, p. 30) –, onde emerge um elemento fundador da autoridade do narrador, caracterizando uma dimensão utilitária retirada de sua própria experiência: “A atitude do professor diante de seu poder de criar e dar conformação a um saber que ele detém e precisa transferir aos alunos [...]” (SILVA, 2016, p. 122).

A partir da revelação da síndrome, a trama é direcionada para o núcleo médico, o núcleo de superação e o núcleo da corporeidade, os quais coexistem em um mesmo relato e utilizam diferentes estratégias para contar sobre as vidas dos diversos personagens da família. Gilbert (2017) reflete sobre obras que podem ser filmadas e delas extrai os núcleos gerados por meio de construções discursivas. O primeiro núcleo é médico e narra em detalhes o choque do diagnóstico, um modelo de entendimento da deficiência assentada na medicina. Em seguida, o núcleo

narrativo de superação tem como personagem principal o herói e suas conquistas. É modelo social de cunho político para questionar o modelo médico. E, por fim, o núcleo de corporeidade, a reconstrução, o reconhecimento dos limites e contornos da SD e suas possibilidades sociais. A narrativa de **O filho eterno** parece seguir essa lógica, pois tais núcleos são apresentados no livro e, por se aproximarem na trajetória bi material do autor, permitem uma leitura biográfica.

Ao embaralhar a linha entre ficção e realidade, o autor assinala a realização e as desconstruções das representações da relação paternal e filial por meio da forma verbal, permitindo um tempo não cronológico, fragmentado com recortes temporais e fluxos de consciência que conduzem a livres associações.

Portanto, a hipótese deste estudo assenta-se sobre a possibilidade de que as representações sociais, educacionais e principalmente terapêuticas da criança com SD na década de 1980, presentes no romance **O filho eterno** são elementos que contribuem a recepção da obra como uma autoficção.

2 O FILHO ETERNO: RECEPÇÃO E ANÁLISE

Cristovão Tezza, escritor que desestabiliza e mistura as sólidas posições de autor, personagem e leitor como uma espécie de estratégia performativa e contemporânea, conduz o caminho das obras literárias em direção aos pontos nobres sobre o que é e o que não é uma autoficção. No auge de sua carreira literária com mergulhos no cotidiano e nos processos íntimos que envolvem afeto, dor, medo, melancolia e desejo, merecem considerações a sua vida como um escritor contemporâneo brasileiro.

O romance **O filho eterno** de Cristovão Tezza, foi escrito em terceira pessoa, dividido em vinte e cinco capítulos não numerados. Sua introdução carrega duas epígrafes significativas: a primeira, de Thomas Bernhard, apresenta o conflito entre o desejo pela descrição fiel da verdade e o resultado dessa descrição; a segunda, de Soren Kierkegaard, aponta a reflexão especular entre pai e filho, tema de que se ocupa o livro em suas duzentas e vinte e duas páginas. O princípio do fio narrativo do romance inicia nos anos de 1980 com um aspirante a escritor que nunca teve emprego fixo na vida, que é sustentado pela mulher durante o período em que não publica nem vende nada. Movendo-se para a notícia do nascimento do seu primeiro filho com SD, já no hospital, no dia do nascimento, o pai assume o papel de anti-herói ao rejeitar e menosprezar aquele filho diferente. Consumido pela vergonha aviltante do fato e a liberdade negada, o desejo alentador é de que o filho morresse. A história percorre a trajetória do desenvolvimento do personagem filho, Felipe, com seus estímulos neurológicos, terapêuticos e educacionais. Nesse meio tempo, a esposa engravida novamente e surge o medo de que o bebê seja como o irmão. O tempo passa o pai já não o vê mais como uma espécie de maldição, mas como alguém que precisa de carinho e cuidados. O crescimento e desenvolvimento do filho são percebidos pelo pai nas representações de papéis sociais que o filho se esforça em cumprir. As páginas finais flagram pai e filho assistindo a um jogo do Atlético Paranaense na televisão. Um momento de felicidade doméstica que nenhuma utopia pode superar.

2.1 CRISTOVÃO TEZZA: UM ESCRITOR CONTEMPORÂNEO

Antes de entrarmos na vida do autor Cristovão Tezza, é necessário esclarecer o termo contemporâneo usado para nomear o seu perfil enquanto escritor. Seguindo esse raciocínio, na obra **Ficção brasileira contemporânea** (2011), de Karl Erik Schøllhammer, o termo é direcionado para registrar uma literatura que não seja necessariamente aquela que representa a atualidade, mas aquela que se guia por uma busca de eficiência e pelo desejo de chegar a alcançar uma determinada realidade. Dito isso, entendemos o escritor, nessa posição, enquanto registrador das formas do realismo já conhecidas e da inovação na maneira de lidar com as memórias e as realidades pessoais e coletivas. É uma relação direta entre arte e vida, um estilo híbrido nas questões políticas, íntimas, reais e ficcionais. Schøllhammer prossegue dizendo sobre o formato contemporâneo como técnica de escrita:

Ao desestabilizar as sólidas posições de autor, personagem e leitor, essa espécie de estratégia performativa consegue relativizar a realidade referida pela narrativa na construção de um perspectivismo complexo que concretiza a situação de exibição e observação, ao questionar a realidade representada tal como aparenta espontaneamente. O autor procura, em outras palavras, dar realidade à situação de observação, incluindo o leitor na exposição direta dos fatos, ao mesmo tempo que questiona o perspectivismo cenográfico ao qual a observação está submetida e que afeta a veracidade e confiabilidade tanto do testemunho do autor, do narrador, do personagem quanto do leitor (SCHOLLHAMMER, 2011, p. 112).

É exatamente isso que precisamos captar para entendermos sobre o autor contemporâneo que utiliza a experiência pessoal como elixir fortificante do real e ao mesmo tempo estabelece um movimento com suas representações, formando um texto misturado e não somente um texto do presente.

Assim temos um autor com várias obras de ficção, além de algumas de não ficção e outros gêneros esparsos publicados em mais de trinta anos de atividade literária. Cristovão Tezza é um romancista que nasceu em Lages, Santa Catarina, em 1952. Em junho de 1959, com a morte de seu pai, a família se mudou para Curitiba, Paraná. Cristovão Tezza foi, ainda, datilógrafo precoce autodidata e trabalhou em um escritório de advocacia. As referências aos anos de datilógrafo no escritório, o ambiente e a vivência foram registradas na obra **Trapo** (1988), seu primeiro texto de grande visibilidade:

Pela manhã, o colégio. À tarde, o trabalho. A imagem daquela sala sempre sombria, de cortinas pesadas, com a mesa imensa e curva e o advogado atrás dela, instalado numa poltrona que me pareceu impressionante, gravou-se na minha cabeça. Dezesesseis anos depois, eu pensaria misteriosamente nela ao escrever a cena em que o pai de Trapo se justifica ao professor Manuel. E neste exato momento de evocação, a imagem permanece igualmente viva diante de mim (TEZZA, 2012, p. 64).

Em 1968, passou a fazer parte de um grupo dirigido por Wilson Rio Apa, o CECAP - Centro Capela de Artes Populares, com sede em Antonina, Paraná. Como integrante do Centro, Cristovão Tezza passa a ter contato com diversos tipos de arte, incluindo o teatro, a pintura e a literatura. Nesta época, começa sua amizade e seu aprendizado com Wilson Rio Apa, que passa a influenciar com sua obra e seus ensinamentos a produção literária de Tezza. Na obra **O filho eterno**, percebemos a referência a essa época descrita no seguinte fragmento:

Um gancho atávico ainda o prende à nostalgia de uma comunidade de teatro, que freqüenta uma vez por ano, numa prolongada dependência interminável ao guru da infância, uma ginástica interminável e insolúvel para ajustar o relógio de hoje à fantasmagoria de um tempo acabado (TEZZA, 2007, p. 12).

Da vivência com o teatro, após sua demissão do escritório de datilografia, resultou a produção literária de maior destaque, a peça **Monólogo do amanhã**, revisado por Rio Apa: trata-se de um jovem contra o sistema, representado no estilo alternativo em Antonina e Curitiba.

Sua primeira produção aclamada foi uma novela, **Sopa de legumes**, de 1972 ou 1973, ainda que na categoria de intervenção literária. Corresponde a uma sátira permeada de críticas em que é possível reconhecer nos personagens seus correlatos reais. Seu sucesso se dava com a crescente participação e expectativa do público para as próximas encenações da novela. **Sopa de legumes** foi retomada por Cristovão Tezza dez anos depois e publicada em 1985, com os devidos e maduros ajustes, no romance **Ensaio da paixão**.

Até 1975, Cristovão viveu na comunidade rio-apiana, em Antonina, no litoral do Paraná, como joalheiro em uma pequena loja, cujo nome já identificava seu gosto e influência literária, no caso por um poema de Lorca – ‘Cinco em Ponto’ –, traduzindo sua capacidade em saber lidar com os mecanismos de delicadeza e precisão como também o é a natureza humana. Essa época de sua vida é referenciada em duas passagens, presentes no romance **O filho eterno**:

Desistiu de ser relojoeiro, ou foi desistido pela profissão, [...]. Mas não: escolheu consertar relógios, o fascínio infantil dos mecanismos e a delicadeza inútil do trabalho manual (TEZZA, 2007, p. 12).

Alugar uma porta na rua principal, [...]. [...], coloca a placa recém-pintada oitocentista de dois metros de altura, no centro de Antonina, Paraná, vai para trás do pequeno balcão (TEZZA, 2007, p. 131).

Dos 18 aos 23 anos continuou escrevendo, elaborando três romances: **O papagaio que morreu de câncer** (1970), **A máquina imprestável** (1971) e **A televida** (1972). Em respectiva ordem, o primeiro foi recusado pelo editor; o segundo, após chegar ao seu término, abandonado pelo autor; e o terceiro, encorajado pela editora, solicitava a revisão da primeira parte. Contudo, as obras foram descartadas pelo escritor. Casou-se em janeiro de 1977, mudando-se para Florianópolis, Santa Catarina. Trabalhou em 1984 como professor de Língua Portuguesa da UFSC. Voltou a Curitiba em 1986, dando aulas na UFPR até 2009, quando se demitiu para dedicar-se exclusivamente à literatura.

O primeiro livro do escritor Cristovão Tezza foi uma coletânea de contos intitulada **A cidade inventada** (1980). Logo na sequência vieram **O terrorista lírico** (1981) e **Ensaio da paixão** (1982). O livro **Trapo** (1988) projeta-o no cenário da literatura brasileira. Em 1998, seu romance intitulado **Breve espaço entre cor e sombra** foi contemplado com o Prêmio Machado de Assis da Biblioteca Nacional, como melhor romance do ano. Em 2004, foi **O fotógrafo** (2004) o livro selecionado para receber o Prêmio da Academia Brasileira de Letras de melhor romance do ano.

Seus livros mais recentes procuram trazer a realidade brasileira para a ficção nas entrelinhas de seus enredos: o clima da primeira eleição de Lula na obra **O fotógrafo** (2004) e a polêmica da Copa do Mundo de 2014 em **A tradutora** (2016). Seu mais recente romance, **A tirania do amor**, publicado em abril de 2018, com uso do discurso indireto livre, narrador em terceira pessoa, traz o panorama das tensões e polarizações políticas do Brasil após o *Impeachment*. Em poucos meses, a obra foi alvo de julgamentos pela imprensa em virtude das críticas ao método contraditório e inflexível da Universidade, ao discurso da Lava Jato e à conjectura do mercado financeiro do país.

O autor ficou conhecido na área de não ficção no Brasil em 2002 quando escreveu **Entre a prosa e a poesia: Bakhtin e o formalismo russo**, sua tese de Doutorado defendida na Universidade de São Paulo – com o desafio de delinear um resgate cronológico dos trabalhos de Bakhtin. Tezza defende a não categorização

do autor: “Bakhtin não foi um teórico da literatura, no sentido tradicional que a especialização didática do século XX costuma conferir aos teóricos [...]” (TEZZA, 2002, p. 17).

Já a obra **O espírito da prosa**, uma autobiografia literária de 2012, apresenta um formato de ensaio não acadêmico onde Cristovão Tezza utiliza a voz do narrador para compor sua biografia atribuindo uma moldura romanesca ao livro.

A crônica **Um operário em férias** foi lançada em 2013, uma coleção de textos com assuntos dos noticiários em formato de livro para não envelhecerem. A seleção dos textos foi realizada pelo jornalista e tradutor Christian Schwartz, que em meio a um universo de 250 textos escolheu cem e os dividiu em sete temas recorrentes nas crônicas do autor Cristovão Tezza. Os capítulos são nomeados com os títulos ‘A Vida é Sonho’, ‘Viagem pela Leitura’, ‘Vida de Torcedor’, ‘Terça-feira’, ‘Curitiba no Divã’, ‘De Volta à Vida Real’ e ‘Ficções’.

Em 2014, foi lançada a obra **Leituras**: resenhas e ensaios, uma reunião de textos críticos de Tezza publicados em jornais, revistas e livros entre 1995 e 2013. Há resenhas curtas que saíram dos jornais e revistas, como **Folha de São Paulo**, **Veja**, **O Estado de São Paulo** e **O Globo**; outras, por sua vez, mais extensas.

A obra **Literatura à margem**, de 2014, é uma coletânea de sete conferências apresentadas nos últimos eventos literários onde Cristovão Tezza discute a criação literária sob uma ampla gama de temas que abarcam desde a relação da literatura com a psicanálise até as fronteiras entre a ficção, a biografia e o ensaio.

Já a obra **A máquina de caminhar**, publicada em 2016, é um livro ilustrado onde Tezza revela uma nova faceta como observador fino e bem-humorado do cotidiano da coluna de crônicas no jornal paranaense *Gazeta do Povo*.

Na área acadêmica, escreveu dois livros didáticos em parceria com o linguista Carlos Alberto Faraco, textos críticos e resenhas em revista e em jornal como **Veja** e **Folha de São Paulo**, assinando também quinzenalmente uma coluna na seção de literatura do caderno ilustrado da *Folha*. O trabalho com livros didáticos, sempre com o linguista Carlos Alberto Faraco, surgiu de sua experiência em sala de aula, nos diversos cursos em que atuava como docente.

Em julho de 2007 foi publicado o romance **O filho eterno**, obra selecionada para o *corpus* da minha pesquisa, sucesso de vendas por apresentar uma tendência autoficcional contemporânea. Elencando a trajetória experiência de um pai que vê seu primeiro filho nascer com SD, ao mesmo tempo o relato resgata diversos

momentos da juventude desse pai que sofre com a chegada de um filho com deficiência. A obra **O filho eterno**, com escrita literária e resíduos biográficos, apresenta um narrador em terceira pessoa que imprime reflexões do personagem à narrativa. A possível interpretação do leitor é que se trata de um homem que ainda não se adaptou à ideia de ter um filho. Uma passagem bem elucidativa desse aspecto pode ser vista no seguinte fragmento:

[...] há um descompasso nesse projeto supostamente pessoal, mas isso ele ainda não sabe, ao acaso de uma vida renitentemente provisória; a minha vida não começou ainda, ele gostava de dizer, como quem se defende da própria incompetência – tantos anos dedicados ao que mesmo? Às letras, à poesia, à vida alternativa, à criação, a alguma coisa maior que ele não sabe o que é – tantos anos e nenhum resultado! (TEZZA, 2007, p. 15, grifos do autor).

Desta forma, o romance caminha em direção de uma formulação literária com possíveis movimentos de representações marcadas com relatos intercalados e misturados com as memórias e reflexões do personagem do pai acerca de seu passado, onde o pai escritor analisa sua própria consciência. Obra que foi muito bem recebida pela crítica e pelos leitores, premiada no país e no exterior, com o Prêmio da Associação Paulista dos Críticos de Arte (APCA) de melhor obra de ficção do ano 2007, o Prêmio Jabuti de melhor romance em 2008, o Prêmio Bravo de melhor obra em 2008, o Prêmio Portugal - Telecom de Literatura em Língua Portuguesa em 2008 (1º lugar), o Prêmio São Paulo de Literatura como melhor livro do ano 2008 e, em 2009, o Prêmio Zaffari e Bourbon da Jornada Literária de Passo Fundo como o melhor livro dos últimos dois anos, além de ter sido considerado pelo jornal **O Globo** uma das dez melhores obras de ficção da década.

Em 2016, como romancista, Cristovão Tezza alcançou o campo fílmico: sua obra foi adaptada para o cinema, com a direção de Paulo Machline e roteiro de Leonardo Levis. Assim, **O filho eterno** tornou-se um longa brasileiro. Protagonizado por Marcos Veras, conhecido por inúmeros papéis cômicos do grupo humorístico ‘Porta dos Fundos’, e Débora Falabella. O filme **O filho eterno** (Anexo A) descreve os anos entre 1982 e 1994, em Curitiba, acompanhando a convivência do aspirante a escritor Roberto (Marcos Veras) e da jornalista Cláudia (Débora Falabella) com Fabrício, vivido pelo estreante Pedro Vinícius, de nove anos, que faz o personagem dos 10 aos 14 anos.

Ao elencar as peculiaridades do filme, certas características são distintas da obra de Cristovão Tezza. Alguns acréscimos narrativos foram incorporados ao filme em relação ao texto original. Machline trocou a paixão do filho com SD pelo Atlético Paranaense, contada no livro pela seleção brasileira de futebol.

A demarcação temporal da história foi organizada por duas Copas do Mundo. O filme inicia em 5 de julho de 1982 na Copa do Mundo na Espanha, recorrendo às lembranças de desilusão dos brasileiros que viram em campo Rossi acabar com o Brasil de Zico, e termina em 1994, com a final da Copa do Mundo sediada nos Estados Unidos entre as seleções italiana e brasileira, onde após a cobrança de nove penalidades, o Brasil venceu a Itália por 3x2 nos pênaltis – tornando-se a primeira seleção tetracampeã do mundo.

A visão de Cristovão Tezza sobre o filme foi abordada em entrevista presente no *blog Página Cinco* (2016)² logo na estreia da película, onde registrou seu comentário sobre a versão do filme e o risco com o público:

É uma boa história, bem contada, que segura o espectador do começo ao fim. Também me agradou muito o fato de se centrar no drama do pai (aliás, com um Marcos Veras excelente), e não na criança especial, o que acaba sempre puxando pelo piegas e pela exploração sentimental. O que me desagradou? O que desagrada todo escritor que vê um livro seu na tela: será sempre uma outra obra, de outro autor. E, obviamente, é inevitável que muito do livro fique de fora. “Mas essa é a regra do jogo” (PÁGINA CINCO, 2016, não paginado, grifos do autor).

Outro ponto de destaque sobre a obra **O filho eterno**, no momento em que se escreve esta dissertação, abril de 2021: o romance já foi publicado além de no Brasil, também na França, na Itália, na Holanda, na Bélgica, em Portugal, na Espanha, na Austrália, na Inglaterra, no México, na China, na Eslovênia e nos Estados Unidos (Anexo B), e já tem edições contratadas na Dinamarca, na Noruega, na Macedônia, na Ucrânia e na Sérvia. **O filho eterno** ganhou reconhecimento nacional e internacional e as traduções ampliaram as fronteiras da literatura brasileira contemporânea dentro do prisma das questões de análise da recepção da literatura, pois parte da presença da linguagem cultural, afetiva, memorial e ideológica do autor.

² Disponível em: <https://paginacinco.blogosfera.uol.com.br/2016/11/30/historia-de-o-filho-eterno-perde-forca-na-adaptacao-para-o-cinema> Acesso em: 6 abr. 2021.

O autor, em entrevista à revista **Helena** (2019)³, comenta sobre a receptividade de sua obra pelo público: “O filho eterno foi uma revolução: até eu me assustei com a repercussão. Relia o livro e pensava: De onde veio isso?” (HELENA, 2019, p. 7). Desta forma, com todas as informações impressas no romance e a união dos discursos ficcional e não ficcional, a tensão entre autobiografia e romance se instauraram fazendo com que o livro fosse consolidado no cenário da literatura brasileira contemporânea.

Em sua produção, Tezza utiliza possíveis recursos técnicos relacionados à linguagem como elemento moldável, servindo de base para a construção de diversas técnicas narrativas em uma única obra. Tais ferramentas de linguagem transcendem o âmbito do mero relato pessoal, como a autoficção, intertextualidade, multiplicidade de pontos de vista, subjetividade e o culturalismo. Assim sendo, em **O filho eterno**, explora um possível material temático de autoficção com uma estratégia de confusão entre as margens do real e da ficção. Isso ocorre porque o autor em questão abre sua biografia, suas histórias e memórias aos mais variados veículos midiáticos. Nesse sentido, o escritor mantém um *website*⁴ onde também pode ser encontrada a sua biografia, possibilitando o reconhecimento de dados referenciais em sua obra por parte do público interessado.

Tal tática tem sido usada com frequência no teatro brasileiro, em adaptações das obras que pretendem recontar romances literários premiados e reconhecidos pela mídia, como a obra de Tezza. Essa versão do romance é um monólogo que se torna diálogo a partir da interação junto à plateia. Uma adaptação teatral que ficou a cargo de Bruno Lara Rezende, teatralizando a palavra escrita. A temporada iniciou em 2011 e terminou em 2020, passando por várias cidades brasileiras com a Companhia **Atores de Laura**, do Rio de Janeiro, sob a direção de Daniel Herz em parceria com Charles Fricks. O caminho escolhido pela direção de Daniel Herz foi pavimentado pela participação, de longa data, de Charles Fricks na **Cia. de Atores de Laura**. Essa intimidade e sintonia entre ambos explorou o palco com o talento do ator Charles, que utilizava corpo e voz para fazer o difícil percurso da obra-prima proposta por Cristóvão Tezza.

³ Entrevista à revista **Helena**, da Biblioteca Paraná. Disponível em: <http://www.helena.pr.gov.br>. Acesso em: 6 abr. 2021.

⁴ *Website*: <http://www.cristovaotezza.com.br/index.htm>. Acesso em: 6 abr. 2021.

Em decorrência do sucesso, a obra de Cristovão Tezza norteia estímulos para textos no âmbito acadêmico, além de artigos, dissertações e teses que enfocam a questão autobiográfica, da autoficção, da tribulação familiar e do tipo de paternidade referida no livro – pai de um filho deficiente.

Consultamos por amostragem os bancos de dissertações e teses do portal de Periódicos da CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, do Catálogo de Teses e Dissertações do MEC, do portal Acadêmicos, bem como o banco de dissertações do Programa de Mestrado em Letras (Literatura Brasileira) do Centro Universitário Uniacademia, entre os anos de 2011, 2013, 2014 e 2016. Durante o referido período, encontramos quatro pesquisas correlacionadas ao nosso tema, três dissertações de Mestrado e uma tese de Doutorado com características próximas à abordagem da temática da ficção ou da não ficção.

A pesquisadora Eliani de Lima Villas Gomes investigou a obra em **Os limites da representação**: ficção e biografia no romance *O filho eterno*, de Cristovão Tezza, defendida em 2011, analisando as questões de representação presentes no romance, além da tensão entre realidade e ficção e a condição existencial dos personagens. No mesmo âmbito, temos a dissertação de João Amálio Ribas, **Autoficções**: uma tendência do romance contemporâneo, defendida em 2013, na Universidade Federal do Paraná, com uma análise das questões de representação presentes no romance de Tezza. Com mesma linha de estudos entre o real e o ficcional, temos a dissertação de Mestrado de Cristina do Vale, de 2014, **A vertigem do indizível**: descaminhos da palavra em *O filho eterno* (2007), de Cristovão Tezza, na Universidade de São Paulo. Essa dissertação realiza uma análise textual do premiado romance e o correlaciona com aspectos relacionados à linguagem, especialmente a literária, como papel relevante nos enredos fabulados pelo autor. Por sua vez, a tese de Doutorado de Everton Vinícius de Santa, intitulada **A espetacularização do escritor**, de 2016, da Universidade Federal de Santa Catarina, investiga escritores contemporâneos e suas estratégias de autopromoção e autoexibição de suas imagens no cenário literário.

Entretanto, nenhuma dissertação ou tese explora as terapias, as dificuldades e as aprendizagens da relação paterna que compõem o cotidiano de um filho com SD, algo mobilizado na composição da narrativa de **O filho eterno**, levando a uma possível recepção da obra ao campo das escritas do ego, em especial, da autoficção. No contato por correio eletrônico com Cristovão Tezza, ocorrido em 3 de

maio de 2020, o escritor agradeceu o interesse pela leitura e pesquisa, porém, revelou-me não ter mais contato com as práticas terapêuticas, perdendo, assim, os laços com as clínicas e estimulações (Anexo C).

A profícua produção romanesca de Cristovão Tezza, **O filho eterno**, destacou-se nos cenários das reflexões dos críticos e teóricos como Schøllhammer. No terceiro capítulo de sua obra teórica **Ficção brasileira contemporânea** (2011), denominado ‘O Sujeito em Cena’, o pesquisador pontua que Cristovão Tezza, após uma dezena de livros publicados conseguiu consolidar seu lugar entre os autores contemporâneos somente a partir do lançamento da obra **O filho eterno**:

Aparentemente, o sucesso foi tanto de crítica quanto de público, o que por si só já oferece motivos para se discutir de que maneira um livro acerta numa veia das expectativas contemporâneas, como um golpe certo no espírito do tempo (SCHOLLHAMMER, 2011, p. 105).

Anna Faedrich comenta de forma positiva a elaboração do livro em destaque em seu artigo intitulado ‘Uma discussão teórica acerca da autoficção: a ficcionalização de si em *O filho eterno*’, publicado em 2007, elegendo Tezza como um dos representantes da literatura brasileira contemporânea: “Dessa forma, *O filho eterno* é uma autoficção, ou seja, o autor ficcionaliza uma experiência pessoal, publicamente revelada, mas quer que o livro seja lido como romance” (FAEDRICH, 2011, p. 190). Após ter categorizado o escritor, Faedrich afirma que o autor utilizou o conceito original, o mesmo conceito de cunho íntimo de autoficção definido por Serge Doubrovsky, quando na elaboração de **O filho eterno**:

Descrevemos algo buscando fidelidade à verdade e, no entanto, o descrito é outra coisa que não a verdade. E é nesse mesmo caminho que se encontra a definição de autoficção feita por Serge Doubrovsky: “uma variante pós-moderna da autobiografia na medida em que ela não acredita mais numa verdade literal, numa referência indubitável, num discurso histórico coerente e se sabe reconstrução arbitrária e literária de fragmentos esparsos de memória” (FAEDRICH, 2011, p. 191, grifo da autora).

Neste mesmo contexto, porém já em outro artigo, desta vez intitulado ‘O conceito de autoficção: demarcações a partir da literatura brasileira contemporânea’, publicado em 2015, Faedrich categoriza a produção como um feito literário cada vez mais popular, reforçando o conceito de autoficção empregada por Tezza na elaboração de sua obra. Novamente, registra o conceito de Doubrovsky realizado

pelo autor: “Exemplo da usual confusão entre os conceitos de autobiografia e autoficção foi a recente menção à autoficção enquanto ‘um novo termo para uma prática já antiga’” (FAEDRICH, 2015, p. 48, grifo da autora). Pelo anterior exposto, observamos que Faedrich tece praticamente as mesmas considerações sobre o autor e sua obra em dois artigos diferentes, onde o foco narrativo permite que o escritor não perca a sua posição de artista-autor, demonstrando a representatividade na literatura brasileira.

A obra **O filho eterno**, de Cristovão Tezza, foi visualizada como literatura contemporânea e objeto de estudo da Doutora em Letras e Professora da Universidade Federal da Integração Latino-americana, Mariana Cortez; Dinéia Ghizzo Neto Fellini, Mestre em Educação e Professora da Universidade Federal da Integração Latino-americana, e Rosângela Marcilio Bogoni, mestranda em Literatura Comparada, tradutora e intérprete da mesma instituição. O entrelaçamento cultural foi esculpido pela publicação do artigo ‘A relação pai e filho embalada pela SDe *O filho eterno* e *Mallko y papá*’, em 2018. Com a aproximação das obras literárias **O filho eterno**, de Tezza, e **Mallko y papá**, de autoria do argentino Gusti Rosemffet, foi possível evidenciar a relação entre os pais e seus filhos com SD, fundamentando a grande maioria das temáticas de estudos de artigos acadêmicos sobre o livro **O filho eterno**:

Para fins da análise aqui proposta, não será considerado se trata de romance biográfico ou não; neste estudo, a obra será entendida como uma ficção que fabula e assim representa a angústia do personagem diante de seu filho diferente (CORTEZ; FELLINI; BOGONI, 2018, p. 159).

Sob esse contexto de análise das duas obras, semelhanças e diferenças foram pontuadas. Dentro dos aspectos incomuns, temos as ilustrações da representatividade da literatura do argentino Gusti Rosemffet, diferentemente da composição do brasileiro Cristovão Tezza. As elaborações das narrativas também são diferentes:

Assim, a narrativa de Tezza finaliza, como apresentado, com pai e filho assistindo ao início de um jogo de futebol: “O jogo começa mais uma vez. Nenhum dos dois tem a mínima ideia de como vai acabar, e isso é muito bom”. Por sua vez, a obra de Gusti ensina: “‘aceptar’ es recibir voluntariamente y con agrado lo que se nos ofrece”. Há, portanto, duas formas de ver, aceitar e viver a SD representadas pela literatura contemporânea. Na primeira, impõe-se um final aberto ao

futuro e com possibilidades de negociação; na segunda, a inserção da voz do sujeito, a constatação da diferença e o ensinamento ao leitor (CORTEZ; FELLINI; BOGONI, 2018, p. 171).

Nas construções das obras **O filho eterno** e **Mallko y papá**, ambas apresentam ao leitor a descoberta, as formas de viver e conviver com a SD e o processo de aceitação desses pais, um processo social de aceitação da diferença:

A importância do nosso estudo deve-se ao fato do tema ser um desafio à teoria literária e às ciências sociais. Portanto, objetivamos também, analisar os aspectos inovadores presentes no romance **O filho eterno** (2007) em relação às possibilidades da obra ser filmada e os núcleos gerados por meio de construções discursivas dentro dos possíveis processos ficcionais de realidade (CORTEZ; FELLINI; BOGONI, 2018, p. 171, grifo das autoras).

Assim, reforçando o caráter autoficcional nas narrativas contemporâneas tal como **O filho eterno** (2007), na atualidade tão frequentes, Gilbert (2017) reflete que um exercício cambiante de especularização com aspecto corpóreo é o fator responsável por formular os enredos de modo que as diferenças, ainda que nem sempre explícitas, apresentam-se nos corpos e contam por si histórias que acompanham a recepção do leitor:

Não se fala apenas de relatos de vidas individuais, cujas memórias, vivências e afetos são mostrados nos filmes e narrados, também, pelos corpos de quem vive com essa condição. Fala-se, também, de memórias e experiências que se referem a um grupo específico, uma paisagem biológica na política vital contemporânea (GILBERT, 2017, p. 113).

A partir daí, Gilbert (2017) menciona a visão do corpo do outro e os efeitos racionais e emocionais que essa visão produz. Assim, ao se falar em textos sobre SD e suas imagens narrativas, talvez sem imersão da realidade, a suposta interrelação entre o personagem e o ponto de vista social podem estar indexados no discurso da obra.

Cabe mencionar que as produções brasileiras, segundo Gilbert (2017, p. 118), trazem talvez um modelo: “A predominância desses núcleos nessas produções sugere uma característica cultural fílmica que reflete a relutância em conviver com a diferença que cerca os corpos não normativos fora da moldura de normalidade”. De modo geral, observa-se que críticos, roteiristas, teóricos e estudiosos comumente se

servem da obra **O filho eterno**, de Cristovão Tezza, por ser ela uma das mais bem sucedidas produções literárias de nossa literatura contemporânea.

A próxima seção pontua e esclarece as especificidades dos seguintes núcleos: 'médico', 'superação' e 'corporeidade'.

2.2 DA AUTORIA LITERÁRIA AOS ELEMENTOS DE UM ROTEIRO: UM INTERCÂMBIO ENTRE LITERATURA, CINEMA E TEATRO

O foco em desenvolver uma análise das construções narrativas da obra **O filho eterno**, de Cristovão Tezza, elucida questões pertinentes aos elementos cinematográficos contidos no romance. Tendo como intenção identificar e exemplificar os três núcleos narrativos normativos e roteiristas que acompanham o desenvolvimento teórico sobre a deficiência no discurso literário do autor, as adaptações cinematográficas de obras literárias não são nenhuma novidade em nossa cultura. Porém, se realizarmos uma leitura da obra, caminharemos numa via oposta dessa influência, visualizando uma literatura intertextual, estética e roteirista usada no cinema brasileiro. Essa ideia de texto-roteiro como recurso ganha contorno mais definido a partir da clarificação do conceito. Segundo Figueiredo (2010), o roteiro é reconhecido como o texto que apresenta todos os detalhes necessários e certos conteúdos para uma peça teatral, um programa de televisão, um filme ou uma obra literária.

Entendemos que cada autor à sua maneira elabora um roteiro, conforme seus leitores, mobilizando formas de representação literária para provocação do apelo popular e favorecimento do mercado editorial. Dessa forma, apoiados em algumas das colocações de Caú (2017), onde algumas das singularidades das manifestações literárias, como as construções roteiristas, narrativas essas, que dialogam de alguma maneira com o meio artístico e cinema, entendemos que

Nos últimos anos, a quantidade de livros ligados ao universo do cinema vem se ampliando constantemente, ao mesmo tempo em que os roteiros cinematográficos parecem ter finalmente encontrado seu espaço enquanto gênero literário em expansão. Nota-se que este panorama de construção e popularização de uma nova demanda de leitura, com seus códigos e público específicos, parece ecoar o cenário da popularização das publicações [...] (CAÚ, 2017, p. 254).

Sendo assim, sob a perspectiva exposta pelo supramencionado estudioso, os entrecruzamentos entre os campos de literatura, cinema, arte e teatro são notórios em algumas obras, tal como **O filho eterno**, até mesmo pelo fato de Cristovão Tezza ter um vasto currículo de experiência nessas áreas. Parece claro e bastante válido lembrar e relacionar o escritor, que apresenta uma vivência no campo do teatro e novelas, onde também já foi integrante do CECAP em 1968, grupo dirigido por Wilson Rio Apa, constituindo-o como escritor polivalente no território literário. Podemos definir que todo esse traquejo de Tezza direciona as escolhas estéticas e técnicas que resultam num possível o produto final: uma narrativa de transposição pronta para o cinema.

Há outra ideia que nos cabe mencionar aqui se buscarmos numa passagem da vida do escritor já registrada nessa dissertação. Assim, entenderemos a autoridade de fala empregada pelo escritor na entrevista ao *blog Página Cinco* (2016)⁵, na qual o escritor, numa posição privilegiada por sua bagagem como roteirista, demonstra todo o seu conhecimento e a sua visão sobre o longa brasileiro de direção de Paulo Machline e roteiro de Leonardo Levis. Na ocasião, Tezza, em mãos de suas práticas discursivas associadas às suas experiências nesse campo artístico, apresentou seu posicionamento contrário e crítico, com sua voz segura, típica de um especialista da área fílmica, registrando o seu ponto de vista.

Destacamos essas considerações e colocações, mesmo que sucintas, sobre intercâmbio entre literatura, cinema e teatro, para percebemos que existem obras literárias que são escritas para serem filmadas. Assim, o texto é construído de tal forma que evoca uma narrativa visual com um grande teor de significados capazes de entrelaçar outras histórias, fatos e imagens criadas pelos leitores e fluxo contínuo de consciência do autor como narrador, dentro de uma única estrutura narrativa. Para Figueiredo (2010), essas práticas configuram:

Como se pode perceber, cada vez mais o texto vai deixando de ser considerado como obra fechada em si, para ser visto a partir de suas conexões no interior de uma ampla rede formada por inúmeros outros textos. A perfeição artesanal fica em segundo plano, priorizando-se as descontextualizações provocadas pelo trabalho combinatório, o que remete para as propostas estéticas [...] (FIGUEIREDO, 2010, p. 15).

⁵ Disponível em: <https://paginacinco.blogosfera.uol.com.br/2016/11/30/historia-de-o-filho-eterno-perde-forca-na-adaptacao-para-o-cinema>. Acesso em: 6 abr. 2021.

Dentro desse panorama, basta apenas apontar que a popularização de uma nova demanda de leitura, com suas estruturas e público específicos, parecem nortear um novo cenário nas obras literárias, refletindo na disseminação das publicações, reforçando questões pertinentes aos discursos e às práticas em relação às diferenças de imagens – aqui, no caso, da pessoa com deficiência.

Cabe considerarmos, como já descrito, os novos tipos de textos com outras formas de leituras que ainda trazem as velhas perspectivas sobre deficiência. Continuam fornecendo elementos estereotipados e preconceituosos, problematizando a utopia de um corpo normal. Porém, mesmo com a utilização do discurso fílmico, registram aspectos centrais tradicionalmente construídos dentro de uma visão social comum sobre SD. Gilbert (2017) descreve sobre as escolhas das deficiências e seus significados para os escritores e leitores, afirmando que essas abordagens nas obras literárias fílmicas aparecem como recursos literários. Registra uma elaboração fílmica através de intenso intercâmbio documental, que sugere um filme, descrevendo a realidade das pessoas com SD e suas perspectivas parciais traduzidas em roteiro com ângulos, luzes, colocações e editorações, que acompanham o que se conhece e se pensa sobre a SD em uma determinada época.

A escolha pela SD se deu pelo fato de ela ter se tornado, no Brasil, um dos símbolos da diversidade humana, sendo tema de diversas campanhas nos meios de comunicação. É, também, uma das condições genéticas mais frequentes, com incidência de um entre setecentos nascidos vivo, sendo tomada como exemplo, por profissionais de saúde, para explicar sobre riscos e tecnologias de rastreamento e diagnóstico pré-natais (GILBERT, 2017, p. 112).

Pelas palavras de Gilbert (2017), as intenções literárias sobre a SD são explorativas. Abordam uma visão demonstrativa dos corpos anormais, distribuídas diferentemente em núcleos narrativos dentro dos enredos literários. Posto isto, não é difícil constatar que a obra registra a forma fílmica no seu contexto literário, onde o autor dentro de uma visão do corpo do outro produz efeitos racionais, emocionais e viscerais, constituídos de problemas e frustrações do cotidiano de um casal ao teor de uma vida com um filho com SD. Cria-se assim a compreensão dos sentidos dos núcleos, pois definem e direcionam o caminho dos enredos, proporcionando coesões capazes de exercer relações nas táticas.

Sendo assim, os aspectos da SD relacionados à identidade biológica, como a referência explícita à categoria diagnóstica, estão presentes no ‘Núcleo Médico’. O

autor discute essa noção inspirado na definição da estética da deficiência com todas as características fenotípicas que definem os aspectos corpóreos. Dentro dos aspectos que são relevantes para os processos das construções das identidades das pessoas com deficiências no âmbito literário, surgem as imagens do cotidiano. Essas imagens são capazes de ampliar a gama de evocações do termo deficiência ou SD no contexto daquilo que se apresenta ao leitor. Mediante os fatos, faz-se necessário, novamente, as palavras de Gilbert (2017) para nos trazer uma definição quanto ao modelo de deficiência no interior do ‘Núcleo Médico’:

Remete a um modelo de entendimento da deficiência assentado na medicina, prevalente desde o século XIX até os anos 1970, com suas narrativas sobre corpos considerados anormais, propícios a intervenções. Tal núcleo trata das questões relativas à construção de subjetividade e reorientação da vida a partir do diagnóstico e das estratégias de intervenção, com ênfase no percurso da pessoa com SD (e sua família) do nascimento até o momento atual (GILBERT, 2017, p. 114, grifo do autor).

A tendência que se observa nas orientações de Gilbert (2017) sobre o referido núcleo corresponde ao uso da imagem da imperfeição genética recorrendo ao conceito do modelo da Deficiência Biológica, tal como uma paisagem de ordem política e vital para a formação de uma história própria marcada por exemplaridades morais e intuítos clínicos e pedagógicos. Todo esse roteiro nos leva a um mundo com emoções, momentos de angústia e de melancolias, destinado a chamar a atenção do público, delineando uma narrativa de perdas, capacidades e jornadas clínicas para uma possível reparação dos padrões seguidos de acordo com os moldes do ‘Núcleo Médico’. Podemos considerar como ilustração do uso dessa metodologia referente ao ‘Núcleo Médico’ as escolhas textuais de Cristovão Tezza nos primeiros capítulos que compõem sua obra, **O filho eterno**:

Súbito, aperta se abre e entram os dois médicos, o pediatra e o obstetra, e um deles tem um pacote na mão. Estão surpreendentemente sérios, absurdamente sérios, pesados, para um momento tão feliz – parecem militares. Há umas dez pessoas no quarto, e a mãe está acordada. É uma entrada abrupta, até violenta, passos rápidos, decididos, cada um se dirige a um lado da cama, com o espaldar alto: a mãe vê o filho ser depositado diante dela ao modo de uma oferenda, mas ninguém sorri. Eles chegam como sacerdotes. Em outros tempos, o punhal de um deles desceria num golpe medido para abrir as entranhas do ser e dali arrancar o futuro. Cinco segundos de silêncio. Todos se imobilizam – uma tensão elétrica, súbita, brutal, paralisante, perpassa as almas, enquanto um dos médicos desenrola a criança sobre a cama. São as formas de um ritual que, instantâneo, cria-se e cria seus gestos e suas regras, imediatamente respeitadas (TEZZA, 2016, p. 29).

Diante das palavras de autor, não é difícil constatar o cenário do enredo fílmico: a notícia de que a criança tem SD e o impacto na família, agora marcada por uma espécie de luto pela perda do filho ideal, além da discriminação e do preconceito como elementos da imperfeição genética ou anormalidade genética resultante da trissomia do cromossomo 21. Outro recurso utilizado como estratégia para desbravar o núcleo em análise acontece por meio da evocação de fatos ou momentos específicos que ocorrem com frequência sob a forma de *flashbacks*:

O pai lembra imediatamente da dissertação de mestrado de um amigo da área de genética – dois meses antes fez a revisão do texto, e ainda estavam nítidas na memória as características da trissomia do cromossomo 21, chamada de SD, ou, mais popularmente - ainda nos anos 1980 – “mongolismo” (TEZZA, 2016, p. 30).

Sendo assim, podemos pensar que a imperfeição genética de um corpo fornece elementos e recursos para uma elaboração do discurso, interesse e público leitor. O ‘Núcleo Médico’ permite articular narrativas através das descrições das imagens da SD, referindo-se não apenas às representações figuradas em si, mas a tudo o que é transmitido por essas palavras, compondo significados da e para a produção cultural e social da SD. O autor em questão perpetua em sua obra: “Observem os olhos, que têm a prega nos cantos, e a pálpebra oblíqua... o dedo mindinho das mãos, arqueado para dentro [...] achatamento da parte posterior do crânio [...] a hipotonia muscular... abaixa implantação da orelha e...” (TEZZA, 2016, p. 30). Garante, assim, a aproximação com o leitor, formando um ponto de partida a partir das imagens formadas em relação à SD. Desta forma, Gilbert (2017) esclarece e categoriza os enredos literários no ‘Núcleo Médico’:

Enredos que priorizam o núcleo médico seguem uma estrutura narrativa básica composta pelo modelo temporal linear equilíbrio-ruptura-equilíbrio, sendo o momento de ruptura o do estabelecimento do diagnóstico. O sentimento de ruptura é exacerbado pela forma como o discurso contemporâneo sobre reprodução é constituído, considerando-a como uma questão de escolha e controle. Isso se torna possível graças à disseminação das tecnologias reprodutivas, incluindo as técnicas de rastreamento e diagnóstico pré-natais e de reprodução assistida, o que reforça a expectativa do bebê perfeitamente normal e transforma qualquer possibilidade fora desse padrão em um ‘outro’ (GILBERT, 2017, p. 115, grifo do autor).

Mediante os recursos empregados pelo escritor e por aqueles expostos acima por Gilbert (2017), visualizamos o reconhecimento do roteiro como efeito artístico, um modelo de entendimento da deficiência assentado na Medicina e no aspecto da corporeidade.

Se em relação ao ‘Núcleo Médico’ os primeiros capítulos da obra estabelecem o território da SD do qual se fala, o segundo núcleo corresponde àquele dedicado à superação – ‘Nucléo Superação’ –, que articula seus elementos ao tipo de narrativa produzida pelo modelo social e político vivido na obra. Sob esse prisma de observação, surgem novos elementos narrativos de diferentes corporeidades que reconhecem as diferenças dos corpos humanos e deles partem para as construções das normalidades, surgindo novos rearranjos nas relações e nas produções narrativas, buscando novas versões familiares para serem contadas a partir da presença da deficiência ou SD. A exemplificação desse segundo núcleo narrativo acontece quando o autor valoriza o peso do discurso baseado na tentativa de encontrar respostas para o que é sentido e vivido, como o fardo e o sofrimento de um filho com SD. Assim, o plano se expande e a superação dos desafios elencados no personagem principal com SD sendo um herói mediante suas conquistas torna-se mais claro:

O filho finalmente subiu no banco do lado do motorista, escalando a montanha com a gana de um réptil, pernas, coxas, braços e mãos colando-se no vinil em cada avanço milimétrico. A distância, o pai vigia – tudo vai bem, exceto ele próprio, que fuma e pensa na encruzilhada em que está. São dois livros inteiros na gaveta; são dois filhos, esses de carne e osso, um deles ali diante dele, tentando ficar em pé no banco que escalou (TEZZA, 2016, p. 133).

Nesse sentido, a ênfase é colocada na capacidade de vencer a própria deficiência, diluindo o aspecto de diferença, descrevendo as conquistas que fazem a noção de igualdade prevalecer diante da desigualdade. O escritor desenha com palavras essa visão de ‘Núcleo de Superação’ em muitos momentos:

No ateliê de pintura que Felipe frequenta o dia inteiro, feliz, duas vezes por semana, a graça do seu traço espontâneo encontra a disciplinadas formas, um colorido básico e atraente e algum domínio técnico, de modo que suas telas pintadas com acrílico começam a se tornar um sucesso caseiro e atraem a atenção – todos os meses, orgulhoso, ele mostra a carteira com o dinheiro das vendas, sempre com planos mirabolantes de ficar rico e comprar o mundo (TEZZA, 2007, p. 211).

Outro ponto marcante do ‘Núcleo de Superação’ é a transição do entendimento da deficiência como uma anomalia para o entendimento da deficiência voltada ao modelo da normalidade. A pessoa com deficiência ganha um papel comum dentro da sociedade. Registrando certa forma, significa uma conformidade em ser deficiente dentro do espaço social.

Desta maneira, podemos visualizar uma mudança na moldura dos valores sociais que rodeiam a deficiência. A valorização das capacidades são destacadas através do herói com deficiência, criando uma imagem da pessoa com SD vencedora, direcionada para a progressão e o sucesso dos desafios descritos logo no início do ‘Núcleo Médico’.

A abordagem do terceiro núcleo narrativo, da Corporeidade, privilegia uma perspectiva sincrônica na vida de pessoas com SD. Isto é, a construção de possibilidades de viver a vida sem padrões de confrontação com um modelo de normalidade comum ao leitor. Mais uma vez, nessa nova forma literária trazida pelo ‘Núcleo da Corporeidade’, a SD apresenta-se como um sujeito, um tema principal, voltado à exposição de características peculiares que influenciam o processo de produção de verdades sobre os indivíduos com SD. Ainda de acordo com Gilbert (2017), o ‘Núcleo da Corporeidade’ propõe

[...] aspectos de luto necessários à construção de possibilidades criativas de estar-no-mundo, sem que isso signifique impor um regime de comparação e competição com um modelo de normalidade predefinido. Os enredos buscam potencializar qualidades, tais como, meticulosidade, compromisso, cuidado e capacidade de imitação, consideradas comuns a essas pessoas, no sentido de promover a sua inserção como adultos no mercado de trabalho e na sociedade (GILBERT, 2017, p. 113).

Assim, com esse tipo de enquadramento e de imagem apresentada pelo ‘Núcleo da Corporeidade’, de acordo com Gilbert (2017), a presença corpórea do personagem é constantemente sublinhada. Podemos dizer que a obra é elaborada de forma a mostrar a vida do personagem com SD com os prazeres, as dificuldades, as frustrações, os medos e os anseios, sem que haja a necessidade de corrigi-lo, de encobrir suas dificuldades ou de estabelecer metas a serem alcançadas. Contudo, mesmo na obra **O filho eterno**, onde a vida do pai de um filho com SD é realçada, segue o ‘Núcleo da Corporeidade’ relatando as experiências da pessoa com SD na vida diária. É interessante notar essa idéia com as palavras de Cristovão Tezza:

O menino faz natação desde praticamente bebê, e é bom nisso. É claro que, na vida real, tudo se transforma em competição. Em eventos, encontros e concursos de natação para pessoas especiais, quase sempre desorganizados, que sempre se atrasam horas, o que transforma a festa em si – que tem o condão de elevar a auto estimadas crianças – num pequeno inferno de parentes angustiados para disfarçar o mal-estar daquele pátio de milagres em que todos sorriem sem alegria, agitam-se desencontrados, elogiam-se tensos e torcem insanamente, aos gritos, pelos seus excepcionais em nome da Vitória Final, o Grande Triunfo, lá vão as crianças aprender as regras da perpétua corrida dos cavalos, que sentem dificuldade para compreender mas cuja aura assimilam instantâneas: é preciso ganhar (TEZZA, 2007, p. 152).

Diante das informações fornecidas por essas técnicas dos usos dos núcleos como roteiro fílmico dentro da literatura, acreditamos que Cristovão Tezza seguiu esses fundamentos para a elaboração da sua obra **o filho eterno**. O enredo e as imagens descritas sobre a deficiência ou SD mostraram-se alinhadas aos tipos de perspectivas que cada um desses núcleos priorizam. O ‘Núcleo Médico’, mais voltado para um conhecimento sobre a SD; o ‘Núcleo de Superação’, que tem como foco as capacidades de vencer os desafios, um modelo de normalidade tido como padrão; e o ‘Núcleo de Corporeidade’, com a valorização das marcas somáticas, o reconhecimento dos limites e contornos da SD e as possibilidades narrativas a partir deles.

2.2.1 A interpretação da deficiência: modelo social e modelo biológico

Ao aproximarmos os estudos sobre deficiência com a obra de Cristovão Tezza, identificamos possíveis aspectos que corroboram para a distinção desse modelo de deficiência. Utilizadas pelo escritor como elemento conflitante para a não definição entre o real e o ficcional em sua obra, as expressões empregadas sobre as realidades social e cultural, além de questões relacionadas ao corpo de uma pessoa deficiente produzem um provável recurso sutil para compor um cenário e uma definição sobre a deficiência social nos anos de 1980.

Dentro do contexto histórico, a Humanidade nos mostra que no decurso do desenvolvimento social as pessoas que apresentavam algum elemento considerado anormal se tornavam vítimas de discriminação, preconceito e até de barbáries. A deficiência era compreendida ainda como um fato de má sorte pessoal. Do ponto de vista social e político, os deficientes são vistos como minoria. E nessa direção do

passado, Daniela Arbex (2013) registra que as crianças com algum defeito eram atiradas em depósitos ou em instituições:

Situações como essa se repetiam diariamente em Oliveira. A instituição, criada em 1924, como hospital psiquiátrico, atendia a indigentes e mulheres, mas mudou seu perfil em 1946, quando passou a receber crianças com qualquer tipo de deficiência física e mental, a maioria rejeitada pelas famílias. O depósito de crianças já despertava tristeza por si só (ARBEX, 2013, p. 76).

Assim, as memórias comprovam que vem de longo tempo a resistência à aceitação social das pessoas deficientes, e que suas vidas sempre foram ameaçadas. O valor posicional desta subseção na organização peculiar da dissertação só pode ser compreendido mediante a exposição do conceito do modelo social da deficiência. O modelo social origina-se da necessidade de crítica ao entendimento superficial sobre a deficiência. Já o modelo médico ou modelo biológico, que se entende como universal e neutro, é percebido socialmente devido à sua proximidade com o senso popular. Portanto, para entender a inovação da proposta pelo modelo social, é necessário que se conheça o modelo médico.

Nesta perspectiva, parece bastante válido discriminar os dois modelos. Iniciamos com o modelo médico ou biológico, conforme a citação de França (2013):

O Modelo Médico (ou Biomédico) da Deficiência a compreende como um fenômeno biológico. Segundo tal concepção, a deficiência seria a consequência lógica e natural do corpo com lesão, adquirida inicialmente por meio de uma doença, sendo uma como consequência desta. A deficiência seria em si a incapacidade física, e tal condição levaria os indivíduos a uma série de desvantagens sociais (FRANÇA, 2013, p. 60).

Cabe lembrar e registrar, através das palavras de França (2013), o surgimento da CIDID - Classificação Internacional de Deficiências, Incapacidades e Desvantagens, onde o modelo médico formalizou seus conceitos e suas direções:

O principal documento que cristaliza a conceituação e a dinâmica envolvida entre os conceitos do Modelo Médico é intitulado Classificação Internacional de Deficiências, Incapacidades e Desvantagens: um manual de classificação das consequências das doenças (CIDID). Elaborado como parte complementar da Classificação Internacional de Doenças (CID) pela Organização Mundial da Saúde (OMS) com o propósito de classificar as condições crônicas de saúde decorrentes de doenças, a CIDID datada originalmente em 1976 oferece suas próprias concepções de deficiência, incapacidade e desvantagem (*disability, impairment e handicap*, nos termos originais) (FRANÇA, 2013, p. 60, grifos da autora).

Portanto, a deficiência é vista como um fenômeno do corpo, no qual a ausência de partes ou limitações funcionais são elementos definidores. Emergem como indicadores das desigualdades sociais que se expressam por meio de conceitos e definições do modelo médico. Seguem as principais:

Deficiência: perda ou anormalidade de estrutura ou função psicológica, fisiológica ou anatômica, temporária ou permanente. Incluem-se nessas a ocorrência de uma anomalia, defeito ou perda de um membro, órgão, tecido ou qualquer outra estrutura do corpo, inclusive das funções mentais. Representa a exteriorização de um estado patológico, refletindo um distúrbio orgânico, uma perturbação no órgão. **Incapacidade:** restrição, resultante de uma deficiência, da habilidade para desempenhar uma atividade considerada normal para o ser humano. Surge como consequência direta ou é resposta do indivíduo a uma deficiência psicológica, física, sensorial ou outra. Representa a objetivação da deficiência e reflete os distúrbios da própria pessoa, nas atividades e comportamentos essenciais à vida diária. **Desvantagem:** prejuízo para o indivíduo, resultante de uma deficiência ou uma incapacidade, que limita ou impede o desempenho de papéis de acordo com a idade, sexo, fatores sociais e culturais. Caracteriza-se por uma discordância entre a capacidade individual de realização e as expectativas do indivíduo ou do seu grupo social. Representa a socialização da deficiência e relaciona-se às dificuldades nas habilidades de sobrevivência (AMIRALIAN et al., 2000, p. 98).

Contrapondo o modelo médico da deficiência, surge na década de 1960, na Inglaterra, os primeiros registros pioneiros dessa nova base conceitual: o modelo social da deficiência. Logo depois, o sociólogo Paul Hunt (1966) registra a primeira publicação elaborada por pessoas com deficiência, que teve por objetivo debater as limitações sociais vividas. França (2013) também complementa a história do modelo social da deficiência:

Atribuída a Hunt a pioneira articulação política de pessoas com deficiência na Inglaterra, em torno do que ficou posteriormente conhecido como movimento das pessoas com deficiência (BARNES; MENCER, 1996). Nesse contexto, nasceu a UPIAS -*The Union of the Physically Impaired Against Segregation*- entidade responsável pela concepção de deficiência como um fenômeno de natureza social (FRANÇA, 2013, p. 62, grifos da autora).

Segundo França (2013), o movimento culminou no estabelecimento do modelo social, no qual a deficiência passa a ser entendida como uma variável contextual, isto é, um fenômeno de natureza social. Assim, as diferentes formas de conceber o corpo convertem-se em significados peculiares e historicamente

contextualizados. Bampi, Guilhem e Alves (2010) definem, a seguir, o modelo social da deficiência:

Para esse modelo, a deficiência é fruto das desvantagens ou restrições provocadas pela organização social contemporânea que pouco ou nada considera aqueles que possuem lesões físicas e os exclui das principais atividades da sociedade. O modelo social da deficiência estruturou-se em oposição ao modelo médico da deficiência (BAMPI; GUILHEM; ALVES, 2010, p. 2).

Refletindo e atrelando as afirmações de Bampi, Guilhem e Alves (2010) e França (2013) sobre os conceitos de deficiências, percebemos uma plausível diferenciação na lógica de causalidade e percepção entre os modelos médicos e os modelos sociais. De posse desses argumentos e com a intenção de considerar a obra como espaço de voz dessas representatividades, apresentamos prováveis extratos que classificam os dois modelos de deficiência. Assim, advindo do modelo médico, o autor registra em sua obra o treinamento numa das salas na clínica do Rio de Janeiro, em que estavam sendo trabalhadas crianças com paralisia cerebral onde “O espaço é o chão, e o tempo, um luxo inacessível. E o que fazem? Todos rastejam – mas aqui o rastejar é, na prática, o verdadeiro caminho da cura, o exercício primeiro que há de devolver ao lesado o seu poder – ou alguma” (TEZZA, 2007, p. 83, grifo do autor).

Lendo essas linhas registradas por Tezza, o romance descreve um exercício terapêutico onde podemos reconhecer um viável modelo médico, abordando a deficiência por meio de um conjunto de teorias e práticas assistenciais em saúde que pressupõe relação de causalidade entre a lesão ou a doença e a experiência da deficiência. A deficiência, nesse modelo, é a expressão de uma limitação corporal do indivíduo para interagir coletivamente.

Na obra **O filho eterno**, identificamos o modelo social da deficiência, onde deficiência é uma situação, algo que sistematicamente acontece durante a interação social e não está relacionada à falta de um membro ou a incapacidade do corpo. Portanto, o que caracteriza o modelo social da deficiência são as dificuldades que as pessoas com alguma alteração física ou mental encontram em se relacionar ou se integrar na sociedade. Sobre isso, Tezza registra:

Tempos depois, ele mudou de tática: em outra visita, na casa de outros amigos, sentou-se ostensivamente ao lado da menina da casa e abraçou-a, sorridente, desta vez sem beijá-la: “É minha namorada!” É só um teatro de crianças, mas manteve-se um fio de tensão, o pai com o rabo do olho vigiando o filho, que se comportou, mas a presença daquele menino estranho permanentemente ao lado da menina perturbou-a, é claro, e afinal perturbou a todos, como quem está diante de um inescrutável urso (TEZZA, 2007, p. 200, grifo do autor).

Partindo dessa ideia, Tezza conseguiu levar ao leitor uma amostra do modelo social da deficiência que surge com maior ou menor incidência a partir das condições narradas das experiências do pai com o filho com SD numa vivência social nos anos de 1980. Nesta engrenagem de posições sobre os modelos da deficiência, é importante destacar o surgimento de meticolosas peças: a definição de lesão e a definição de deficiência amparadas pelo modelo social da deficiência. Diniz (2007) esclarece acerca dos termos ‘lesão’ e ‘deficiência’:

Lesão: ausência parcial ou total de um membro, ou membro, organismo ou mecanismo corporal defeituoso; deficiência: desvantagem ou restrição de atividade provocada pela organização social contemporânea, que pouco ou nada considera aqueles que possuem lesões físicas e os exclui das principais atividades da vida social (DINIZ, 2007, p.18, grifos do autor).

Nesta seara de definições, a lesão seria um dado corporal isento de valor, ao passo que a deficiência seria o resultado da interação de um corpo com lesão em uma sociedade. O resultado foi o distanciamento das definições entre lesão e deficiência. A primeira seria o objeto das ações biomédicas no corpo, ao passo que a segunda seria entendida como uma questão da ordem dos direitos, da justiça social e das políticas de bem-estar. Relativamente, a figura arquitetural do corpo pode ser criado pelo próprio homem como anatomia política para dar vida às relações de disciplina e controle da deficiência. Nesse ínterim, as expectativas e os significados múltiplos sobre o corpo são construídos socialmente e possuem contextualização histórica.

2.2.2 Múltiplos significados do corpo

As principais premissas que acompanham o significado da deficiência postulam as diferentes formas de percepção do corpo dentro de um contexto histórico, social e literário. Reconhecemos as reflexões sobre o corpo na literatura de Cristovão Tezza, onde o autor exprime possíveis investimentos, considerações e

significados sobre o corpo de uma forma necessariamente atribuída à incapacidade, à deficiência e à existência de desvantagens sociais. Nessa direção, traz-se à tona uma temática bastante complexa e sugestiva, onde o corpo qualifica-se numa função social, pois antes de tudo é uma imagem que pode ser descrita, pensada, articulada e lembrada mediante o jogo da percepção e dos reflexos entre sociedade, temporalidade, escritor e leitor.

Ziliotto e Santos (2008) contribuem sobre a noção de corpo, cujos significados e cujas implicações variam, seja entre diferentes paradigmas culturais, seja pelo modo como convocam – e se inscrevem em – nas relações sociais, proverbialmente dinâmicas pessoais ou padronizadas:

Percebe-se, sobretudo, que a cultura contemporânea imprime nos corpos uma mediação relacional importante, dada a valoração premente do físico enquanto representação do sujeito no social. Sobre o corpo inscrevem-se marcas identitárias como as tatuagens, as marcas de sedução através do esmero estético e as marcas relacionais nos gestos e nos contatos. As diferenças subjetivas podem, nesse sentido, se valer do corpo para se afirmarem, para buscar transcender o efêmero e registrar um significado particular (ZILIOTTO; SANTOS, 2008, p. 1).

A partir das palavras de Ziliotto e Santos (2008), destacamos que os significados e as expectativas sobre o corpo são construídos socialmente e possuem uma contextualização histórica, social e individual, contribuindo, assim, para as visões múltiplas do corpo.

Na obra **Vigiar e punir: nascimento da prisão** (1977), Foucault oferece-nos portentosa visão e reflexão em torno das relações de docilidade e utilidade no interior dos mecanismos sociais diversos, tais como instituições, clínicas terapêuticas, colégios, hospitais, sanatórios e quartéis que produzem os corpos dóceis:

A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, os chamados “corpos dóceis”. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças. Ela dissocia o poder do corpo e faz dele, por um lado, uma “aptidão”, uma “capacidade” que ela procura aumentar; e inverte, por outro lado, a energia, a potência que poderia resultar disso e faz dela uma relação de sujeição estrita (FOUCAULT, 1977, p. 135, grifos do autor)

Foucault (1977) registra pontos importantes sobre a disciplina dos corpos e seus aspectos constitutivos, como é o caso da desigualdade e diversidade, sendo

registradas dentro de um possível mecanismo social disciplinador como as escolas e clínicas, que contribuem não unicamente para o aumento das habilidades das pessoas, mas para a formação obediente e útil das populações marginalizadas do processo escolar, em especial das pessoas com deficiências.

Então, em paralelo ao fragmento de Foucault (1977), podemos mostrar o panorama disciplinador e controlador da sociedade brasileira no ano de 1980, registrado pelo mecanismo social de uma clínica de terapias para deficientes na obra

O filho eterno:

[...] para melhor eficiência da explicação – que você tem de recuperar o atraso neurológico, por meio de sobre-estímulos. Ora, se a criança normal precisa ouvir apenas dois ou três sons agudos para dominar a reação instintiva a esse som, uma criança deficiente precisará ouvi-lo trezentas vezes até que a natureza recupere o que perdeu [...] (TEZZA, 2007, p. 96).

Outro ponto relevante no livro de Tezza a respeito dos indicadores de estruturas sociais normativas é descrito por meio da exposição de regras metodológicas e civilizadoras de uma escola que busca a perfeição do corpo:

Em qualquer caso, é sempre a escola o agente civilizador, mesmo para os ricos, que ele imagina, no Brasil parecem perfeitamente corresponder ao imaginário coletivo que se criou em cinco séculos: na sua parte visível, é uma elite tosca, com frequência grotesca, de uma ignorância assustadora, renitentemente corrupta e corruptora e instalada capilarmente em todos os mecanismos de poder do país, que por sua vez se fundem na outra ponta com a bandidagem em estado puro (TEZZA, 2007, p. 150, grifo do autor).

Nesse território da busca da normalidade, o escritor expressa um provável conceito por meio da escola, configurando uma estrutura social normativa, onde as relações de poder aparecem como um agente civilizador, um agente de controle e, por fim, um agente disciplinador. Cristovão Tezza, nesta e em outra passagem de seu livro, propicia-nos, via obra literária, mais uma visão singular das estruturas sociais normativas na década de 1980:

Lá está o filho, nadando na segunda raia, lento e sistemático; talvez seja apenas o pai mesmo o mal humorado, o que vê o que não está ali, um mero encontro de famílias com um filho problema que professores bem-intencionados promovem para a melhoria de todos. Lá vai o filho nadando, tranquilo seguindo a regra. Seu filho é incapaz de compreender verdadeiramente a abstração da disputa, a sua ideia implícita – ali o pai começa a descobrir o poder do teatro no verniz civilizador (TEZZA, 2007, p. 154, grifo do autor).

A disciplina é massificadora, todos se sujeitam às mesmas obrigações num lugar determinado. Esse contexto disciplinador ainda acontece dentro de qualquer escola mediante a ordenação por fileiras. Nesse conjunto de alinhamentos classificatório excludente, cada aluno pode ser colocado de acordo com sua idade, seu desempenho, seu comportamento e sua limitação – posições que marcam uma hierarquia e um poder de controle.

Compactuando com as questões levantadas por essa subseção, acrescentamos a temática sobre ‘capacitismo’, com significativas reflexões acerca dos movimentos sociais dominantes e excludentes. Nesse cenário, com base na perspectiva do Maaco (2020),

capacitismo é a opressão e o preconceito contra pessoas que possuem algum tipo de deficiência, o tecido de conceitos que envolve todos que compõem o corpo social. Ele parte da premissa da capacidade, de sujeição dos corpos deficientes em razão dos sem deficiência. Acredita que a corporalidade tange à normalidade, á métrica, já o capacitismo não aceita um corpo que produz algo fora do momento ou não produza o que acreditam como valor (MAACO, 2020, p. 18 grifo do autor).

Tendo como apoio as palavras Maaco (2020), o capacitismo é uma atitude que diferencia e desvaloriza as pessoas com deficiência, extrapassa o ordenamento jurídico para pessoas com deficiência como a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, instituída em 6 de julho de 2015. A Lei nº 13.146 tem por objetivo assegurar e promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais das pessoas com deficiência, visando sua inclusão social e cidadania. O capacitismo possui um campo aberto de atuação: está nas ideias, nas práticas, nas instituições e relações sociais que produzem corpos deficientes como marginalizadas e invisíveis para sociedade.

Portanto, entender os conceitos, os modelos teóricos e suas implicações, assim como as terminologias, seguramente oportuniza o diálogo e propicia a ruptura com os paradigmas depreciativos e alusivos à segregação das pessoas deficientes em nossa sociedade.

3 O CONCEITO DE AUTOFICÇÃO: A REPRESENTAÇÃO EMOCIONAL MOBILIZADA NA COMPOSIÇÃO DA NARRATIVA

Pensando no termo ‘autoficção’ e como as narrativas se colocam ao leitor numa duplicidade de escrita, encontramos uma perspectiva discursiva misturada entre o real e o imaginário, formando uma singularidade híbrida no tom do enredo, tendo como estratégia a vida na obra. As narrativas ficcionais com caracteres biográficos apresentam a inserção de diferentes formulações esteticamente constituídas e aprimoradas pela representação emocional do autor.

A experiência emocional torna-se inerente à representação, alargando os caminhos através das espetacularizações e ao mesmo tempo diluindo as fronteiras que separam a ficção da realidade. Esse diluir é apresentado por Tezza em sua obra: “só sou interessante se me transformo em escrita, o que me destrói sem deixar rastro, ele imagina, sorrindo, antevendo algum crime perfeito. Ninguém descobrirá nada, ele enfim sonha, oculto em algum refúgio da infância” (TEZZA, 2007, p. 194). Os sentimentos do autor configuram-se como um trabalho, uma técnica de escrever de si, construída por retalhos de fatos reais e utópicos que entram no texto com uma autoridade única, uma verdadeira seleção que leva em conta a narrativa romanesca, e não a fidelidade aos fatos, onde os autores criam seus livros de memórias por meio de suas obras de ficção, como se a confissão só fosse possível através do imaginável e do exercício da escrita.

De um ponto de vista descritivo e teórico, o termo ‘escrita de si’, no singular, estreia no título de um ensaio publicado por Michel Foucault na revista *Corps écrits*, no ano de 1983, no qual o estudioso registra a acepção da técnica dos *hypomnemata*:

Na sua acepção técnica, os *hypomnemata* podiam ser livros de contabilidade, registros notariais, cadernos pessoais que serviam de agenda. O seu uso como livro de vida, guia de conduta, parece ter-se tornado coisa corrente entre o público cultivado. Neles eram consignadas citações, fragmentos de obras, exemplos e ações de que tinham sido testemunha ou cujo relato se tinha lido, reflexões ou debates que setinha ouvido ou que tivessem vindo à memória. Constituíam uma memória material das coisas lidas, ouvidas ou pensadas; ofereciam-nas assim, qual tesouro acumulado, à releitura e á meditação ulterior. Formavam também uma matéria prima para redacção de tratados mais sistemáticos, nos quais eram fornecidos argumentos e meios para lutar contra este ou aquele defeito como a cólera, a inveja, a tagarelice, a bajulação ou pra ultrapassar esta ou aquela circunstância difícil (um luto, um exílio, a ruína, a desgraça) (FOUCAULT, 1992, p. 134, grifos do autor).

Percebe-se que o uso do *hypomnemata* vai além de um simples apoiador de memória, pois era um acervo de vida, um símbolo de um material cultural de uma memória material elaborado escrita para si e para os outros, das coisas lidas, ouvidas ou pensadas

É possível então afirmar que Cristovão Tezza sincroniza em suas narrativas a organização do *hypomnemata*, uma consolidação de uma atuação emocionalmente formulada por intermédio do tempo e de sua própria história, uma obra literária de autoficção com a insistência de uma dupla inseparável: a ficção e a realidade.

3.1 AUTOFICÇÃO: UM TEXTO HÍBRIDO

O objetivo desta seção é levantar alguns pontos reflexivos e seus impactos no entrelaçamento entre a ficção e a realidade, presente no romance do **O filho eterno**, publicado em 2007. A ausência da linha divisória entre o real e o irreal configura um provável elemento tático utilizado pelo autor para moldurar a formatação de sua escrita. Frente a isso, podemos pensar com as palavras de Silvano Santiago: “[...] um texto híbrido, constituído pela contaminação da autobiografia pela ficção – e da ficção pela autobiografia” (SANTIAGO, 2008, p. 174). Pretendemos explorar as marcas da voz do ficcionista do autor através das articulações entre a escrita literária e os resíduos biográficos, incorporados ambigualmente para fundamentar um texto de autoficção sobre as terapias e estimulações voltadas para SD em 1980.

O termo ‘autoficção’ foi criado por Serge Doubrovsky, filósofo francês, em 1977. O seu surgimento se deu a partir da necessidade de questionar e repensar o termo ‘autobiografia’, discutido e definido por Philippe Lejeune, em 1975, em seu **Le pacte autobiographique** (O pacto autobiográfico), onde afirma um trato com o leitor, em que ao ler uma obra autobiográfica se tenha certeza que aquilo que está lendo corresponde de fato com a vida daquele que a escreveu. A esse trato, Philippe Lejeune chama de ‘pacto autobiográfico’, sendo um dos critérios principais para validar um texto como autobiográfico.

A autobiografia, ao mesmo tempo em que parece reproduzir fielmente as memórias do narrador, apresenta-nos questionamentos na medida em que consideramos as falhas ou seleções das memórias. Além disso, também não podemos desconsiderar a interpretação de quem realiza a leitura.

Para o teórico da literatura Serge Doubrovsky, a autoficção é o gênero no qual se projeta a si na ficção, narrando acontecimentos que poderiam ter acontecido, mas que possivelmente não aconteceram, corrigindo as falhas ou as seleções das memórias sem a preocupação do pacto autobiográfico de Philippe Lejeune, preferindo a firmação de um pacto romanesco ou ficcional, tornando a obra incapaz de ser autobiográfica. Desta forma, o termo ‘autoficção’ possibilita mostrar que nenhuma escolha temática, por mais objetiva que pareça, é neutra ou impessoal, mas apresenta um hibridismo de forma indecível, ora para a autobiografia realista, ora para o delírio ficcional, numa oscilação onde toda ficção relaciona-se com o real.

O primeiro romance que Doubrovsky escreveu ocorreu após dois anos da publicação do **O pacto autobiográfico**, seguindo a partir do remanejamento parcial do manuscrito de *Le monstre*, reduzido a 450 páginas sob o título de **Fils** (1977), livro no qual o termo ‘autoficção’ aparece pela primeira vez, quando defende a liberdade de um autor se aventurar em suas próprias histórias, fugindo dos padrões romanescos, conforme a citação da capa de seu livro feita por Roberta Campos Preussler:

Autobiografia? Não, é um privilégio reservado aos importantes do mundo, no crepúsculo de suas vidas, e em um belo estilo. Ficção, de acontecimentos e de fatos estritamente reais; se quisermos, autoficção, por ter confiado a linguagem de uma aventura a uma aventura da linguagem, fora do bom senso e fora da sintaxe do romance, tradicional ou novo. Encontros, fios de palavras, aliterações, assonâncias, dissonâncias, escrita anterior ou posterior à literatura, concreta, como se diz em música. Ou ainda, autofricção, pacientemente onanista, que espera agora partilhar seu prazer (DOUBROVSKY, 1977 p.170)⁶.

Dessa maneira, a perspectiva discursiva de Doubrovsky convida seus leitores a analisarem seus escritos como uma ficção de acontecimentos e fatos reais, surgindo assim o conceito de autoficção. Com o surgimento desse novo termo, uma linha tênue entre realidade e ficção é criada, fazendo com que tanto a autobiografia quanto a autoficção não tenham precisamente uma definição concreta, isto é, a proposta doubrovskiana define a autoficção como uma variante pós-moderna da autobiografia.

⁶No original: Autobiographie? Non, c'est un privilège réservé aux importants de ce monde, au soir de leur vie, et dans un beau style. Fiction, d'événements et de faits strictement réels; si l'on veut, autoficcion, d'avoir confié le langage d'une aventure à l'aventure du langage, hors sagesse et hors syntaxe du roman, traditionnel ou nouveau. Rencontre, fils de mot, allitérations, assonances, dissonances, écriture d'avant ou d'après littérature, concrète, comme on dit en musique. Ou encore, autofriccion, patiemment onaniste, qui espère faire maintenant partager son plaisir (DOUBROVSKY, 1977, *apud* VILAIN, 2005, p. 170).

Para analisar o conceito de autoficção e classificar uma produção literária, requer-se pontuar sua especificidade em relação às escritas registradas do eu e da ficção, apontando condições necessárias e suficientes para delimitá-los, como esclarece Ana Faedrich (2015):

O movimento da autobiografia é da vida para o texto, e da autoficção, do texto para a vida. Isso quer dizer que, na autobiografia, o narrador protagonista é, geralmente, alguém famoso, “digno de uma autobiografia”. Justamente por ser uma celebridade desperta o interesse e curiosidade no público-leitor. Na autoficção, um autor pode chamar a atenção para a sua biografia por meio do texto ficcional, mas é sempre o texto literário que está em primeiro plano (FAEDRICH, 2015, p. 47, grifo da autora).

Desse modo, podemos compreender que na autobiografia (pacto autobiográfico) o autor narra as histórias, desde suas origens, procurando ser fiel aos fatos acontecidos, sem a intenção de se revelar no texto, diferentemente do texto ficcional (pacto romanesco/ficcional) onde a escrita de si trata-se de uma representação do autor que se caracteriza por ser contraditório, pois rompe com o princípio de veracidade. Como bem exposto por Faedrich (2015), “[...] um autor pode chamar a atenção para a sua biografia por meio do texto ficcional [...]”, e a recriação poderia preencher os vazios da vida humana, dando-lhes uma moldura, um sentido que não tinha no mundo real, ou seja, seria a recriação modelada pela imaginação.

A partir do que foi considerado na epígrafe escolhida por Tezza para abrir a obra **O filho eterno**: “Queremos dizer a verdade e, no entanto, não dizemos a verdade. Descrevemos algo buscando fidelidade à verdade e, no entanto, o descrito é outra coisa que não a verdade”, de Thomas Bernhard, direciona para um possível pacto romanesco/ficcional onde a verdade não é objeto de escrita são os leitores que pensam sobre a verdade.

Neste contexto, o romance de Tezza corresponde a uma biografia em forma de ficção, um romance, devendo talvez ser lido como ficção apesar de ser baseado em fatos reais, partindo da ideia de que todo romance é mais ou menos uma confissão, porém esse não está em primeira pessoa e a narrativa está escrita em terceira pessoa, onde o autor direciona uma distância do personagem através do narrador, alguém que sabe mais do que os seus próprios personagens ou alguém que escolhe o que vê, recorta e interpreta, produzindo um efeito, como ele ou o pai dentro de suas linhas declarativas:

[...] ele imagina a mudança de sua vida e procura antecipar alguma rotina, para que as coisas não mudem muito. Tem energia de sobra para ficar dias e dias dormindo mal, bebendo cerveja nos intervalos, fumando bastante, dando risadas e contando histórias, enquanto a mulher se recupera. Seria agora um pai, o que sempre dignifica a biografia (TEZZA, 2007, p. 14).

As palavras de Cortez, Fellini e Bogoni (2018, p. 161) reforçam o esclarecimento sobre a técnica para dissimular sob a máscara de um ou de múltiplos personagens para criação de história sentimental conturbada: “Compreende-se que, ao instaurar a terceira pessoa, o enunciador cria o distanciamento, o olhar do outro sobre o fato, o pai está escondido pelo véu da narração em terceira pessoa”.

De forma sucinta, os referidos autores traçam uma linha evolutiva nas narrações, onde o autor tem uma determinada possibilidade de falar por ele, de si mesmo e dos outros sem nenhuma forma de censura, tendo a oportunidade de escrever a partir de sua vida e de sua ficcionalização com o recurso do uso da terceira pessoa que cria um pacto ficcional com o leitor, âmbito no qual o narrador dá voz àquilo que não pode ser enunciado pelo próprio sujeito da experiência com crueza e com crueldade:

Tudo pode ser recomeçado, mas agora não; tudo pode ser refeito, mas isso não; tudo pode voltar ao nada e se refazer, mas agora tudo é de uma solidez granítica e intransponível; o último limite, o da inocência, estava ultrapassado; a infância teimosamente retardada terminava aqui, sentindo a falta de sangue na alma, recuando aos empurrões, sem mais ouvir aquela lengalenga imbecil dos médicos e apenas lembrando o trabalho que ele lera linha a linha, corrigindo caprichosamente aqui e ali detalhes de sintaxe e de estilo, divertindo-se com as curiosidades que descreviam com o poder frio e exato da ciência a alma do seu filho. Que era esta palavra: “mongoloide” (TEZZA, 2007, p. 30, grifos do autor).

Nesse trecho, posterior à revelação dos médicos sobre a condição trissômica do filho diante dos pais e de toda a família, o narrador aponta ser aquele maior desafio de um pai para ser sentida pelo leitor por intermédio de um recurso ou uma estratégia, descrevendo de forma bruta o filho. O recurso representado pela palavra mongoloide é registrada para classificar o filho Felipe e suas descobertas sobre a síndrome. Assim, apontam para uma situação que é vivida de forma traumática e intolerável, que não pode ser falada pelo personagem pai, mais instituída pelo narrador em terceira pessoa que permite que o real possa ser representado dentro da amoralidade bruta do escritor, sinalizando a ficção como ponto de se apropriar de

alguns dos aspectos mais delicados da vida do autor para que o romance pudesse ser composto.

Entende-se, assim, que as transformações sociais, valores e crenças, de alguma forma, impregnam também ao discurso literário. É o que se observa pela consciência do narrador, onde suas ideias acerca da literatura e opiniões sobre a cultura brasileira, dialogam com as ocorrências reais ou não da vida do autor como recurso ou um efeito sensibilizador para o leitor, como em uma das passagens da narrativa, na qual o pai confessa que “[...] era preciso sorver essa verdade, esse fato científico, profundamente: sim, as crianças com SD morrem cedo” (TEZZA, 2007, p. 35). Como efeito de linguagem e demandando traços de ficção, o narrador interroga o leitor, logo depois nas próximas linhas: “[...] vocês já viram algum adulto mongoloide?” (TEZZA, 2007, p. 35).

Nesse âmbito, Faedrich (2015) escreve sobre psiconarração, onde o autor estabelece diálogos com o leitor, como discursos do narrador sobre a consciência de um personagem, revelando uma marcação no campo da autoficção:

A psiconarração identifica tanto o objeto (mente, psique) quanto o processo de narração, análogo à psicologia, uma vez que expõe as emoções, os pensamentos, os sonhos e as visões da personagem. São técnicas que permitem o acesso a um universo subjetivo e não palpável, que se concretiza através do discurso, permitindo que o leitor aceite o mergulho intenso na consciência possa voltar-se para si mesmo e dar vazão ao seu próprio eu, penetrando e decifrando a personagem ficcional e descobrindo, nos conflitos e aflições do outro, as suas próprias angústias (FAEDRICH, 2015, p. 182, grifo da autora).

Faedrich (2015) retoma muitos dos argumentos de Doubrovsky sobre a obra não ser mais como um texto fechado, mas um suporte interativo de comunicação entre a interpretação do leitor com o autor. Este processo empregado por Tezza não nega a subjetividade e desafia a tradicional noção relativa à sua função no texto da autobiografia, pois modela um tratamento ficcional quando a realidade é revista e francamente completada pela leitura e imaginação do leitor. Desta forma, em **O filho eterno**, há um embaralho nas fronteiras que separam a ficção da realidade, os dispositivos ficcionalizados fazem fracassar o pacto da verdade calcados nas narrações dos fatos ocorridos na vida do autor ou em dados verdadeiramente reais.

É importante evidenciar que os personagens com SD quase nunca apareciam como protagonistas nas narrativas literárias e com os processos de aceitação das diversidades embasados nos movimentos em defesa da inclusão social, houve a

oportunidade para autores construírem voz e corpo desses personagens excluídos. Tezza retrata ou não as mudanças de valores sociais quando narra a relação paterna estabelecida com o filho mesmo o pai sendo o grande personagem do livro, pois Felipe não tem voz, ele só é visto. Essa relação percorre o livro todo numa tentativa de demonstrar a forma como as sociedades lidavam ou não lidavam com a deficiência e suas estimulações no período de 1980 através de suas memórias.

As elaborações literárias por intermédio das memórias também estão sujeitas às interferências internas e externas, podendo ser modificadas de acordo com essas interferências e necessidades. Assim, nenhuma memória é completa ou viável, tal como defende Doubrovsky:

As lembranças são histórias que contamos a nós mesmos, nas quais se misturam, sabemos bem disso hoje, falsas lembranças, lembranças encobridoras, lembranças truncadas ou remanejadas segundo as necessidades da causa. Toda autobiografia, qualquer que seja sua 'sinceridade', seu desejo de 'veracidade', comporta sua parte de ficção (DOUBROVSKY, 2014. p. 251 apud PREUSSLER, 2018, p. 13).

A explicação aponta para o jogo escritural onde a intencionalidade ficcional que se apropria do passado pela memória, um recorte de fatos reais e imaginários, forma uma unidade temática e estrutural dando um sentido particular. É com essa possibilidade e pretensão de reduzir a memória a um objeto da história entre outros fenômenos culturais que se encaminha rumo à leitura como autoficção.

Para Paul Ricoeur (2007), a autoficção também designa um movimento de representação do passado pela memória que o autor se ocupa para elaboração textual:

[...] a permanente ameaça da confusão entre rememoração e imaginação, que resulta desse tornar-se imagem da lembrança, afeta a ambição de fidelidade na qual se assume a função veritativa da memória. [...] E, no entanto, nada temos de melhor que a memória para garantir que algo ocorreu antes de formarmos sua lembrança (RICOEUR, 2007, p. 26).

Neste sentido, a reflexão de Ricoeur (2007) contribui para o entendimento da relação entre a memória e a história, que define como a apropriação do passado histórico por uma memória instruída, elaborada pela história como efeito de formulação da estrutura da obra, uma ferramenta de postura do escritor como meio de selecionar a experiência por meio de uma elaboração do conhecimento teórico e

histórico. Por isso, a memória não só é recriada por quem a compartilha, como também por quem a recebe. Sobre isso, Doubrovsky afirma:

O objetivo de minha escrita é mais perverso: quero que o leitor se identifique a mim, que a escrita seja não, como queria Rousseau, uma forma de absolvição [...], mas uma forma de compartilhamento; se meu livro tiver êxito, quero que o leitor possa compartilhar comigo o que pude viver (DOUBROVSKY, 1977, p. 54).

Doubrovsky esclarece que o material biográfico da memória do autor pode ser trabalhado e transformado em confissão com ficção, formulando um dispositivo, um instrumento onde determinados problemas e situações não se conceituam de forma definitiva, formulando um jogo espetacular entre a distância da vida e a obra, onde o autor biográfico e o autor narrador separam-se, ampliando a voz e as indagações, dúvidas e reflexões do leitor através do recebimento da leitura.

Para ressaltar o dilema entre os gêneros autobiográfico e autoficção, Lejeune (2008 p. 14, grifo do autor) elucida que “para que haja autobiografia (e, numa perspectiva mais geral, literatura íntima), é preciso que haja relação de identidade entre o autor, o narrador e o personagem”. Portanto, contrariando o estudioso, o protagonista da obra de Tezza não possui um nome igual ao do autor – o personagem do pai não é nomeado em toda a narrativa, provocando refúgio em direção a linguagem ficcional.

As identidades são construídas e fragmentadas na tessitura do texto literário sem necessariamente seguir padrões estáticos que a narrativa poderia lhe impor, a exemplo da escrita cronológica, observável em memórias ou autobiografias, às quais se refere Lejeune (2008) em suas primeiras reflexões sobre o gênero. De acordo com o pesquisador, “a autobiografia seria uma narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade” (LEJEUNE, 2008, p. 14). A partir da inexatidão da escrita cronológica em **O filho eterno**, onde a história é intercalada e misturada com as memórias e reflexões do personagem do pai acerca de seu passado, a autoficção reside e se instaura entre a vida real e a fabulação da narrativa, ao mesmo tempo em que resgata a memória esquecida:

No silêncio com a mulher e o filho, viu-se chorando, o que durou pouco. Ele tentava desesperadamente achar alguma palavra naquele vazio [...] seria preciso dizer alguma coisa, mas ele nunca sabe o que dizer; muitos anos atrás, na formatura do ginásio, tentou redigir um discurso para concorrer ao posto de orador da turma, o que faria dele alguém visualmente importante, lá no púlpito, e não foi além da primeira exortação: Colegas! O braço fazia o gesto, o tom de voz era bom, a postura condizia: Colegas! E a alma despencava no vazio: as palavras dão em árvores, é só estender a mão, elas estão todas prontas, mas ele era absurdamente incapaz de achar uma só que lhe servisse. Hoje, de novo, a mesma sensação. Colegas! Como às vezes fazia nos momentos desagradáveis, projetou um futuro acelerado sobre si mesmo (TEZZA, 2007, p. 29).

Essa noção cronológica misturada de embaraçamento entre o real e a ficção, utilizando-se explicitamente de fatos do passado e do presente de sua própria existência, foi disseminada anteriormente ao ano da publicação do **O filho eterno** por Guy Debord, onde ele escreveu: "o espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens" (DEBORD, 1997, p. 14). Autor de **A sociedade do espetáculo** (1967), registra, ainda, o sentido do termo autoficção como a reinvenção de sua própria vida, e não um mero registro documental. O motor da expressão autoficção para esse autor seria uma jogada narrativa, de certa forma, verídica e imaginária ao mesmo tempo.

Diante dessa citação, a narrativa é compreendida através das alterações das lembranças do passado permeadas pela consciência do narrador, associando pai com o desenvolvimento do filho. O pai volta-se para si durante toda a narrativa, analisando a si mesmo e a sua própria vida, estabelecendo com Felipe uma relação de complementaridade e aproximação. A mesma relação de correspondência é encontrada quando o pai fala sobre a penosa conquista da linguagem por seu filho para logo depois afirmar que ele mesmo, o pai, não pensa em nada:

[...] a linguagem é uma conquista penosa, terreno em que o filho avança aos solavancos ininteligíveis, cacos de palavras e relações em meio a gestos e afetos sem tradução. É preciso um certo esforço para amá-lo, ele pensa – ou ele não pensa, o pai, ele não pensa em nada (TEZZA, 2011, p. 117).

Em outro fragmento do livro, ao pensar na insegurança que tem com a própria carreira de escritor, o pai mais uma vez se compara ao filho: “emocionalmente, escritor que escolheu ser, é mais inseguro que o filho, que, é verdade, vem crescendo sob um bom roteiro” (TEZZA, 2007, p. 152), e em outra referência do narrador sobre o personagem, o pai chega à conclusão de que “quem precisa de normalidade é o pai, não os filhos, ele pensará anos depois” (TEZZA, 2007, p. 127).

Essas passagens evidenciam uma possível moldura do protagonista onde ao falar do filho fala de si mesmo, refletindo sobre sua personalidade e aproximando-se ou contrapondo-se a Felipe, representando um possível desdobramento do pai, um segundo eu do autor, um duplo do protagonista. Ou seja, para o pai que se isola porque se sente diferente do restante da sociedade, pouco afetuoso e cheio de referências intelectuais, há o filho extremamente afetuoso que vive em seu próprio mundo, nunca pôde ser alfabetizado e, no entanto, dedica-se à pintura. A narrativa em forma de um quase espetáculo revela o amadurecimento do pai, a busca pelo sentido de ter um filho especial e de aprender a ser pai do mesmo.

Deste modo, o espetáculo fortalece o discurso uma vez que ele representa uma espécie de fragmentação do próprio sujeito, sobretudo, porque a memória é fragmentada e as lembranças vão sendo selecionadas por imagens, partes que dificilmente se tornarão um todo. Seguindo essa linha de raciocínio sobre a instabilidade entre o real e a ficção e as relações sociais entre as experiências e as pessoas, Paula Sibilia (2013) afirma:

Em uma sociedade tão espetacularizada como a nossa, não é surpreendente que as fronteiras sempre confusas entre o real e o ficcional tenham desaparecido ainda mais. O fluxo é duplo: uma esfera contamina a outra, e a nitidez de ambas as definições permanecem comprometidas. Pelas mesmas razões, tornou-se costume recorrer aos imaginários ficcionais da vida cotidiana para tecer narrativas, o que gera uma coleção de narrativas que confluem na primeira pessoa do singular: *eu* (SIBILIA, 2013, p. 223, grifo da autora).

Assim, a relação dialógica em **O filho eterno** entre a vida e a obra transfiguram uma possível construção discursiva ficcional a partir das experiências da família à procura de tratamentos para Felipe, das inúmeras visitas aos médicos, hospitais e clínicas; a narrativa e a oscilação entre autor, personagem e narrador, onde Cristovão Tezza compartilha com o personagem pai, os diversos aspectos da história de sua vida, como a trajetória profissional dividida entre a estabilidade enquanto escritor e a busca pelo tratamento do filho.

As situações narradas em **O filho eterno** configuram uma sustentação factual com o formato ficcional, como o treinamento neurológico – “Confira a relação de movimentos entre pernas e braços. Parece simples. Pois na criança mongolóide você precisa implantar esse padrão de movimentos, para despertá-la da névoa neurológica” (TEZZA, 2007, p. 96) – que expõe as dificuldades, nos primeiros anos

de vida do filho, devido à SD, é contrastado com o treinamento do pai em relação às tentativas de publicar seus livros e as recusas das editoras:

Eu também estou em treinamento, ele pensa, lembrando mais uma recusa de editora. A vida real começa a puxá-lo com violência para o chão, e ele ri imaginando-se no lugar do filho, coordenando braços e pernas para ficar em pé no mundo com um pouco mais de segurança (TEZZA, 2007, p. 130).

Cristovão Tezza (2007), descreve um processo de estimulação com recursos convencionais, um programa que consiste em exercícios executados por três pessoas que se posicionam ao redor da criança, deitada em prono (posição de bruço), manipulando-a com ritmo e cadência todos os dias por pelo menos cinco minutos, várias vezes ao dia. Nessa construção, segundo Lejeune, “uma identidade existe ou não existe. Não há gradação possível e toda e qualquer dúvida leva a uma conclusão negativa” (LEJEUNE, 2008, p. 15). O autor permite jogar com dados de sua biografia com o leitor, criando identificações, ficcionalizações e espetáculos a respeito de sua vida.

Ao discutir a autoficção no romance **O filho eterno**, percebemos uma possível tentativa de ficcionalizar uma experiência por meio da escrita por meio de uma memória material das coisas lidas, ouvidas ou pensadas pelo autor sem a fidelidade do tempo, um equipamento de discursos a que se pode recorrer, como limite entre ficção e realidade. Assim, atributos de um texto autoficcional são construídos quando o autor ao falar sobre si recorre à retomada do passado cujos fatos tornam-se objetos fabuladores de um personagem ou um fato com uma imagem comum do cotidiano, alguém comum para o leitor:

A autoficção é também a escrita do presente (e não mais o relato retrospectivo), que engaja diretamente o leitor, como se o autor quisesse compartilhar com ele suas obsessões históricas. Dessa maneira, se se trata da “ficção de acontecimentos e fatos reais”, temos que levar em conta o tempo da lembrança, que, segundo Bergson, é o tempo presente, assim, o discurso circunscrito à esfera da memória é um discurso falível, propenso a constantes atualizações, linhas rizomáticas de segmentaridade, que transitam em direções movediças (FAEDRICH, 2011, p. 185, grifos da autora).

Tezza descreve uma passagem que mostra a tentativa frustrada do pai levar o filho, Felipe, à fonoaudióloga para o despertar da sua fala. O pai pensa que é inútil pretender queimar etapas se a criança não tem ainda maturidade neurológica para o domínio da fala, mas mesmo assim, leva-o para várias sessões. Em uma delas:

Ali está o pai com o filho idiota diante da fonoaudióloga. Quase esquece que também tem uma filha normal – mas crianças normais só precisam de água, que elas vão crescendo como couves, ele imagina. É como se (o velho álibi) antes de qualquer coisa ele precisasse se reencontrar, para só então estar apto a cuidar dos dali quase arrastando o filho, e no corredor sente o olhar agudo dos outros para o pai que leva aos trancos uma pequena vergonha nas mãos, incapaz de repetir duas ou três palavras numa sentença simples. E, no entanto, a criança abraça-o com uma entrega física quase absoluta, como quem se larga nas mãos da natureza e fecha os olhos (TEZZA, 2007, p. 147, grifo do autor).

Em seguida, há a referência de uma briga de trânsito que se inicia quando alguém buzina atrás do carro do pai, para que ele atravessasse rapidamente uma pista preferencial:

Numa passagem adiante, de uma pista para outra, antes de avançar, espera que passem os carros da preferencial. Alguém buzina atrás, uma buzina um breve tempo mais longa do que seria razoável – ele fecha os olhos e se debruça sobre a direção. Eu vou matar esse filho-da-puta. Ouve de novo a buzina, agora os tensivamente agressiva. Respira fundo – os carros continuam passando na preferencial; não há como ele avançar. Abre-se uma brecha, mas insuficiente; o seu fusca não tem torque e ele sempre calcula um largo espaço para avançar com segurança em situações semelhantes. Agora a buzina é frenética. Ele abre a porta do carro – a mulher diz algo certa mentes ensato que ele não ouve – e avança para o carro da buzina. Descobre que é um senhor engravatado e, agora, visivelmente assustado com o jovem marginal que surgiu ofensivo diante dele. Ele não vê, mas se o filho tem a cara grudada no vidro de trás, contemplando com profunda atenção a obra do pai (TEZZA, 2007, p. 145, grifos do autor).

O personagem Felipe ouve os insultos, as ofensas e os palavrões que o pai pronuncia aos gritos dirigidos ao senhor que estava impaciente no trânsito, buzinando insistentemente seu carro para que o pai avançasse com seu fusca: “E é, então, no meio da confusão, que o filho grita a primeira palavra: “puta” – para a vergonha do pai” (TEZZA, 2007, p. 148). A narração desses fatos aparece no livro de Tezza sem qualquer destaque de ambas as esferas, real ou ficcional. A percepção do presente na construção da narração evidencia, talvez, um caminho até seus leitores como um processo espetacular de sua imagem. A narração passa a ser mais do que a invasão da vida pessoal do autor, tornando-se uma produção literária.

Além disso, a narrativa apresenta detalhes do cotidiano, como a experiência na terapia com fonoaudióloga, detalhes que pareceriam insignificantes vistos com outros olhos, porém, são minuciosamente descritos, de forma que o leitor tenha uma noção bastante próxima de como aconteciam as terapias, sendo o narrador da sua

própria história, usando o discurso memorialista, tirando a responsabilidade por impressões ou omissões da descrição:

Alguém aconselha uma fonoaudióloga. Ele não acredita muito – charlatão, inventa teorias para justificar-se. Na teimosia autossuficiente de sempre, imagina que é inútil pretender queimar etapas se a criança não tem ainda maturidade neurológica para o domínio da fala; treinamento de voz deve ser uma atividade consciente, não mecânica; resiste até mesmo à ideia de que a fonoaudiologia seja uma ciência – talvez a mera aplicação de uma técnica, que, no caso de seu filho, será inútil (TEZZA, 2007, p. 143).

Partindo do exposto acima, a descrição da terapia volta-se para a linguagem literária como um elemento relevante nos enredos de fabulação realizada pelo autor Cristovão Tezza. A linguagem/escrita/literatura torna-se um possível caminho para carregar as características da autoficção. Portanto, ao citar um momento ocorrido aparentemente autobiográfico, que apresenta semelhanças com uma situação de experiências de vida, o romance tenciona a recepção da obra na medida em que sensibiliza as expectativas do leitor.

4 AS CONSTRUÇÕES SOCIAIS, EDUCACIONAIS E TERAPÊUTICAS DA SOCIEDADE BRASILEIRA NA DÉCADA DE 1980

Esta seção busca compreender os efeitos, os sentidos e as concepções das práticas terapêuticas descritas na obra de Cristovão Tezza, nos anos de 1980. Ao analisar os discursos, buscou-se estabelecer relações de intertextualidade entre os apontamentos descritos com as diferentes linhas e metodologias terapêuticas constituídas nas abordagens da época e da história do Brasil. A voz narrativa do intimismo propiciado pelo discurso do autor não escondeu a escrita sobre questões teóricas e críticas, dramatizando preocupações e dúvidas que constituíam o ideário e o cenário de um pai em busca de um tratamento, uma cura para o filho nos anos de 1980:

Não há muito a fazer. Já sabe que é preciso estimulá-la, mas as informações são poucas e vagas e ele odeia médicos, hospitais, enfermarias e enfermeiros, tratamentos, remédios, doentes, planos de saúde (nunca teve nenhum), prescrições, bulas, farmácias. Sente dificuldade em olhar para o filho, que lhe lembra sempre tudo que não lhe agrada (TEZZA, 2007, p. 63, grifo do autor).

As terapias no Brasil emergiram marcadas por diferentes formas e olhares sobre a SD, sendo classificada e ordenada, passando pelo abandono, extermínio, superproteção, segregação, integração e inclusão. O conceito ganhava forma de acordo com as cordas das relações e das concepções sociais, políticas, econômicas com os ideários clínicos que balançavam combinando com cada período com cada momento do Brasil.

Os anos 1980 foram marcados por crises econômicas e pelo fim da ditadura (1964-85), registrando um entrave no desenvolvimento do País na época. Políticas recessivas, arrochos salariais, desemprego e o fantasma da inflação eram fatores que reduziam o poder de compra do brasileiro e contribuíam para acelerar o processo de concentração de renda. Porém, a década não ficou só conhecida por esses desafios, ela revitalizou a política contribuindo para a transição e consolidação do regime democrático promulgando a Constituição de 1988. Com novos rumos no cenário nacional, declinava o modelo de desenvolvimento, baseado em investimento estatal e financiamento externo.

A crise levou o fim do último governo da ditadura o mandato do Presidente João Figueiredo, onde a conjuntura marcou o que foi transformado em indireta,

sendo eleito o civil Tancredo Neves, mas que não chegou a tomar posse, morrendo na véspera dela por conta de uma infecção generalizada, tomando posse seu vice, José Sarney, no dia 15 de março de 1985. Em 1989, Fernando Collor é eleito presidente de forma direta, após 29 anos. Cerca de 82 milhões de brasileiros foram às urnas, registrando o protagonismo da sociedade civil com campanhas e propostas promovidas pela classe trabalhadora. O surgimento do PT - Partido dos Trabalhadores, um grande impulsionador da luta popular, da CUT - Central Única dos Trabalhadores e de inúmeras entidades e partidos.

No romance, o personagem pai também deixa suas visões angustiantes e antagônicas sobre o cenário social e político do Brasil com as definições da SD, registradas em discursos construídos por lembranças e concepções sociais da época e por meio do seu percurso em busca das clínicas e terapias: “Os mongoloides são seres hospitalares, vivem nas antessalas dos médicos” (TEZZA, 2007, p. 36).

É significativo que Cristovão Tezza retrate as mudanças e indefinições sobre a SD, relacionando-as a traços de uma identidade nacional literária brasileira contemporânea que utilizava de certa verdade documentarista como recurso de autoficção para retratar e elucidar fatos:

Já viu na enciclopédia que o nome da síndrome se deve a John Langdon Haydon Down (1828-1896), médico inglês. À maneira da melhor ciência do império britânico, descreveu pela primeira vez a síndrome frisando a semelhança da vítima com a expressão facial dos mongóis, lá nos confins da Ásia; daí “mongoloides” (TEZZA, 2007, p. 42, grifo do autor).

Em face das discordâncias causadas pelo termo mongolismo, que era considerado ofensivo tanto por pesquisadores orientais como pelos pais das pessoas com SD no ocidente, bem como pela delegação da Mongólia junto à Organização Mundial de Saúde, tal denominação foi excluída das publicações das entidades em 1965 e do *Index Medicus* em 1975. Hoje, esse termo é considerado inadequado.

O efeito do cotidiano no discurso literário modela as fronteiras entre a não ficção e a ficção, com realismo que lida com os problemas do país em relação às pessoas com deficiências, expondo vulnerabilidades dos diagnósticos, imprecisões dos exames, indefinições terminológicas, estímulos, tratamentos e desigualdades

das classes sociais que apontam para a técnica representativa de aproximação com a realidade:

Ao longo da década de 1980, o elemento mais utilizado para identificar essa vertente pós-moderna era a combinação híbrida entre alta e baixa literatura, propiciada pelo novo diálogo entre a literatura, a cultura popular e a cultura de massa, ou a mescla entre os gêneros de ficção e as formas da não ficção, como a biografia, a história e o ensaio (SCHOLLHAMMER, 2011, p. 32).

Fica visível que o processo de elaboração e nomeação da terminologia da SD direcionada pelo pai escritor ao filho Felipe refletia os conhecimentos teóricos e práticos da época dentro de um moralismo social, político e clínico. Portanto, a relação com o filho é mapeada por meio de um inventário de significantes associados à condição genética de Felipe, construindo um filho por meio dos múltiplos vocabulários:

QUADRO 1 - Denominações da condição genética de Felipe

Denominações	Respectivas Páginas
Criança cretina	34
Criança horrível	35
Pequeno problema	42
Filho retardado	44
Pequeno monstro	48
Deficiente mental	64
Não-filho	67
Filhos mongoloides	67
Filho silencioso	68
Anticristianismo	68
Criança mongólicas	70
Filho pela metade	73
Intruso	73
Pequeno leproso	82
Criança trissômica	85
Filho errado	93
Criança deficiente	96
Filho incompleto	143
Filho idiota	145
Filho-problema	155

Fonte: Autoria própria.

As linhas de **O filho eterno** carregam a história das terapias, problematizando e denunciando uma série de ocorrências sobre as informações, fundamentações e compreensões dos processos de tratamentos para SD no interior de uma visão desalinhada com a real síndrome da criança, um impulso na direção da verdade e da justiça, porém um efeito, um recurso necessário para ressaltar a ilusão perfeita de uma trajetória de vida:

O ponto de partida o pai tenta entender é a apostar de que um tratamento desenhado originalmente para casos de lesão cerebral pode ser perfeitamente utilizado para casos de trissomia do cromossomo 21, mongolismo. Algum tempo depois, abrindo um dos livros vendidos pela clínica, ele lerá a afirmação absurda de que a causa principal do mongolismo é uma lesão cerebral pré-natal, determinada, principalmente, por má nutrição; a anormalidade cromossômica se deveria à lesão cerebral, e não o contrário. Era preciso a qualquer preço adaptar a realidade à teoria (TEZZA, 2016, p. 88).

O autor expõe o compromisso do realismo engajado solidamente na situação do cenário clínico e sociopolítica do país nos anos de 1980 para pano de fundo das suas possíveis experiências, trazendo a preocupação de denunciar os aspectos inumanos da história da realidade brasileira com os deficientes:

Daí perceberam na literatura um caminho para se relacionar e interagir com o mundo nessa temporalidade de difícil captura. Uma das sugestões dessa exposição é a de que exista uma demanda de realismo na literatura brasileira hoje que deve ser entendida a partir de uma consciência dessa dificuldade. Essa demanda não se expressa apenas no retomo as formas de realismo já conhecidas, mas é perceptível na maneira de lidar com a memória histórica e a realidade pessoal e coletiva (SCHOLLHAMMER, 2011, p. 11).

Neste sentido, parece pertinente considerar que se trata de um caminho em envolver o leitor dentro de uma realidade narrativa, convocando-o a experimentar revelações dos dramas sociais, educacionais e terapêuticos do cotidiano da família brasileira com filho deficiente no período dos anos de 1980, através do diálogo constante entre não ficção e ficção. A criação de uma realidade cotidiana com traços de autobiografia estabelece uma relação que envolve elementos históricos, políticos, biológicos, filosóficos, poéticos, literários e artísticos, proporcionando uma consistência emocional que se aproxima de uma realidade verdade.

4.1 O MANIFESTO DA SD POR MEIO DAS ARTES

Na proposta de organizar suas reflexões conceituais, Cristovão Tezza ora mostra a verdade, ora mostra a não verdade sobre a realidade. Existe um jogo combinatório entre o real e não real, criando uma nova realidade de ideias num texto ambíguo, que embaralha e confunde, que não estimula uma leitura referencial:

Não há mongoloides na história, relato nenhum – são seres ausentes. Leia aos diálogos de Platão, as narrativas medievais, Dom Quixote, avance para a Comédia humana de Balzac, chegue a Dostoiévski, nem este comenta, sempre atento aos humilhados e ofendidos; os mongoloides não existem. Não era exatamente uma perseguição histórica, ou um preconceito, ele se antecipa, acendendo outro cigarro [...] (TEZZA, 2016, p. 36, grifo do autor).

Estabelece-se, assim, um caráter fronteiro entre não fidelidade e fidelidade no foco narrativo do livro, sugerindo uma possível relação contraditória aos fatos históricos sobre a SD.

Há indicativos de pessoas com SD na cultura dos Olmecas, que viveram no México entre 1500 a.C. e 300 d.C. Nesta região, foram encontradas esculturas e desenhos de adultos e crianças com a fisionomia típica dos indivíduos com SD:

Existem várias estatuetas dos Olmecas, que ocupavam a região que hoje corresponde ao México, que sugerem que as pessoas com SD eram veneradas por esse povo. Alguns estudiosos afirmam que os Olmecas achavam que os nascidos com SD eram o cruzamento de mulheres com o jaguar, a mais alta de suas entidades, e apontam para algumas estatuetas com aparência de SD que teriam garras de jaguar. Para sustentar essa hipótese, eles citam uma pintura em uma caverna em Oxtotitlán, Chilapa, México, de uma mulher tendo relações com um jaguar. Segundo esses autores, é possível que filhos de esposas de sacerdotes, ou mesmo sacerdotisas, em geral mulheres de mais idade, fossem consideradas divindades. E hoje, a idade avançada da mãe aumenta a probabilidade do nascimento de bebês com SD, o que explicaria a interpretação dos Olmecas (ALMEIDA, 2012, p.1).

O registro arqueológico mais antigo da pessoa com SD foi derivado de escavações de um crânio apresentando mudanças estruturais vistas nestes indivíduos e datado do século VII, encontrado no Reino Unido. Mostram pessoas com as características físicas da síndrome em um altar na cidade de Aachen, na Alemanha, de 1505. Segundo alguns pesquisadores, como Siegfried Marcus Pueschel, autor de livros como **SD: guia para pais e educadores** (1993), muitos artistas da Idade Média e do Renascimento usaram pessoas que nasceram com a

SD na hora de pintar figuras angelicais e o menino Jesus. Alguns pesquisadores, mencionados pelo estudioso, apontam similaridades entre traços faciais de figuras da civilização Olmeca, que viveu há 3 mil anos na América Central, com a do rosto dos portadores da SD são primeiras evidências do conhecimento da SD.

O uso dessas pessoas como modelos de seres celestiais teria sido um hábito tão comum como usar rapazes na hora de retratar figuras femininas, como fez, por exemplo, Leonardo Da Vinci. Andrea Mantegna (1431-1506), que tinha um filho Down, pintou vários quadros de madonas com o menino Jesus com as características de um portador dessa síndrome. Destaca-se a tela *Virgin with a Child*, exposta no Fine Arts Museum, em Boston.

Quando *Langdon Down* escreveu em 1866 a síndrome que leva seu nome, afirmou estar surpreso por a anomalia não ter sido descrita anteriormente. Investigações posteriores na história da medicina, no entanto, provaram que ele estava errado. A primeira descrição foi feita em 1838 por Jean Etienne Dominique *Esquirol* (1772-1840), fundador da psiquiatria moderna. É *Douard Séguin* (1812-1880) também a descreveu clinicamente em 1844. A aberração cromossômica foi descoberta em 1959 pelo geneticista francês Jean Louis Marie Lejeune (1926-1994) que descobriu uma cópia extra do cromossomo 21 (ALMEIDA, 2012, p.1, grifos do autor).

Entende-se que é necessário registrar a referência da SD na arte como resultado de uma produção de sentidos e sensibilidades de uma prática expressiva da realidade dentro do seu tempo.

A SD não é uma doença, mas uma alteração genética muito frequente em todo o mundo, estando presente igualmente em todas as nacionalidades, raças e classes sociais. Também se apresenta da mesma forma independentemente do sexo da criança. A evolução humana e tecnológica, principalmente nas áreas da educação e da saúde, permite vislumbrar esse novo paradigma para as pessoas com SD ou trissomia do 21, que é o distúrbio cromossômico mais comum, podendo aparecer em qualquer família, com antecedentes ou não de SD. Por isso, não há uma ligação genética para o aparecimento da síndrome.

Categorizada como 'não doença', ela está na Classificação Internacional de Doenças (CID-10) e recebe o código Q-90, por estar enquadrada no capítulo Q00-Q99 das malformações, deformidades e anomalias cromossômicas. Dentro deste capítulo, encontra-se no grupo Q90-Q99 das anomalias cromossômicas e na categoria Q90 da SD. Na obra, o protagonista reflete sobre a sua própria ignorância:

E como essa denominação durou mais de um século, como algo normal e aceitável? Sim, normal e aceitável, inclusive por ele mesmo – ele lembra agora, com um frio na espinha, como há poucas semanas comentou com um colega a burrice de uma professora: Parece uma mongoloide, ele disse. A palavra veio-lhe fácil, do trabalho que revisava – foi só estender a mão e recolher da árvore (TEZZA, 2016, p. 43, grifo do autor).

Outras características do indivíduo com SD registradas nas linhas do romance e relatadas pelo escritor são os prejuízos no desenvolvimento intelectual, posto que seu nível de inteligência é sempre abaixo da média, acompanhado de possíveis limitações na linguagem perceptiva e expressiva, hipotonia, estatura baixa, ponte nasal ampla, pescoço curto com pele redundante na nuca, mãos curtas e largas, frequentemente a cardiopatia congênita, as alterações faciais e visuais e a língua mais espessa. Apontamos, ainda, o déficit intelectual, as limitações cognitivas, transversa também nos comportamentos de autocuidado, na vida doméstica, nas habilidades sociais e interpessoais, no uso de recursos comunitários, nas habilidades escolares, no trabalho, no lazer, na saúde e na segurança – “A mãe está tensa; o pai aguarda, ainda com os 50% de inteligência batendo na alma. Por que alguém assim deve viver?” (TEZZA, 2007, p. 60).

Justifica-se a relevância da abordagem da conceituação da deficiência intelectual por abranger as dificuldades historicamente citadas como inerentes à SD. O conceito de deficiência intelectual passou no decorrer dos anos por diversas definições e terminologias para caracterizá-la, tais como oligofrenia, retardo mental, atraso mental e deficiência mental.

Uma das razões de se optar pelo termo deficiência intelectual hoje, segundo Sasaki (2002), consiste em facilitar a distinção entre deficiência mental e doença mental, termos que sempre geraram confusão, resultando em inúmeras pesquisas que visam explicar a diferença entre os termos. Apesar de serem palavras parecidas, não têm o mesmo significado:

A Deficiência Intelectual a pessoa apresenta um atraso no seu desenvolvimento, dificuldades para aprender e realizar tarefas do dia a dia e interagir com o meio em que vive. Ou seja, existe um comprometimento cognitivo, que acontece antes dos 18 anos, e que prejudica suas habilidades adaptativas. Já a doença mental engloba uma série de condições que causam alteração de humor e comportamento e podem afetar o desempenho da pessoa na sociedade. Essas alterações acontecem na mente da pessoa e causam uma alteração na sua percepção da realidade. Em resumo, é uma doença psiquiátrica, que deve ser tratada por um psiquiatra, com uso de medicamentos específicos para cada situação (APAE, 2015. Não paginado)

As doenças mentais são quadros psiquiátricos, não necessariamente associados ao déficit intelectual, mas à alteração da percepção de si mesmo e da realidade, onde a pessoa perde a capacidade de decidir o que é melhor para ela. Mas esse termo também se modificou, passando a se utilizar no Brasil o termo transtorno mental, como definido na Lei nº 10.216, de 06 de abril de 2001 (BRASIL, 2001).

Para Amaral (2019), transtornos mentais são alterações do funcionamento da mente que prejudicam o desempenho da pessoa na vida familiar, na vida social, na vida pessoal, no trabalho, nos estudos, na compreensão de si e dos outros, na possibilidade de autocrítica, na tolerância aos problemas e na possibilidade de ter prazer na vida em geral. O transtorno mental também pode ocorrer em pessoas com deficiência intelectual, mas esse fato passa a caracterizá-la como uma pessoa com deficiência múltipla (SASSAKI, 2002).

A palavra *diagnóstikós* vem dos termos gregos *dia* – separar uma parte da outra – e *gnosis* – conhecimento, percepção. Designa, então, uma forma de ver por meio dos elementos que compõem as unidades subjacentes, permitindo descrever constructos humanos e explicar as alterações observadas na natureza. Construído a partir de sinais e sintomas, sua utilidade se dá não somente pelo reconhecimento de um conjunto de sintomas e indicação de condutas mais adequadas (investigação clínica, tratamentos), mas também por suas implicações legais, pesquisas científicas, hipóteses explicativas e prognóstico do paciente.

Outro aspecto é o abandono dos deficientes. Os registros históricos dão conta de que as sociedades sempre tiveram muita dificuldade para lidar com a diferença imposta pela deficiência.

4.2 O ABANDONO E A ESTRUTURA DA EXCLUSÃO SOCIAL

Este trabalho discorre também sobre o abandono das pessoas com deficiência na década de 1980 no Brasil, propondo-se a pensar a respeito dos fatos ocorridos ao longo da história da síndrome e a importância da literatura ao inserir-se neste contexto, relatando, expondo e refletindo sobre as vivências das pessoas com doenças, deficiências e transtornos, hoje e naquela sociedade. Daniela Arbex, no livro **O holocausto brasileiro**, atenta para esse aspecto:

Cerca de 70% não tinham diagnóstico de doença mental [...]. Vivido no Colônia, como é chamado o maior hospício do Brasil, na cidade mineira de Barbacena. Como pessoas, não mais como corpos sem palavras, eles, que foram chamados de “doidos”, denunciam a loucura dos “normais” [...]. Pelo menos 60 mil pessoas morreram entre os muros do Colônia. [...] Gente que se tornara incômoda para alguém com mais poder (ARBEX, 2013, p.13, grifo da autora).

Com o internamento os deficientes, doentes, epiléticos, alcoolistas, homossexuais, prostitutas, crianças, meninas grávidas, tímidos, gente que se rebelava, gente que se tornara incômoda para sociedade, todos eram confinados e levados a fazer parte da história da ruptura entre a razão e a loucura:

Homens, mulheres e crianças, às vezes, comiam ratos, bebiam esgoto ou urina, dormiam sobre capim, eram espancados e violados. Nas noites geladas da serra da Mantiqueira, eram atirados ao relento, nus ou cobertos apenas por trapos. Instintivamente faziam um círculo compacto, alternando os que ficavam no lado de fora e no de dentro, na tentativa de sobreviver. Alguns não alcançavam as manhãs. Os pacientes do Colônia morriam de frio, de fome, de doença. Morriam também de choque. Em alguns dias, os eletrochoques eram tantos e tão fortes, que a sobrecarga derrubava a rede do município (ARBEX, 2013, p.14).

Os internamentos coincidem com o momento em que os deficientes eram percebidos como uma conduta irregular e anormal. Uma desordem na maneira de agir, de querer, de sentir paixões, de tomar decisões e de ser livre sendo necessário escondê-los ou abandoná-los, a deficiência sempre revestida da uma imagem negativa, muitas vezes maligna, onde as famílias escondiam seus membros familiares. A consciência seletiva é também um modo de assinalar certa visão do personagem do pai, dividida entre o pensar e o agir com o filho, refletindo dúvidas sobre o que fazer e porque fazer dádivas ou castigos de Deus, força do bem ou do demônio força do mal: “Melhor poupar os outros; é sempre bom manter viva a intimidade. O fracasso é coisa nossa, os pássaros sem asas que guardamos em gaiolas metafísicas, para de algum modo reconhecermos nossa medida” (TEZZA, 2007, p. 119).

As palavras de Tezza refletem um discurso de proteção e segregação, uma ação necessária em resposta à sociedade leiga que buscava esconder seus deficientes nos anos de 1980.

Os hospitais e os internatos são lugares de diagnósticos e classificações, e os médicos são aqueles que podem dizer a verdade da doença e ao mesmo tempo produzi-la e internalizá-las na sociedade como um benefício social. Arbex (2013)

desvela que desde o início do século XX a falta de critério médico para as internações era rotina no lugar onde se padronizava tudo, inclusive os diagnósticos:

Nos períodos de maior lotação, dezesseis pessoas morriam a cada dia. Morriam de tudo – e também de invisibilidade. Ao morrer, davam lucro. Entre 1969 e 1980, 1.853 corpos de pacientes do manicômio foram vendidos para dezessete faculdades de medicina do país, sem que ninguém questionasse (ARBEX, 2013, p. 15, grifo do autor).

A segregação, a falta de higiene e de tratamento físico e moral adequado tornavam a cura impossível, pois 70% da população internada eram casos para se repensar:

Os deserdados sociais chegavam a Barbacena de vários cantos do Brasil. Eles abarrotavam os vagões de carga de maneira idêntica aos judeus levados, durante a Segunda Guerra Mundial, para os campos de concentração nazistas de Auschwitz. A expressão “trem de doido” surgiu ali. Criada pelo escritor Guimarães Rosa, ela foi incorporada ao vocabulário dos mineiros para definir algo positivo, mas, à época, marcava o início de uma viagem sem volta ao inferno (ARBEX, 2013, p.28, grifo da autora).

No Brasil, em 1978, o Movimento de Trabalhadores em Saúde Mental, ligado ao movimento de Reforma Sanitária, provocaria a derrocada da denominada indústria da loucura, numa época em que os hospitais privados se multiplicavam pelo país e, com eles, a precariedade nos serviços prestados à população.

Em Barbacena, elas passaram a dividir com os outros pacientes as condições degradantes do hospital. E, apesar de existir uma ala infantil, ela era tão desbotada quanto as outras. A diferença é que lá, em vez de camas de capim, havia berços onde crianças aleijadas ou com paralisia cerebral vegetavam. Ninguém os retirava de lá nem para tomar sol. Quando a temperatura aumentava, os berços eram colocados no pátio, e os meninos permaneciam encarcerados dentro deles (ARBEX, 2013, p. 95).

A discussão da desinstitucionalização entra no meio acadêmico-intelectual. Já no final da década de 1980, articulados e influenciados pelos técnicos de saúde, acadêmicos, militantes sociais e organizações comunitárias conseguem provocar o fechamento de alguns manicômios e a abertura dos primeiros Centros de Atenção Psicossocial (CAPS). A reforma psiquiátrica foi consolidada como política oficial do Sistema Único de Saúde (SUS) na III Conferência Nacional de Saúde Mental, realizada em 2001, em Brasília. Essa política confere aos CAPS um papel estratégico na mudança de modelo.

As críticas a esse modelo acabaram por alavancar reformas no setor, grupos distintos que ganhavam força e defendiam a psiquiatria reformada, implicando na reformulação interna das instituições para que se tornassem, de fato, terapêuticas. Com o avançar dos tempos, surgiram novas progressões e visões sobre o desenvolvimento da pessoa com SD, e estudos científicos foram concluídos pluralizando novas teorias terapêuticas no Brasil.

Hoje, as pessoas com SD, quando atendidas e estimuladas adequadamente, têm potencial para uma vida saudável e plena inclusão social, uma vez que o desenvolvimento da inteligência não depende exclusivamente da alteração cromossômica, mas também do restante do potencial genético, bem como das importantes influências da área educacional, área social e área da saúde.

4.3 OS ESTÍMULOS ATRAVÉS DAS TERAPIAS NO BRASIL

A história da saúde do Brasil de 1964 a 1985 foi marcada por diversas crises e retrocessos. A saúde sofreu com cortes de verbas durante o período de regime militar e doenças como dengue, meningite e malária, que se intensificaram até que o governo buscou fazer algo. Uma das medidas foi a criação do Instituto Nacional de Previdência Social - INPS, que foi a união de todos os órgãos previdenciários que funcionavam desde 1930 a fim de melhorar o atendimento médico. O início do processo de abertura política, após longo período de ditadura militar, possibilitou o surgimento de novas organizações dentro da sociedade que a partir daí desencadeou a lenta e progressiva redemocratização do país num processo que começou com a eleição de Tancredo Neves em 1985, passando pela nova Constituição do país em 1988 e pela derrubada de um presidente pelo próprio povo que elegeu Fernando Collor em 1992.

A importância ímpar do entendimento da saúde pública, da reformulação do conceito de saúde e também da evolução do direito à saúde no Brasil iniciou-se com movimentos sanitarista, segundo Carla Meireles (2018), o qual estabelece neste período o conceito de saúde do Brasil. Uma das conquistas foi a realização da 8ª Conferência Nacional da Saúde em 1986. Pela primeira vez na história, foi possível a participação da sociedade civil organizada no processo de construção do que seria o novo modelo de saúde pública brasileiro. Essa conferência foi importante, pois desde o seu tema 'Saúde Como Direito de Todos e Dever do Estado' teve como

resultado uma série de documentos que basicamente esboçaram o surgimento do Sistema Único de Saúde (SUS). A conferência ampliou os conceitos de saúde pública no Brasil e propôs mudanças baseadas no direito universal à saúde com melhores condições de vida, além de fazer menção à saúde preventiva, à descentralização dos serviços e à participação da população nas decisões. O relatório da conferência teve suas principais resoluções incorporadas à Constituição Federal de 1988.

De acordo com Meireles (2018), a chamada geração anos de 1980 configurase num período fortemente marcado pela legitimidade social, na medida em que o direito do homem à igualdade e cidadania tornou-se motivo de preocupação. Assim, a percepção em relação à pessoa com deficiência começou a mudar, o que antes era confundida como doença mental e tratada exclusivamente pela Medicina por meio da institucionalização que se caracterizava pela retirada das pessoas com deficiências de suas famílias, permanecendo isoladas do resto da sociedade.

A Constituição Federal de 1988 foi o primeiro documento a colocar o direito à saúde definitivamente no ordenamento jurídico brasileiro. A saúde passa a ser um direito do cidadão e um dever do Estado – essa última posição é problematizada pelo Dr. Dráuzio Varella por, na sua concepção, retirar a responsabilidade do cidadão sobre o cuidado da própria saúde. A Constituição ainda determina que o sistema de saúde pública deve ser gratuito, de qualidade e universal, isto é, acessível a todos os brasileiros e/ou residentes no Brasil (MEIRELES, 2018, não paginado).

Desta forma, um novo paradigma ganhava força, caracterizado pelo pressuposto de que a pessoa com deficiência teria direito à convivência não segregada e acesso aos recursos disponíveis aos demais cidadãos, tais como convivência familiar, escola e terapias. Esses movimentos mundiais em prol da democratização do ensino alavancam o processo de inclusão social das pessoas com deficiência, iniciado nos anos de 1980 em diversos países.

Atrelado ao movimento de democratização da saúde pública no país, o Sistema Único de Saúde foi regularizado:

Pela lei 8.080 de 1990, em que estão distribuídas todas as suas atribuições e funções como um sistema público e pela lei 8.142, também de 1990, que dispõe sobre a participação da comunidade, gestão e financiamento do SUS. Você poderá ler sobre o SUS em diversos outros textos na nossa trilha sobre saúde pública (MEIRELES, 2018, não paginado).

Permitindo-nos refletir assim sobre a hipótese a respeito dos motivos das terapias e estimulações surgirem elitizadas no Brasil, é interessante notarmos que o avanço da Terapia Comportamental ocorreu em 1980, e sua implementação no SUS, apenas no ano de 1990. Nas palavras de Tezza:

O consultório médico devolve-lhe o senso da realidade mais dura. Está entre ricos, consulta paga, quadros de bom gosto nas paredes, estofados limpos, gente de primeira em torno, ar-condicionado, uma funcionária gentil e atenta, hora marcada, que, é claro, será a única falha (TEZZA, 2007, p. 70).

Pelo exposto acima, registramos a possibilidade do oferecimento das diversas práticas terapêuticas a uma clientela das camadas médias urbanas ao longo dos anos 1980, em cidades como Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre.

Por diversas vezes, Tezza (2007) utilizou as teorias sobre terapias em tom de julgamento, baseando-se principalmente nas teorias das abordagens behaviorista, humanista, gestaltista e construtivista de Jean Piaget, que ofereciam contribuições importantes para a estimulação da SD nos anos 1980.

A cabeça ainda resiste, puxa-o para trás aqui e ali: isso é puro behaviorismo, ele cochicha à mulher, na primeira palestra – isto é, numa definição de dicionário, escola científica para a qual todo comportamento pode ser explicado como uma reação motora ou glandular condicionada, um princípio que modernamente acabou por cair na caixa sem saída do positivismo. Grosso modo, a compreensão da vida como uma pura mecânica de reflexos, a funcionar em todos os aspectos da atividade humana, da leitura de um texto à reação de dor a uma topada. Máquinas de reagir – e, nesse processo, não se distingue o mundo da cultura do mundo da natureza (TEZZA, 2007, p. 86, grifo do autor).

De forma sucinta, Tezza corrobora traçando uma linha evolutiva das diversas visões sobre a SD, demonstrando a forma como a sociedade lidava com a deficiência e como as estimulações terapêuticas estabeleceram suas funções e concepções para uma determinada clientela.

A voz do autor discursa para uma possível análise das intervenções e estimulações terapêuticas com a SD em 1980, agrupadas em abordagens que retracem as visões e concepções de acordo com a proposição do Behaviorismo, com sua visão objetivista; da Terapia Cognitiva, com sua visão subjetivista; e da Gestalt-Terapia, com sua visão interacionista do construtivismo de Piaget, cristalizadas ao longo da história. Essas abordagens explicitam o mecanismo

metodológico que as sustentam, identificando as práticas segregacionistas das práticas inclusivas referentes ao processo de tratamento e estimulação da SD.

4.4 BEHAVIORISMO E ANÁLISE DO COMPORTAMENTO

O Behaviorismo é uma filosofia da ciência preocupada com o tema e métodos da Psicologia. Análise do comportamento não é uma área da Psicologia, mas uma maneira de estudar o objeto da Psicologia. No Brasil, a análise do comportamento começou com a vinda de Fred S. Keller à Universidade de São Paulo e de Brasília nos anos de 1960. Em 1980, foram publicados diversos trabalhos que apresentavam as propostas de intervenções e estimulações terapêuticas baseadas no Behaviorismo na análise do comportamento.

Eram propostas de intervenções terapêuticas baseadas no Behaviorismo Radical e na análise do comportamento. A proposta apoia-se fortemente nas decorrências do conceito de comportamento governado por regras, o qual implica controle por estímulos de natureza verbal. Em sua obra, Tezza apresenta a terapia e a crítica corrente sobre ela que desloca para a reflexão do treinamento comportamental, considerando a Psicologia como ciência do comportamento capaz de lidar apenas com comportamentos observáveis, descritos objetivamente como estímulos e respostas:

Num momento da palestra, deixa nítido o fato de que o trabalho da clínica é alvo de críticas e vive a tensão doutrinária de sua linha: “Nos acusam de criar macaquinhos com reflexos condicionados. Se for mesmo assim, por que não? Qual a opção?” Sim, todo quer crianças bem-educadas, com padrões de comportamento que não agridam os olhos ou a alma (TEZZA, 2007, p. 88, grifo do autor).

Segundo Freire (1997), o Behaviorismo apresenta como bases epistemológicas o Empirismo e o Positivismo. Do empirismo advém o princípio de que o homem é uma tábula rasa, uma folha em branco. Essa ideia foi defendida originalmente por Aristóteles, que acredita que a inteligência provém da experiência sensível, e ratificada por Locke, que afirmava não haver nada na nossa inteligência que não tenha antes passado pelos sentidos. Do Positivismo de Auguste Comte, o Behaviorismo apropriou-se da ideia de que o conhecimento é positivo, sendo que o único conhecimento válido é o que é observável e mensurável. Editando o possível

caminho do tratamento terapêutico, na obra de Tezza emerge o discurso do conforto da falsa normalidade e o homem como máquina em seu estado puro registrando o percurso da família com o filho SD diante do processo ideológico da estimulação terapêutica dentro da teoria do Behaviorismo:

O pai começa a se sentir melhor. Na verdade, começa a ser tomado pela ideia de normalidade. É uma corrida, ele pensa prosaicamente, entrando de cabeça no lugar-comum em que se encontra: é uma corrida e nós saímos lá de trás, mas, com um bom trabalho, o menino vai alcançar os outros. Interessa-lhe principalmente aparte que eles chamam de “organização neurológica” – o exercício de fazer braços, pernas e cabeças repetir os movimentos-padrão da normalidade neurológica humana. Ele se abstrai do que está vendo e imagina aquilo como a construção do humano, uma construção mecânica, mas eficiente; ele na verdade se entrega ao sonho. Talvez eles tenham mesmo razão, e o homem seja essa máquina em estado puro – é preciso limpar atividade suas vicissitudes e de seus acessórios inúteis e chegar a essa essência, a essa natação imaginária, a seco, que ele vê sendo demonstrada numa mesa à frente, em que alguém, à cabeceira, move a cabeçada criança cadenciadamente de um lado a outro, e em cada lado uma enfermeira move braços e pernas da criança seguindo o mesmo ritmo cruzado natural de um ser humano andando (TEZZA, 2007, p. 89, grifo do autor).

A partir dos pressupostos registrados pelo escritor, entende-se que a terapia do Behaviorismo tem como fator determinante a objetividade através das regras para proporcionar operacionalização eficiente da aprendizagem.

Existiu e existem variedades de Behaviorismo: metafísico, metodológico e analítico. O Behaviorismo Metafísico afirma que mentes ou eventos mentais não existem; o Behaviorismo Metodológico crê que se mente ou eventos mentais existem, não são objetos apropriados para o estudo científico; e o Behaviorismo Analítico afirma que os enunciados feitos com o propósito de se referir à mente ou aos eventos mentais tornam-se, quando analisados, enunciados acerca do comportamento.

Nas palavras de Freire (1997), o Behaviorismo recebeu influência do Hedonismo, do Darwinismo, de Thorndike e dos reflexologistas russos, dentre eles Ivan M. Sechenov, Vladimir Bechterev e Ivan Pavlov, o mais conhecido que se destacou com o treinamento dos animais. No livro de Tezza, os pais são importantes estimuladores e mediadores no treinamento mecânico dos filhos:

A clínica, entretanto, não repete essa tolice, nem enfatiza nada teórico – apenas sublinha a toda instante importância dos pais – “eles são a solução, não o problema” – e alguns slogans mecanicistas àquela altura inofensivos, como “a função determina a estrutura”, o que, a ser verdade, seria uma

espécie de triunfo de Lamarck sobre Darwin. Não importa (TEZZA, 2007, p. 88, grifos do autor).

É preciso retornar ao campo da Teoria para compreender as palavras do autor sobre o treinamento mecânico dos filhos. Assim, Freire (1997) destaca o trabalho com animais de Ivan Pavlov que ficou mundialmente conhecido com seu experimento sobre o reflexo condicionado com cães. O condicionamento clássico ou respondente diz respeito à relação entre um estímulo antecedente e uma resposta que lhe é conseqüente (S--R). Essa fórmula, base dos estudos de Ivan Pavlov, serviu de alicerce para a corrente Behaviorista na análise do comportamento. O homem seria uma máquina orgânica, composta basicamente por três elementos estruturais: os órgãos dos sentidos (receptores de todos os estímulos), os sistemas musculares e endócrinos (efetores) e o sistema nervoso (responsável pela condução e pela codificação/decodificação dos estímulos).

Quando o médico bate o martelo no joelho de um paciente, o músculo de sua coxa contrai-se (você “dá um chute no ar”); quando a luz incide sobre sua pupila, ela se contrai; quando você ouve um barulho alto e repentino, seu coração dispara (taquicardia); quando você entra em uma sala muito quente, você começa a suar. Esses são apenas alguns exemplos de comportamentos **reflexos inatos**. Note que há algo em comum em todos eles: há sempre uma *alteração no ambiente que produz uma alteração no organismo* (no corpo do indivíduo) (MOREIRA; MEDEIROS, 2007, p. 17, grifos do autor).

Esse enfoque terapêutico enfatiza a análise funcional dos comportamentos clinicamente relevantes que ocorrem em sessão, com os quais o terapeuta vai trabalhar e aplicar o princípio de reforçamento natural para a aquisição, manutenção e generalização de comportamentos dos pacientes.

O norte-americano Burrhus Frederic Skinner, que nasceu em 1904 e faleceu em 1990, foi o maior expoente do Behaviorismo. De acordo com Skinner (1974) nem todo controle é manipulador e o uso é importante para produzir conhecimentos que podem ter feitos efeitos positivos na Educação, na Psicoterapia, no governo e em outros setores. A Terapia Comportamental começa com a avaliação pelo uso de informantes: a primeira estratégia para conduzir uma avaliação funcional é conversar com a pessoa com comportamentos-problema e com aquelas pessoas que têm contato com o indivíduo e conhecimento sobre ele (pais, professores, cuidadores). As entrevistas, questionários ou escalas de classificação são úteis para a definição das variáveis que podem afetar o comportamento em questão.

Freire (1997) completa sobre o objetivo do analista do comportamento, que se refere ao estudo das relações entre o comportamento e os eventos ambientais. Avaliação por observação direta: a segunda estratégia para coletar informações para a avaliação funcional é observar diretamente a pessoa que emite comportamentos-problema nas rotinas diárias. A observação direta tem sido a base do uso aplicado de procedimentos comportamentais. Os dados obtidos por observação direta servirão como base para o desenvolvimento do programa de tratamento ou intervenção. Análise funcional, a terceira estratégia para coletar informações para avaliação funcional, envolve a manipulação sistemática das variáveis associadas com comportamentos problema.

A citação de Tezza busca descrever um possível treinamento realizado em casa pela família com filho SD, dentro de uma postura que envolve o reforçamento positivo através da repetição de exercícios de movimentos com a adequação do meio aos objetivos do programa de tratamento:

Mas o treinamento não terminou. No canto da sala o marceneiro instalou a peça encomendada: uma rampa estreita de madeira que tem a forma de um escorregador para bebês, com proteção lateral. Um linóleo cobre a superfície da madeira. É preciso que essa superfície não seja áspera demais, que não permita o movimento, e nem lisa demais, que leve o bebê a escorregar. A sala se transforma aos poucos num espaço de trabalho; a casa, numa extensão de uma clínica [...] (TEZZA, 2007, p. 99).

Constatando as palavras de Tezza, Skinner (1974) conclui que o reforçamento positivo, por sua vez, é apresentado contingentemente após a emissão de um comportamento, tornando o comportamento provável de ocorrer novamente:

Quando um comportamento tem o tipo de consequência chamada reforço, há maior probabilidade de ele ocorrer novamente. Um reforçador positivo fortalece qualquer comportamento que o produza: um copo d'água é positivamente reforçador quando temos sede e, se então enchemos e bebemos um copo d'água, é mais provável que voltemos a fazê-lo em ocasiões semelhantes (SKINNER, 1974, p. 43).

Esse termo é um sinônimo aproximado da palavra recompensa, adotada por Skinner para identificar o efeito de uma consequência do comportamento no fortalecimento do comportamento. Nos termos do estudioso,

[...] a única maneira de dizer se um dado evento é reforçador ou não para um dado organismo, sob dadas condições, é fazer um teste direto.

Observamos a frequência de uma resposta selecionada, depois tornamos um evento a ela contingente e observamos qualquer mudança na frequência (SKINNER, 1974, p. 48).

Em suma, a teoria Behaviorista ignora todas as manifestações subjetivas, negando a existência da personalidade como determinante do comportamento. Ressaltava a importância e a necessidade de se controlar o meio e de se observar o comportamento resultante do mesmo, mantendo-se o controle sobre todas as variáveis e sem interferência dos agentes internos. Para ele, somente dessa forma se poderia melhorar a existência humana. Os behavioristas pontuam que o fator determinante do desenvolvimento e da aprendizagem é o meio-ambiente. Essa importância do meio, de certa forma, encontra-se registrada nas palavras de Tezza, que descreve a demora do andar da criança com SD mediante as orientações do programa terapêutico:

A demora para andar não era um problema; na verdade, o programa até estimulava essa demora, para não deixá-lo em pé antes que estivesse madura a organização neurológica necessária. Nada de andadores, muletas, auxílios externos, considerados verdadeiros crimes contra a maturidade da criança. Quanto mais no chão ficar, melhor. Lembrava sempre de uma observação da clínica: frequentemente os filhos dos pobres têm muito mais coordenação motora, agilidade, maturidade neurológica que os filhos dos ricos; a mãe pobre põe o filho no chão e vai lavar louça, fazer comida, trabalhar – a criança que se vire (TEZZA, 2007, p. 121).

A Terapia Comportamental evoluiu. Hoje, implica considerar os caminhos que representam a orientação de condicionamento respondente e a orientação de condicionamento operante. O terapeuta interage com o cliente considerando-o como uma pessoa normal, que é tanto produto como produtor de contingências e isso determina a direção da modificação de seu comportamento e de sua identidade. O procedimento metodológico adotado consiste em avaliar primeiro, devido aos objetivos terapêuticos, os comportamentos-problema. A avaliação e a intervenção são processos imbricados, sendo realizados durante toda a terapia.

As formulações teóricas de Sigmund Freud sempre tomaram a linguagem como campo privilegiado da Psicanálise, postulando que a vida psíquica dos sujeitos era determinada preponderantemente por conteúdos inconscientes, que se manifestariam de forma deslocada, condensada ou figurativa por meio de sintomas, lapsos, atos falhos, sonhos e outras formações do inconsciente. Freud entendia, inicialmente, que tais conteúdos poderiam se tornar acessíveis à consciência e ser

reintegrados a ela mediante o método psicanalítico, o que acontecia por meio da interpretação da fala do analisando.

4.5 AS TERAPIAS COGNITIVAS

As terapias cognitivas no Brasil têm suas origens no enfoque comportamental, ocorrendo com uma prática mais clínica, denominada conduto terapia. Somente ao final da década de 1980 é que o movimento cognitivo-comportamental começou a aparecer nos estados do Rio de Janeiro e São Paulo.

Bahls e Navolar (2004) definem que a Terapia Cognitiva integra técnicas e conceitos advindos de duas principais abordagens, tais como a cognitiva e a comportamental. De acordo com a Terapia Cognitiva, os indivíduos atribuem significado a acontecimentos, pessoas, sentimentos e demais aspectos de sua vida. Com base nisso, comportam-se de determinada maneira e constroem diferentes hipóteses sobre o futuro e sobre sua própria identidade.

O objetivo da Teoria Cognitiva é descrever a natureza de conceitos (resultados de processos cognitivos) envolvidos em determinada psicopatologia de maneira que quando ativados dentro de contextos específicos podem caracterizar-se como mal adaptativos ou disfuncionais. O objetivo da terapia cognitiva seria, ainda, o de fornecer estratégias capazes de corrigir estes conceitos idiossincrásicos (BAHLS; NAVOLAR, 2004 p. 3, grifo dos autores).

Em se tratando especificamente da terapia cognitivo-comportamental, as sessões iniciais devem ser utilizadas para a conceitualização de caso, processo que compreende a formulação de uma hipótese de trabalho e plano de tratamento apoiados em uma avaliação minuciosa. São avaliados os sintomas do cliente, sua história de vida e influências desenvolvimentais, elementos contextuais atuais relevantes, aspectos genéticos e biológicos, histórico de saúde familiar, recursos pessoais e sociais do cliente, pensamentos automáticos, emoções e comportamentos associados, esquemas subjacentes e expectativas frente à psicoterapia.

Desse modo, o terapeuta presta atenção particular aos obstáculos que impedem o paciente de resolver problemas e atingir metas por si mesmo. Muitos pacientes que funcionavam bem antes do início de seu transtorno podem não precisar de treinamento direto em resolução de problemas (BECK, 1997, p. 24).

A primeira seção permite iniciar esse processo, ao mesmo tempo que prepara o cliente para a psicoterapia de modo a se promover, gradualmente, um consenso entre terapeuta e cliente sobre alvos, metas e procedimentos de tratamento. Neste sentido, o terapeuta faz uso de psicoeducação para informar ao cliente acerca do funcionamento da terapia cognitivo-comportamental, a fim de engajá-lo no processo de mudança. Tezza traz em suas palavras interpretativas a postura do profissional terapêutico diante de seus possíveis pacientes:

A médica não sorri. Ela é uma porta-voz impessoal da ciência, e tem a obrigação de dizer as coisas exatamente como elas são, e as coisas não são boas, porque não são normais e fogem de todas as medições padrão em todos os aspectos: uma trissomia do cromossomo 21, que se manifesta, agressiva, em cada célula do bebê. É isso. Levem o seu pacote, ela parece dizer, quando enfim sorri o seu sorriso profissional (TEZZA, 2016, p. 72).

De forma sucinta, não há uma forma correta ou incorreta de se analisar as terapias. Todas traçam uma linha evolutiva das diversas concepções, tratamentos e resultados que foram construídos ao longo da história do Brasil e se tornaram capazes de trazer contribuições importantes à evolução da sociedade.

4.5.1 A Gestalt- Terapia

A palavra Gestalt precede a Psicologia. O termo tem origem alemã e surgiu em 1523 de uma tradução da Bíblia, significando o que é colocado diante dos olhos, exposto aos olhares. Representa uma reação original a toda Psicologia Associacionista, tendo um fundamento epistemológico do tipo racionalista, mas se distinguindo da mesma por aceitar algumas formas de empiricismo e experimentação no estudo da percepção. Ribeiro (2017) registra o surgimento da Gestalt-Terapia:

A chamada Gestalt-Terapia surgiu no início da década de 50, a partir das reflexões de Friederich Perls, um psicanalista nascido em Berlim em 1893, que emigrou durante a década de 40 para a África do Sul e posteriormente para os Estados Unidos da América, onde juntamente com um grupo de intelectuais norte americanos desenvolveu esta nova abordagem (RIBEIRO, 2017, não paginado).

O discurso construído inicialmente no Brasil, no ano de 1972, em São Paulo, favorecia a ideia errônea de que a Gestalt-Terapia se resumia a uma série de

técnicas que, aplicadas, produziam efeitos milagrosos. Tezza faz uma interessante observação a respeito da metodologia empregada para o ensino da matemática na proposta da Gestalt-Terapia:

Pelo menos em um programa ele não embarcou – O de matemática. Na proposta mágica da clínica, cartolinas com bolinhas vermelhas deveriam ser apresentadas à criança, repetindo a soma: 3, 9, 2, 57, 18 – por algum milagre da multiplicação matemática, a criança, sem pensar, apreenderia a quantidade de bolinhas vermelhas e implantaria no cérebro a soma não pela contagem racional, um mais um, mas pelos volumes, uma espécie de Gestalt numérica. Pior: o programa originalmente era destinado a crianças normais, ele imagina. Crianças normais: esse é o seu pesadelo. Por que uma criança normal necessitaria desse massacre? (TEZZA, 2007, p. 122).

A compreensão metodológica da Gestalt Terapia foi modificada em 1981 com a fundação do Centro de Estudos de Gestalt de São Paulo, a fim de se constituir num centro de referência dessa abordagem, inclusive se propondo a combater as deturpações existentes. O diálogo foi a base da Gestalt-Terapia, propondo uma relação e interação onde o sujeito se manifestava. O homem é lido como um ser autônomo, sem ser determinado pelo meio social. A inteligência, para a Gestalt, implica na solução de problemas, estando subordinada à percepção:

O que significa que numa sessão de terapia a observação da fronteira de contato em mudança entre o terapeuta e o paciente adquire importância suprema. Nesse momento ambos podem aprender exatamente como e onde o contato fica perturbado. Trata-se de uma correção crucial da visão comumente aceita e de enfatizar a idéia de que o momento presente (PERLS; HEFFERLINE; GOODMAN, 1997, p. 43).

Atualmente, a Gestalt-terapia é uma abordagem psicoterapêutica com ênfase na percepção e experiência individuais do momento atual, na apropriação dessa experiência, na implicação e responsabilização pelas formas que produzimos, no relacionamento terapeuta-consultante e na autorregulação e ajustamento criativos do indivíduo, levando em conta sempre o meio ambiente e o contexto social em que estamos inseridos.

Os pontos básicos do gestaltismo são estrutura, equilíbrio, campo perceptivo e a hipótese de formas iguais. Nesta abordagem, trabalha-se o indivíduo como um todo, seguindo a filosofia da Psicologia da Gestalt de que o todo é mais do que a soma de suas partes. Nesse sentido, emoções, percepções e comportamentos do indivíduo se unem para formar sua personalidade única e com características

diferentes de suas partes separadas. A percepção é o ponto de partida e um dos temas centrais dessa teoria. Os experimentos com a percepção levaram os gestaltistas ao questionamento da Psicologia Associacionista.

O Behaviorismo, dentro de sua preocupação com a objetividade, estuda o comportamento através da relação estímulo-resposta, procurando isolar um estímulo unitário que corresponderia a uma dada resposta e desprezando os conteúdos da consciência pela impossibilidade de controlar cientificamente essas variáveis.

A Gestalt entende que é de suma importância a disposição em que são apresentados à percepção os elementos: “A experiência se dá na fronteira entre o organismo e seu ambiente, primordialmente a superfície da pele e os outros órgãos de resposta sensorial e motora. A experiência é função dessa fronteira” (PERLS; HEFFERLINE; GOODMAN, 1997, p. 41).

A noção de estrutura defendida pela Gestalt supera a de estrutura como simples somatório de partes. Sua proposta é integrar todos esses pedaços e partes rejeitadas e alienadas do *Self*, como a personalidade, e fazer da pessoa um todo novamente. A ferramenta principal para mediação da terapia é o diálogo, onde o terapeuta é sobretudo um habilidoso frustrador, fazendo emergir as experiências esquecidas pelos seus pacientes, bem diferente da perspectiva interacionista da teoria de Jean Piaget, a qual busca a interação com o meio e seus objetos na metodologia terapêutica.

4.5.2 A teoria de Piaget

Jean Piaget nasceu em Neuchâtel, na Suíça, em 9 de agosto de 1896. Trabalhou compulsivamente em seu objetivo de estudar a gênese da inteligência até as vésperas de sua morte, em 1980, aos oitenta e quatro anos, deixando escritos aproximadamente setenta livros e mais de quatrocentos artigos. Biólogo por formação, interessou-se desde cedo pelos estudos sobre religião, sociologia e filosofia.

A teoria desenvolvida por Piaget é uma das maiores e mais significativas contribuições da ciência cognitiva. No modelo cognitivo da Psicologia Construcionista de Piaget, o terapeuta não precisa renunciar à característica centrada no presente, mas deverá avaliar o estágio cognitivo em que o paciente se encontra, além dos esquemas disfuncionais, que podem resultar de características

limitantes de um determinado estágio cognitivo, como por exemplo, o egocentrismo, a irreversibilidade, a falta de objetividade e os déficits no raciocínio. Piaget (2005) desenvolveu uma teoria sobre afetividade e suas relações com a cognição:

Ele atesta que todo processo mental é composto de um aspecto cognitivo, representado pelos sistemas cognitivos, e um aspecto afetivo, representado por uma energética, a afetividade. Assim, o desenvolvimento cognitivo origina-se de uma habilidade inata de se adaptar ao meio, havendo dois componentes no desenvolvimento intelectual: um cognitivo e outro afetivo, ambos se desenvolvem paralelamente, mas de forma interdependente. As emoções de um modo geral, os sentimentos, os interesses, os desejos e valores fazem parte do elemento afetivo dos processos mentais (LOPES; MELO; SANTANA, 2012, não paginado).

Na concepção de Piaget (1975), a afetividade possui um aspecto motivacional ou de energização da atividade intelectual. Para o funcionamento de uma estrutura cognitiva, é preciso que algo a impulsione, dando origem ao esforço a ser aplicado a cada momento. O afeto é uma fonte de energia que a cognição utiliza para seu funcionamento. Nesta perspectiva, Tezza atesta em suas linhas as diferentes dimensões de um pai em busca de teóricos referenciais nos anos de 1980 para a compreensão do processo terapêutico:

Folheando o livro, anota a referência de Jean Piaget, e compra o nascimento da inteligência na criança, para ler direto na fonte e fazer ele mesmo os testes. (É uma forma, ele pensará muitos anos depois, de se antecipar e de se livrar do diagnóstico da autoridade; ele não quer ficar “no seu lugar”, o de um pai obediente, ou, pior, de um aprendiz de pai. Não perderá nunca a sua substância arrogante.) Continua cabeceando – ainda não saiu da maternidade; ainda não tirou a criança de lá. Ele mesmo ainda não começou a viver – essa teia prendendo-lhe os gestos, esse futuro incerto, esse filho silencioso nas mãos (TEZZA, 2016, p. 68, grifo do autor).

A conciliação entre sujeito e objeto em um processo resulta na construção e reconstrução de estruturas cognitivas. Surgem, assim, as teorias interacionistas divulgadas como fonte de estimulações nos anos de 1980:

Inicialmente, o afeto no bebê se mostra como uma atividade reflexa indiferenciada, portanto, não há sentimentos complexos. No desenvolvimento do estágio sensório-motor (de zero a dois anos de idade), surgem os sentimentos afetivos atuando na seleção do comportamento infantil. Nesta fase, aparecem os afetos perceptuais como os sentimentos de prazer, dor, satisfação, insatisfação consolidados através da experiência. Em seguida, ocorre a diferenciação entre necessidades e interesses ligados a sentimentos de contentamento e desapontamento. Também é possível observar estados de tensão e relaxamento, no entanto, o bebê não diferencia plenamente seu “eu” e o ambiente, desta maneira seu corpo

continua a ser o centro de sua atividade e afeto (PIAGET, 1977, p. 89, grifos do autor).

Piaget (1977) esclarece que a construção do conhecimento se dá na ação recíproca e na interação entre o sujeito e os objetos do conhecimento, onde o jogo simbólico acontece. Se a imitação comparece, de início, como uma cópia direta dos gestos do adulto, por outro lado, vai assumindo a forma dos atos da inteligência representativa. Diferentemente dos behavioristas, os interacionistas direcionam a perspectiva onde o sujeito não é uma tábula rasa, onde os conhecimentos são impressos, nem traz consigo o conhecimento pronto e acabado; mas é um ser ativo que interage com o meio para novas construções de conhecimentos. Corroborando o ponto de vista de Piaget (1977), Tezza relata em suas linhas os avanços e as aprendizagens alcançados por uma criança com SD que interagem com os objetos em seu meio:

O filho enfim alcança a direção do carro, torce para um lado, para outro, imitando o pai, até que descobre a buzina. Começa a buzinar. Feliz com a descoberta, passa a buzinar ininterruptamente. O pai vai até ele: “Filho, pare com isso.” O filho não ouve – buzina, grita, a mão esquerda firme na direção. O pai tenta tirá-lo dali primeiro delicadamente. “Filho, olhe para mim.” O filho é forte – os estímulos deram resultado (TEZZA, 2016, p. 136, grifo do autor).

O Construtivismo de Piaget vem se constituindo, nos dias atuais, como uma das mais importantes alternativas teórico-metodológicas para a educação de todas as pessoas, com ou sem deficiências. A aprendizagem é defendida por Piaget (1975, p. 89): “cada vez que ensinamos prematuramente a uma criança alguma coisa que poderia ter descoberto por si mesma, esta criança foi impedida de inventar e, conseqüentemente, de entender completamente”.

Piaget (1995) discrimina a teoria sobre o desenvolvimento da criança, a qual está dividida em quatro estágios que ele próprio chama de fases de transição:

1º) Estágio sensório-motor (de zero a aproximadamente dois anos de idade)
- Anterior ao desenvolvimento da linguagem, corresponde ao estágio dos reflexos ou mecanismos hereditários, da organização das primeiras percepções e primeiros hábitos motores, dos primeiros sentimentos diferenciados, das regulações afetivas elementares, da inteligência senso-motora ou prática;

2º) Estágio pré-operatório (aproximadamente de dois a sete anos de idade)
- Estágio dos sentimentos interindividuais espontâneos, das relações sociais de submissão ao adulto, da inteligência intuitiva;

- 3º) Estágio operatório concreto (aproximadamente dos sete aos doze anos de idade) - Estágio dos sentimentos morais e sociais de cooperação e das operações intelectuais concretas (começo da lógica);
 4º) Estágio operatório formal (aproximadamente dos doze anos de idade em diante) - Estágio das operações intelectuais abstratas, da formação de personalidade e da inserção afetiva e intelectual na sociedade dos adultos (PIAGET, 1995, p. 15).

Para Piaget, há no desenvolvimento o envolvimento de diversos fatores: a maturação, as experiências físicas e lógico-matemática, a transmissão social e a equilíbrio, que se constitui o fator fundamental.

4.6 SENTIMENTOS COM OS RESULTADOS DAS TERAPIAS

Quando solicitamos ajuda terapêutica, ao mesmo tempo geramos e criamos expectativas de buscas e respostas. Com as buscas, queremos respostas, e com as respostas, queremos soluções e correções, por que, na verdade, queremos encontrar alívio para certo sofrimento ou certa dor. O romance **O filho eterno** destaca como ponto de partida mais uma estratégia, mais um recurso estético que dissimula o real. O romance é construído em boa parte em torno da busca pelas terapias, o desejo da cura ou da normalidade através dos diferentes processos terapêuticos nos anos de 1980:

Está há mais de um ano seguindo à risca o tratamento da clínica: exercícios de braços e pernas de padrão cruzado, várias vezes ao dia; sessão de palavras e imagens; máscara para respirar; deixar o máximo de tempo a criança no chão; estímulos de todo tipo. Mas o pai começa a desabar. Não está aguentando. Desistiu de perseguir as metas da formação da inteligência segundo Piaget – de um momento em diante, como os chimpanzés de pesquisa, que brilham nos primeiros meses de vida humilhando bebês humanos de mesma idade e em seguida estacionam para sempre, seu filho começou a ficar irremediavelmente para trás (TEZZA, 2007, p. 117).

O escritor, ao apresentar a história sentimental conturbada em relação aos resultados e medos das terapias, faz com que testemunhemos a perplexidade diante dessa experiência, ademais, as constantes e dolorosas tentativas de elaboração do vivido e a permanente sensação de fracasso diante desse propósito:

A felicidade. Sempre sentiu medo dessa palavra, que lhe soa arrogante, quando levada a sério; quando usada ao acaso, gastou-se completamente pelo uso e não corresponde mais a coisa alguma, além de um anúncio de tevê ou uma foto de calendário (TEZZA, 2007, p. 155).

A linguagem carrega os sentimentos sobre aquilo que de outra maneira poderia estar perdido ou permanecer obscuro, incompreensível pelo leitor. Nesse entendimento, a análise das referências sobre as terapias e frustrações funcionam como elemento, um elo elaborado para refletir sobre o real e o ficcional nas escritas de si na literatura contemporânea, uma biografia em forma de ficção.

No plano das questões sociais que aparecem na obra sobre uma realidade reveladora de tabus e preconceitos sobre as terapias e sobre seus resultados, apresenta-se o romance de Tezza, demonstrando dificuldades nos avanços dos tratamentos, corroborando com uma visão pessoal do autor.

Trabalhando no entremeio dos efeitos da audiência não-punitiva, destacamos a importância para o processo terapêutico, o falar, por outro, talvez, pode-se destacar que tal efeito, pelo menos no primeiro momento, configura uma situação aversiva para o cliente, uma vez que ao falar sobre suas dificuldades entra em contato com o que o faz sofrer, “ linguagem é uma conquista penosa” (TEZZA, 2016, p. 122).

Enquanto o contato com o sofrimento ocorre, o terapeuta continua exercendo seu papel de audiência não-punitiva, acolhendo, compreendendo e aceitando as verbalizações ou outros comportamentos apresentados pelo cliente. Neste caso, o comportamento do cliente está sendo mantido, tanto por reforço positivo (*feedbacks* verbais e não-verbais fornecidos pelo terapeuta) quanto por negativo (alívio ao expor o que estava guardado).

Memória e história conjugam-se na produção literária de preocupações sociais, políticas, culturais, ciência e vida, contornando a relação pai e filho mediante os métodos de tratamentos aplicados nas clínicas terapêuticas em 1980.

Uma das características da SD é a deficiência intelectual que ocorre em razão do desenvolvimento cerebral deficiente provocado pela anomalia cromossômica. Portanto, entender as palavras de Tezza descritas sobre o desenvolvimento da SD exigem alguns apontamentos acerca da memória, sua funcionalidade e questões de neuroplasticidades que levam a considerar a importância das terapias e suas estimulações para o desenvolvimento cognitivo.

Assim, não é possível falar de estimulações terapêuticas com pessoas ou crianças com SD sem contextualizar a importância da memória para aprendizagem. A memória representa um fato merecedor de uma análise profunda em seus

significados para construção de novos ou preservação de antigos conceitos sobre a SD.

Segundo Kozma (2007), o Sistema Nervoso Central da pessoa com SD apresenta anormalidades estruturais e funcionais que acarretam dificuldades cognitivas, principalmente na linguagem e na memória – as alterações na estrutura cerebral, como tamanho encefálico, geralmente 3% inferior quando comparado aos dados padronizados referentes.

Existem várias abordagens que encarnam bem a definição de memória:

[...] a **memória** dos homens e dos animais é o armazenamento e evocação de informação adquirida através de experiências; a aquisição de memórias denomina-se *aprendizado*. Não há memória sem aprendizado, nem há aprendizado sem experiências (IZQUIERDO, 1989, p. 89, grifos do autor).

As definições que surgiram ao longo da história suscitaram discussões e desencadearam sentidos que estão presentes hoje nas diversas abordagens psicológicas e pedagógicas que norteiam os leitores, pois não estamos falando de algo simples, já que o armazenamento e a evocação de informação fundamentam o aprendizado.

Seguindo a perspectiva discursiva de Izquierdo (1989), o conceito de memória é responsável por guiar em maior ou menor grau de teóricos e terapias:

Outros autores preferem classificar as memórias de acordo com o tipo de informação: declarativa ("saber que") e de procedimentos ("saber como"); ou semântica (vgr., a linguagem, ou outros códigos) e episódica (memória de eventos ou episódios) (SQUIRE, 1987); ou em "hábitos" e "memórias" (MISHKIN et al., 1984, p. 65-77), como se um hábito não fosse, por definição, uma memória. Apesar de algumas tentativas iniciais (MISHKIN et al., 1984; SQUIRE, 1987), nunca foi tipos de memória. Uma memória declarativa (*sabemos que pôr os dedos na tomada é perigoso*) se converte, pela repetição, numa memória de procedimentos (automaticamente, *sabemos como* não colocar os dedos nas tomadas), ou num hábito (IZQUIERDO, 1989, p. 94, grifos do autor).

As experiências são responsáveis pela formação da memória, e é preciso considerar quatro aspectos fundamentais: aquisição, consolidação, incorporação de informação e registros.

Recebemos as informações e, por meio da aquisição, a informação chega até nosso sistema nervoso e se dá por meio das estruturas sensoriais, as quais transportam a informação recebida até o cérebro. Segundo Izquierdo (1989, p. 94), "recebemos informações constantemente, através de nossos sentidos; mas não

memorizamos todas”. Posteriormente, temos o processo de consolidação, que diz respeito ao momento de armazenar a informação:

As memórias não são gravadas na sua forma definitiva, e são muito mais sensíveis à facilitação ou inibição logo após sua aquisição que em qualquer outro período posterior. Uma memória recente é muito mais suscetível ao efeito facilitador de certas drogas ou ao efeito [...] (IZQUIERDO, 1989, p. 94).

Izquierdo (1989) continua: “As memórias são também muito mais sensíveis à incorporação de informação adicionais nos primeiros minutos ou horas após a aquisição”. A memória tem sido vinculada à lembrança de um passado original. Porém, ela pode ser compreendida a partir da reconstrução contínua de significados simbólicos atribuídos a objetos desvinculados de seu contexto de origem. Assim, temos os mecanismos que selecionam as informações que serão eventualmente armazenadas. Um possível percurso para listar reconhecimento de determinado estímulo no hipocampo (o hipocampo tem esse nome por ter a forma de um cavalo-marinho) é que intervém no reconhecimento de determinado estímulo, configuração de estímulos, ambiente ou situação, se são novos ou não, e, portanto, se merecem ou não ser memorizados. Temos uma memória seletiva que executa alguns aspectos fundamentais para sua formação e seleção:

a) distinguir estímulos, combinações de estímulos e ambientes; b) compará-los com memórias preexistentes, armazenadas no cérebro (não, como vimos, no próprio hipocampo); c) emitir informação referente à novidade ou não da situação ou do ambiente a outras estruturas (seus sítios de projeção). De fato, só reconhecemos que "aprendemos algo" quando se trata de algo novo; não de algo que já sabíamos (IZQUIERDO, 1989, p. 94, grifo do autor).

Zeaman e Horse (1963), assim como Furby (1974), citados por Bartz (2003), acreditam que a criança com SD apresenta barreiras quanto à possibilidade de aquisição de hábitos de fixação, focalização e mobilização da atenção, demonstrando a necessidade e a importância metodológica das terapias para o reforço das estimulações precoces a esta população para a formação e a modulação da memória.

Assim, exposição a estímulos ou ambientes não-novidosos articulam e mediam as memórias, onde os conhecimentos antigos são associados de maneira que se consolidam.

Izquierdo (1989, p. 95) afirma que podemos perceber muitos estímulos ao mesmo tempo, em diversas combinações; e podemos até formar várias memórias novas simultaneamente e algumas, porém, serão melhor consolidadas que outras.

A consolidação da memória é modulável, necessita de estímulos e os estímulos precisam de sentimentos que fundamentariam a forma disponível de afetar a memória quantitativamente ou até qualitativamente. Através dessas variáveis (estímulos e sentimentos), agem sobre os sistemas moduladores, selecionando o que vai ser memorizado ou descartado. O processo de modulação é conhecido como armazenamento ou evocação da memória.

Assim devemos considerar as palavras de Izquierdo (1989, p. 98) de que vários sistemas hormonais também modulam a consolidação. Os hormônios mais estudados são adrenalina, adrenocorticotrofina e vasopressina, três hormônios liberados em resposta ao alerta e/ou ao estresse.

É imprescindível considerar que as crianças com SD possuem uma capacidade de percepção, transformação e adaptação das informações, dos fatos e das situações nos ambientes e isso faz com que selecionem suas memórias. Quanto maior forem as emoções de suas memórias, maior será a facilidade de armazenamento:

As memórias adquiridas em estado de alerta e com certa carga emocional ou afetiva são melhor lembradas que as memórias de fatos inexpressivos ou adquiridas em estado de sonolência. Os estados de alerta, afetivos e emocionais se acompanham da liberação de hormônios periféricos e neurotransmissores centrais (IZQUIERDO, 1989, p. 97).

A partir dessa perspectiva, fatores como atenção, motivação, nível de estresse e estado emocional são fundamentais para uma boa consolidação de memórias. Além da perda natural que ocorre com o decorrer do tempo, as induções por parte de terceiros também pode nos levar a editar nossas lembranças. As memórias, portanto, são editáveis:

A psicóloga através das terapias demonstrou a força da indução na alteração de nossas memórias. Essa força é tamanha que levou muitos indivíduos a criarem uma lembrança completamente falsa sobre um determinado episódio de suas infâncias (IZQUIERDO, 1989, p. 97).

Podemos dizer que tão importante quanto conseguir memorizar é conseguir esquecer. O esquecimento acontece porque somos congestionados com incontáveis

estímulos o tempo inteiro, muitos dos quais são totalmente irrelevantes. Por isso, selecionamos as informações mais importantes para serem arquivadas.

A incorporação de informação farmacológica às memórias ocorre só até os primeiros 5 a 10 minutos após cada experiência; a liberação ou injeção das substâncias além desse período não é mais efetiva.

Várias dessas substâncias afetam a memória. Numerosos experimentos com drogas que liberam, mimetizam ou bloqueiam sua ação demonstraram que as mesmas não atuam durante a aquisição, senão no período imediatamente posterior, afetando a consolidação (IZQUIERDO, 1989, p. 97).

Assim, a memória correspondente foi adquirida durante um estado induzido pela droga em questão. Isso costuma fazer com que o sujeito precise voltar a esse estado, através de uma nova ingestão da droga, para poder evocar corretamente. Esta dependência de estados induzidos por drogas tem sido registrada. Por outro lado, uma memória extinta é aquela que fica latente. Porém, diante de condições específicas através de terapias, somos capazes de evocá-las e estimulá-las.

Para Izquierdo (1989, p. 95), as memórias, uma vez consolidadas, distribuem-se difusamente pelo córtex cerebral. A perda de memória denominada demência acontece quando ocorrem lesões corticais extensas. Isso se dá na doença de Alzheimer, na qual ocorre uma excessiva deposição de proteínas anômalas formando corpúsculos e emaranhados que impedem o trânsito de substâncias químicas no corpo celular dos neurônios e nas sinapses. A definição de amnésia esclarece a diferença entre o esquecer positivamente do esquecer negativamente envolvendo doenças:

Denomina-se amnésia a perda de memórias preexistentes (amnésia retrógrada), ou a incapacidade de formar memórias novas (amnésia anterógrada). A perda total de memórias, anterógrada e retrógrada, se denomina amnésia global, esta é, geralmente, transitória e reversível, e se observa após grandes traumatismos cranianos ou acidentes vasculares cerebrais com edema cerebral (IZQUIERDO, 1989, p. 105).

Importa destacar que a demência significa a perda global das faculdades cognitivas em humanos, geralmente irreversível, onde 50% dos casos de demência são devidos à doença de Alzheimer, antigamente chamada demência senil ou arterosclerótica. No entanto, suas alterações diagnósticas apontaram para a fragilidade das pessoas com SD. Izquierdo (1989, p. 105) registra:

Sua causa é desconhecida e se acompanha de lesões muito disseminadas, tanto em áreas corticais como em núcleos e projeções colinérgicas, noradrenérgicas, dopaminérgicas serotoninérgicas e b-endorfínicas. A Doença de Alzheimer inicia de forma insidiosa depois dos 50 anos, mais comumente depois dos 70; em pacientes portadores da SD, sua incidência é muito alta e seu começo pode ser numa idade muito menor (40 anos). Demências com lesões também difusas podem se observar em pacientes com *infartos cerebrais múltiplos* por embolia ou hemorragia (10 a 30% das demências). As lesões vasculares podem ser secundárias à arterosclerose (metade ou mais dos casos), ou a traumatismos cranianos reiterados (por ex., nos boxeadores), ao alcoolismo crônico (10% das demências) ou outras intoxicações (solventes orgânicos, alumínio, monóxido de carbono). A Síndrome da Imunodeficiência Adquirida inclui, muitas vezes, um quadro demencial, que às vezes é manifestação precoce da doença, e cuja patologia não é ainda bem conhecida (IZQUIERDO, 1989, p. 105, grifos do autor).

Um tratamento medicamentoso adequado com drogas e terapias que estimulam sistemas noradrenérgicos centrais promovendo avanços na depressão e na perda neuronal progressiva que se inicia, no homem, no primeiro ano de vida, pode atingir proporções importantes depois dos 70 ou 80 anos.

Sobre a evocação da memória, Izquierdo (1989, p. 104) diz esta não ocorre espontaneamente, sendo sempre desencadeada por algum estímulo ou estímulos iguais ou semelhantes àqueles inerentes a cada experiência. Algumas memórias requerem muitos estímulos para serem armazenadas, como o uso de regras como procedimentos terapêuticos, por exemplo, sendo revelada quando a experiência e a ajuda dos procedimentos terapêuticos facilitam o desempenho da memória.

Tezza ressalta uma das técnicas terapêuticas para a organização da memória:

A rotina é uma máquina extraordinária de estabilidade e a condição básica de maturidade emocional e social – ele dirá, anos depois, pensando não em si, mas no filho. A rotina diária dá ao menino um eixo tranquilizador. A criança ainda não tem (a difícil) noção de “ontem”, “hoje” ou “amanhã” – vida é um presente perpétuo irredimível, como num verso de Eliot, mas sem o seu charme; o tempo é um “em si” não angustiante, o espaço imediato em que o menino se move, e mais nada. Como num jogo de armar, na sequência de fatos, eventos e coisas a fazer que recomeça todos os dias pelo espírito de organização da mãe (e não do pai), Felipe começa a se educar e a descobrir, de forma cada vez mais precisa, os seus limites (TEZZA, 2016, p. 149, grifos do autor).

Alicerçada no discurso de estimulação e organização da memória, podemos destacar que as pessoas com SD, quando atendidas e estimuladas adequadamente, têm potencial para uma vida saudável de plena inclusão social. O potencial a ser desenvolvido é sempre uma fronteira a ser cruzada diariamente. A trissomia 21 é a

principal causa genética da deficiência intelectual com condição clínica acompanhada por graus variáveis. Assim, deficiência intelectual representa uma barreira para a aprendizagem e memória.

É possível que experiências sensoriais possam provocar uma reação imediata no corpo ou serem armazenadas como memória por minutos, semanas ou anos até que sejam utilizadas num futuro controle de atividades motoras ou em processos intelectuais. Aprendemos aquilo que vivenciamos, assim armazenamos ou memorizamos através de várias mediações. Uma delas corresponde à repetição para formação da memória. Tezza exemplifica claramente a aprendizagem das crianças através das vivências quando relata o hábito da repetição e preferências pelos mesmos desenhos e histórias:

As crianças querem ver sempre o mesmo desenho animado, querem ouvir sempre a mesma história, milhares de vezes, ele se espanta. A menina sabe de cor todas as histórias, que repete para o irmão, a um tempo presente e ausente, e teatraliza situações familiares em que ela é a mãe e ele o filho. Como todas as crianças do mundo em situações semelhantes, a imitação é a força motora de tudo que se cria, o pai supõe, sempre inseguro no seu trabalho de escritor (TEZZA, 2007, p. 193).

O repertório da memória aumenta com a repetição de certos fatos ainda não compreendidos. Por isso, uma criança ou um adulto aumenta seu armazenamento de acordo com suas relações e expressões através das sensações que estes lhe proporcionam e das ações que executam sobre o meio e da reação deste meio.

Seguindo, Schirmer et al (2007) acreditam que “o armazenamento é possível graças à neuroplasticidade, que pode ser definida como a capacidade que o cérebro tem de se transformar diante de pressões aos estímulos”. Então, a repetição de percepções e ações com sentimentos geram um armazenamento maior e melhor na memória. Tezza divulga esses conceitos em suas palavras quando ressalta o tema futebol como agente mediador e estimulador da alfabetização da criança com SD:

Mas há um outro ponto, outra pequena utopia que o futebol promete – a alfabetização. É a única área em que seu filho tem algum domínio da leitura, capaz de distinguir a maioria dos times pelo nome, que depois ele digitará no computador para baixar os hinos de cada clube em mp3, e que cantará, feliz, aos tropeços (TEZZA, 2007, p. 221).

O autor de **O filho eterno** direciona suas palavras para um possível caminho de consolidação da memória que seria a alfabetização de uma criança com SD, em

acordo aos estudos de Izquierdo (1989, p. 104), que foca na influência positiva dos estímulos e das emoções para a consolidação da memória.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As argumentações apresentadas nesta dissertação sobre **O filho eterno**, de Cristovão Tezza, foram orientadas pela hipótese de que o grau de detalhamento desses procedimentos terapêuticos e a representação emocional mobilizada na composição da narrativa levaram à recepção da obra ligada ao campo das escritas do ego, em especial, da autoficção. Nesse sentido, nossa grande preocupação foi demarcar os recursos literários, as táticas e os estilos adotados pelo autor mediante os desdobramentos dos discursos conflitantes entre realidade e ficção, memória e literatura, estéticas literárias e identidades.

Acreditamos ter demonstrado que a obra literária selecionada permitiu refletir sobre as formulações do autor através de suas memórias, na qual não só revisa como mobiliza boa parte para criações intelectuais. Nossa proposição foi evidenciar o modo contemporâneo do escritor, que se vale, muitas vezes, de sua trajetória de vida para construir o seu discurso romanesco. Nosso intuito foi o de ressaltar a singularidade do autor e sua postura de escrita através da compreensão da história das terapias e seus métodos para estimularem crianças com SD no Brasil na década de 1980. Questões ligadas à Literatura, à Psicanálise e às Ciências Sociais, foram abordadas aqui também no sentido de uma interpretação significativa para ampliarmos os conhecimentos no campo da literatura e no campo da vida.

Para fundamentar nossos estudos, consideramos os pressupostos teóricos delineados nas abordagens de Paula Sibilia sobre a sociedade marcada pela espetacularização do sujeito. Além disso, os estudos de Karl Erik Schøllhammer sobre a representação do eu nas narrativas contemporâneas brasileiras. Finalmente, para nos aproximarmos de uma definição da auto-ficção dentro do universo dos discursos ficcionais, apoiamos-nos nas orientações de Anna Faedrich, que retoma muitos dos argumentos de Doubrovsky sobre a obra não ser mais como um texto fechado, mas um suporte interativo de comunicação entre a interpretação do leitor com o autor.

Para compreender a constituição dos sujeitos e do processo de estimulação terapêutica e educacional na SD, orientamo-nos pelas citações sobre as terapias através das análises dos pensamentos de autores diversos, tais como Burrhus Frederic Skinner, cientista da área da Psicologia; Jean William Fritz Piaget, psicólogo; e Sigmund Freud, médico neurologista.

Ao longo desta dissertação, desenvolvemos cinco seções sobre a composição de cunho íntimo, oferecendo uma compreensão do autor enquanto escritor contemporâneo e seus conflitos decorrentes da constatação de ter um filho com deficiência e suas dificuldades sociais, educacionais e de saúde no Brasil.

Na segunda seção desta dissertação, **O filho eterno**: recepção e análise, discutimos os elementos de um roteiro e seus intercâmbios entre literatura, cinema e teatro com os seus vários núcleos narrativos, que coexistem em um mesmo texto. Com o propósito de desenvolver diferentes procedimentos estéticos de representação artística utilizando os três núcleos narrativos: o primeiro deles, o 'Núcleo Médico'; o segundo, 'Núcleo de Superação', que se articula ao tipo de narrativa produzido pelo modelo social e político; e, por fim, o 'Núcleo de Corporeidade', cujas narrativas aproximam-se daquelas produzidas pelos estudos críticos sobre deficiência. A demonstração desses recursos apontarão que as escolhas estéticas e técnicas do autor resultarão numa obra híbrida entre a realidade e a ficção.

A relevância da terceira seção, intitulada **O Conceito de autoficção**: A representação emocional mobilizada na composição da narrativa, faz notar as abordagens das escritas de si, iniciadas pelas definições dadas por Foucault para seguidamente chegarmos à leitura de Philippe Lejeune e suas intensificações que se equilibram na mistura das fronteiras entre real e não real. A partir daí, entramos nos debates em relação ao polêmico conceito de autoficção. Enfim, a proposta se concentra no ideal de trazer meios, ferramentas de leitura e reflexão para enriquecer nossas abordagens de recepção.

A seção final, **As construções sociais, educacionais e terapêuticas da sociedade brasileira na década de 1980**, viera para enlaçar fatos que auxiliaram na compreensão do universo romanesco de autoficção. Nesse sentido, a seção proporcionou uma valiosa aprendizagem, um importante foco de discussão transdisciplinar dentro de um parâmetro de referência para traçar um paralelo sobre as questões em torno da deficiência e dos fenômenos sociais do passado e presente.

Por fim, fizemos uma leitura da obra buscando evidenciar a necessidade da elaboração deste estudo, que parte da escassez de trabalhos acadêmicos que envolvam necessariamente as terapias como moldura para o desenvolvimento de uma obra de autoficção.

Durante esse tempo de pesquisa, muitas coisas mudaram ou tomaram forma. Enquanto o mundo tentava conter o avanço da doença, o nosso cotidiano mudou, ainda que temporariamente: veio o isolamento social, a quarentena e as aulas virtuais. Em meio a um contexto de pandemia, expressamos o pesar pelo passamento do professor e pesquisador Iván Izquierdo, que muito ancorou nossas reflexões nessa dissertação. Aos 84 anos, no dia 9 de fevereiro de 2021, em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, morria em decorrência de pneumonia pós-Covid-19. Com suas palavras e suas formulações de especialista, empreendemos uma viagem pelos conceitos de memória e armazenamento como recursos e abordagens adotados pelo escritor Cristovão Tezza, autor de **O filho eterno**.

Isso justifica uma reflexão mais profunda e adaptada ao próprio contexto da obra literária, por que não existe literatura sem humanidade. Ela reflete, espelha, direciona, norteia e é resultado e força motriz da atividade humana sobre a terra.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Patrícia. **SD na história**: movimento Down. Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 1-1, 21 mar. 2012. Disponível em: <http://www.movimentodown.org.br/movimento-down>. Acesso em: 4 nov. 2020.
- AMIRALIAN, Maria L. T. et al. Conceituando deficiência: the concept of disability. **Revista de Saúde Pública**: Journal of Public Health, São Paulo, v. 34, n. 1, p. 97-103, fev. 2000. Disponível em: <https://www.scielo.org/pdf/rsp/2000.v34n1/97-103/pt>. Acesso em: 17 jun. 2021.
- APAE. **Deficiência intelectual**: o que é. 2015. Disponível em: <http://www.apaesp.org.br/SobreADeficienciaIntelectual/Paginas/O-que-e.aspx>. Acesso em: 20 jun. 2015.
- ARBEX, Daniela. **Holocausto brasileiro**: genocídio: 60 mil mortos no maior hospício do Brasil. São Paulo: Geração Editorial, 2013. 278 p.
- BAHLS, Saint Clair; NAVOLAR, Ariana Bassetti Borba. Terapia Cognitivo-comportamentais: Conceitos e pressupostos teóricos. **Revista Eletrônica de Psicologia**, Curitiba, v. 4, n. 1, p. 1-11, 4 jul. 2004. Disponível em: <http://www.utp.br/psico.utp.online>. Acesso em: 14 dez. 2020.
- BAMPI, Luciana Neves da Silva; GUILHEM, Dirce; ALVES, Elioenai Dornelles. Modelo social: uma nova abordagem para o tema deficiência. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Brasília, v. 4, n. 18, p. 1-9, ago. 2010. Disponível em: <http://www.eerp.usp.br/rlae>. Acesso em: 16 jun. 2021.
- BARRETO, Carine do Espírito Santo. Um estudo sobre a gestalt-terapia na Contemporaneidade. **Psicologia.Pt**: repositório online luso-brasileiro especializado em Psicologia, Porto, p. 1-17, 2 jul. 2017. Disponível em: <http://www.psicologia.pt>. Acesso em: 21 out. 2020.
- BECK, Judith S. **Terapia cognitiva**: teoria e prática. Porto Alegre: Artmed, 1997. 352 p.
- BORGES, Jorge Luis. **Otras inquisiciones**. Buenos Aires: Emece, 1960.
- BOURDIEU, Pierre. A Ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta; AMADO, Janaina (orgs). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996.
- CASARIN, Jornalista Rodrigo (ed.). **Página Cinco**: história de o filho eterno perde força na adaptação para o cinema. 30 nov. 2016. Facebook: uol.com.br. Disponível em: <http://paginacinco.blogosfera.uol.com.br>. Acesso em: 4 abr. 2021.
- CAÚ, Maria Castanho. O roteirista como escritor, o roteiro cinematográfico como literatura. **Rebeca - Revista Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual**, São Paulo, v. 6, n. 11, p. 253-269, set. 2017. Disponível em: <http://rebeca.socine.org.br/1/index>. Acesso em: 29 jul. 2021.

CORTEZ, Mariana; FELLINI, Dinéia Ghizzo Neto; BOGONI, Rosangela Marcilio. A relação pai e filho embalada pela SD em *O filho eterno* e *Mallko y papá*.

Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, Brasília, v. 54, p. 157-174, 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/elbc/n54/2316-4018-elbc-54-157.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2020.

DINIZ, Débora. **O que é deficiência**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2007.

DOUBROVSKY, Serge. **Fils**. Paris: Gallimard, 1977.

DOUBROVSKY, Serge. Les points sur les i. *In*: JEANNELLE, Jean-Louis; VIOLLET, Catherine (Dir.). **Genèse et autofiction**. Louvain-La-Neuve: Academia Bruylant, 2007. p. 53-65.

DOUBROVSKY, Serge. O último eu. *In*: NORONHA, Jovita Maria Gerheim (org.) **Ensaio sobre a autoficção**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

FAEDRICH, Anna. O conceito de autoficção: demarcações a partir da literatura brasileira contemporânea. **Itinerários**, Araraquara, v. 40, p. 45-60, jan. 2015. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/itinerarios/article/viewFile/8165/5547>. Acesso em: 15 mar. 2020.

FAEDRICH, Anna. Uma discussão teórica acerca da autoficção: a ficcionalização de si em *O filho eterno*, de Cristovão Tezza. **Letrônica**, Porto Alegre, v. 4, n. 1, p. 181-194, 2011. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/view/7984/6398>. Acesso em: 16 mar. 2020.

FIGUEIREDO, Vera Lúcia Follain de. **Narrativas migrantes: literatura, roteiro e cinema**. Rio de Janeiro: PUC-Rio/7Letras, 2010.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1977.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. *In*: **O que é um autor?**. Lisboa: Passagens, 1992. p.129-160. Disponível em: <http://eps.oti19jul2019.cs.org/material/entrada-outras-ofertas/livros/a-escrita-de-si-michel-foucault>. Acesso em: 8 ago. 2020.

FRANÇA, Tiago Henrique. Modelo social da deficiência: uma ferramenta sociológica para a emancipação social. **Lutas Sociais**, São Paulo, v. 17, n. 31, p. 59-73, ago. 2013. Disponível em: <http://www4.pucsp.br/neils/revista/vol-17-n-31.html>. Acesso em: 11 jun. 2021.

FREIRE, Izabel Ribeiro. **Raízes da psicologia**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

GILBERT, Ana Cristina Bohrer. Narrativas sobre SD no Festival Internacional de Filmes sobre Deficiência Assim Vivemos. **Interface**, Botucatu, v. 21, n. 60, p. 111-121, out. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/icse/v21n60/1807-5762-icse-1807-576220150958.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2020.

GOES, Fernando Antônio de Barros. Um encontro inesperado: os pais e seu filho com deficiência mental. **Psicol. Cienc. Prof. [online]**. Brasília, v. 26, n. 3, p. 450-461, 2006. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sciarttext&pid=S1414-98932006000300009>. Acesso em: 15 mar. 2020.

GOMES, Eliani de Lima Villas. **Os limites da representação**: ficção e biografia no romance *O filho eterno*, de Cristovão Tezza. 2011. 105 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2011.

IZQUIERDO, Ivan. Memórias. Estudos avançados. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 3, n. 6, p. 89-112, ago. 1989. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/8522>. Acesso em: 2 nov. 2020.

KLINGER, Diana. **Escritas de si, escritas do outro**: o retorno do autor e a virada etnográfica. Rio de Janeiro: 7letras, 2007.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à internet. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

LOPES, Renata Ferrarez Fernandes; MELO, Tatiane Coutinho Vieira de; SANTANA, Rodrigo Gomes. Interfaces da terapia cognitivo-comportamental familiar com a teoria piagetiana. **Revista Brasileira de Terapias Cognitivas**, Uberlândia, v. 2, n. 8, p. 101-108, 2012.

MAACO, Victor di. **Capacitismo**: o mito da capacidade. Belo Horizonte: Letramento, 2020. 82 p.

MARTINS, Bruno Sena. A reinvenção da deficiência: novas metáforas na natureza dos corpos. **Revista de Psicologia**, v. 27, n. 3, p. 264-271, dez. 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1984-0292/1653>. Acesso em: 14 jun. 2021.

MEIRELES, Carla. Santa Catarina: Somos Uma Organização da Sociedade Civil Sem Fins Lucrativos (Org). **Politize!**: A história da saúde pública no Brasil e a evolução do direito à saúde. 2018. Disponível em: <https://www.politize.com.br/direito-a-saude-historia-da-saude-publica-no-brasil>. Acesso em: 10 set. 2020.

MOREIRA, Márcio Borges; MEDEIROS, Carlos Augusto de. **Princípios básicos do comportamento de análise**. Porto Alegre: Artmed, 2007. 224 p. Disponível em: <http://www.iesb.com.br>. Acesso em: 16 out. 2020.

PERLS, Frederick; HEFFERLINE, Ralph; GOODMAN, Paul. **Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus Editorial, 1997. 268 p.

PIAGET, Jean. **O nascimento da inteligência na criança**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975. 389 p.

PREUSSLER, Roberta. **Autoficção como potência cênica**: prática como investigação a partir do espetáculo *Abstinência de Purpurina*. Lisboa: 2018. Disponível em: https://repositorio.ul.pt/bitstream/ulfl255460_tm. Acesso em: 15 nov. 2019.

REVISTA HELENA. **Curitiba**: Biblioteca Pública do Paraná, n. 11, jun. 2019. Disponível em: <http://www.helena.pr.gov.br>. Acesso em: 6 abr. 2021.

RIBAS, João Amálio. **Autoficções**: uma tendência do romance contemporâneo. 2013. 130 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013.

RICOEUR, Paul. **Memória, história, esquecimento**. Disponível em: http://www.uc.pt/fluc/uidief/textos_ricoeur/memoria_historia. Acesso em: 8 ago. 2020.

RICOEUR, Paul. **A hermenêutica Bíblica**. São Paulo: Loyola: 2007.

RIBEIRO, Walter Ferreira da Rosa. Gestalt-Terapia no Brasil: recontando a nossa história. **Rev. Abordagem Gestalt**, Goiânia, v. 13, n. 2, p. 255-259, dez. 2000.

SANTA, Everton Vinicius de. **A espetacularização do escritor**. 2016. 252 f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

SANTIAGO, Silviano. Meditação sobre o ofício de criar. **Aletria**, Rio de Janeiro, v. 18, p. 173-179, 2008, Disponível em: <http://www.periodicos.uff.br>. Acesso em: 24 out. 2021.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Terminologia sobre deficiência na era da inclusão**: reação, São Paulo, v. 24, p. 6-9, 2011.

SCHIRMER, Carolina Rizzotto et al. **Atendimento educacional especializado para alunos com deficiência física**: formação continuada à distância de professores para o atendimento educacional especializado. Brasília: SEESP/SEED/MEC, 2007. 129 p.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. **Ficção brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

SIBILIA, Paula. **O show do eu**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.

SILVA, Maria Andréia de Paula. **Silviano Santiago**: uma pedagogia do falso. Curitiba: Appris, 2016.

SKINNER, Burrhus Frederic. **Sobre o Behaviorismo**. São Paulo: Cultrix, 1974.

TEZZA, Cristovão. **Trapó**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1995.

TEZZA, Cristovão. W. Rio Apa: as trilhas da utopia, **Revista Letras**, n. 50, p. 59-71, jul.-dez. 1998. Disponível em: http://www.cristovaotezza.com.br/textos/resenhas/p_98_revletras.htm. Acesso em: 11 março. 2021.

TEZZA, Cristovão. **Entre a prosa e a poesia**: Bakhtin e o formalismo russo. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

TEZZA, Cristovão. **O filho eterno**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

TEZZA, Cristovão. **O fotógrafo**. 2. ed. São Paulo: Record, 2011.

TEZZA, Cristovão. **O espírito da prosa**. São Paulo: Record, 2012.

VALE, Cristina do. **A vertigem do indizível**: descaminhos da palavra em *O filho eterno*, de Cristovão Tezza. 2014. 111 f. Dissertação (Mestrado de Letras) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

ZILLOTTO, Denise Macedo; SANTOS, Everton Rodrigo. Corpo, significados sociais e a experiência da deficiência. **EF Deportes**, Buenos Aires, v. 126, n. 13, p. 1-4, nov. 2008. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd126/corpo-significados-sociais-e-a-experiencia-da-deficiencia.htm>. Acesso em: 14 jun. 2021.

ANEXOS

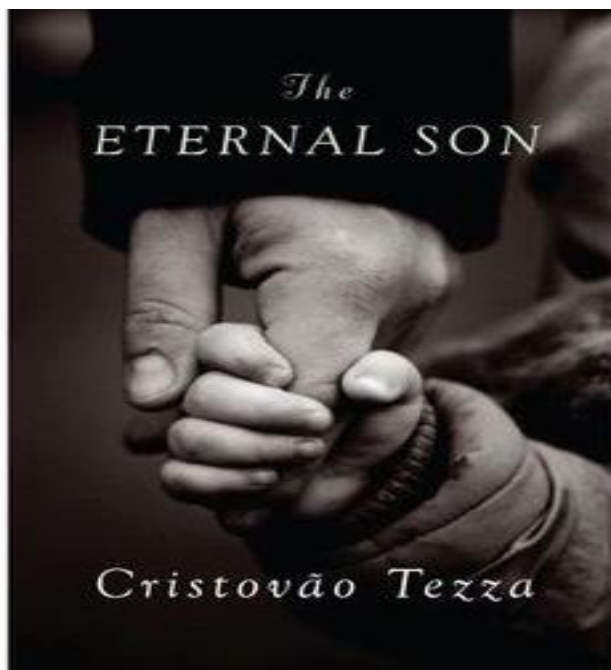
Anexo A: Cartaz do filme **O filho Eterno**



Anexo B: Capa do livro **O filho eterno** na tradução para o inglês



Anexo C: Cartaz do romance **O filho eterno** na versão adaptada ao teatro



Anexo D: Resposta de Cristovão Tezza sobre solicitação de material pela mestranda

Ajuda para Dissertação de Mestrado

Caixa de entrada



Olívia Bento <oliviacaastrobento@gmail.com>

sáb., 2 de mai. de
2020 14:35

para crtezza

Boa tarde!

Sou professora, coordenadora do AEE - Atendimento Educacional Especializado da Cidade de Santos Dumont/MG e sou Mestranda do Programa de Mestrado em Letras Área de concentração: Literatura Brasileira do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora/ CES.

Meu objeto de Estudo é o seu livro O filho eterno com as terapias dos anos 80.

Gostaria de solicitar, se possível, algum material que contenha mais dados sobre as terapias e sobre toda essa temática.

Obrigada.

Abraços fraternos,

Olívia



Cristovão Tezza <crtezza@gmail.com>

3 de mai. de
2020 17:26

para mim

Prezada Olívia,

Obrigado pela leitura e pelo interesse.

Mas não sei como ajudar você - faz muitos anos que não tenho mais contato com as práticas terapêuticas.

Lamento, mas não tenho mais nenhuma referência.

Sugiro que você procure as APAEs, que certamente poderão indicar fontes de estudo.

Um abraço cordial, com votos de sucesso para o seu projeto do

Cristovão



Olívia Bento <oliviacaastrobento@gmail.com>

3 de mai. de
2020 19:17

para Cristovão

Caro Cristovão Tezza, obrigada pelo retorno, agradeço a atenção.

Abraços,

Olívia.